

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Leonardo Francisco de Azevedo

**Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e a geopolítica do  
conhecimento nos intercâmbios acadêmicos**

Juiz de Fora  
Abril de 2015

LEONARDO FRANCISCO DE AZEVEDO

**Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e geopolítica do conhecimento nos intercâmbios acadêmicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), área de concentração “Diversidade e Fronteiras Conceituais”, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rogéria Campos de Almeida Dutra

Juiz de Fora  
Abril de 2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Azevedo, Leonardo Francisco de.

Deslocamentos estudantis : juventudes, trajetórias e geopolítica do conhecimento nos intercâmbios acadêmicos / Leonardo Francisco de Azevedo. -- 2015.

119 f.

Orientadora: Rogéria Campos de Almeida Dutra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

1. Cosmopolitismo. 2. Intercâmbios estudantis. 3. Internacionalização do ensino superior. 4. Juventudes. 5. Projeto. I. Dutra, Rogéria Campos de Almeida, orient. II. Título.

LEONARDO FRANCISCO DE AZEVEDO

**Deslocamentos estudantis: juventudes, trajetórias e geopolítica do conhecimento nos intercâmbios acadêmicos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), área de concentração “Diversidade e Fronteiras Conceituais”, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovada em 28 de abril de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rogéria Campos de Almeida Dutra  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Dias da Silva  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Siqueira Barreto  
Universidade Federal Fluminense

*À minha mãe Nasaré e ao meu pai Geraldo, que,  
mesmo não tendo certeza da grandeza do mundo,  
me deram asas e me permitiram ser do tamanho  
dos meus sonhos.*

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa muito mais do que apenas a conclusão de dois anos de pesquisa. Representa o fim de um ciclo em minha vida, iniciado em 2008, quando me mudei de terras lavrenses para Juiz de Fora, para iniciar minha trajetória como estudante na UFJF. Desta forma, foram várias as pessoas que passaram pela minha vida e afetaram, direta e indiretamente, minha trajetória acadêmica. A todas e todos, fica desde já meu agradecimento.

Inicialmente gostaria de agradecer a CAPES, agência de fomento do Governo Federal, que permitiu que eu me dedicasse integralmente a essa pesquisa, e também ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF que, ao me aceitar como um aluno e pesquisador, me permitiu contribuir com a consolidação de um programa que, mesmo novo, tem rendido grandes frutos e construído bases para um futuro promissor.

Gostaria de agradecer a UFJF, através de todos/as os funcionários/as do ICH e dos/as professores/as do Departamento de Ciências Sociais. Desde 2008, quando ingressei nessa universidade para fazer minha graduação, conheci grandes pessoas, tive experiências únicas e participei de inúmeros projetos e atividades que me fizeram sair dessa instituição muito maior do que quando entrei.

À minha orientadora Rogéria Dutra, que desde 2010 me orientou não apenas na iniciação científica, monitoria e pesquisa de mestrado, mas na vida. Toda sua dedicação, disposição, atenção e seriedade merece ser louvada, agradecida e servir como inspiração e exemplo. Rogéria me fez crer ainda mais que a universidade é uma instituição fundamental para construirmos e pensarmos novas práticas sociais, mas que a vida é muito grande para ser gasta em pequenos caprichos.

Agradeço também à professora Cristina Dias, que contribuiu com esta pesquisa tanto na banca examinadora de qualificação como na de defesa, bem como à professora Marcela Beraldo, que trouxe sugestões valiosas em minha qualificação, e à professora Alessandra Barreto, ao participar da banca examinadora de defesa e trazer para este debate por mim proposto todo seu acúmulo no tema.

Aos amigos e amigas que fiz em Juiz de Fora. Ao vir de uma cidade do interior, sem conhecer ninguém, os amigos se tornam nossa segunda família e tenho orgulho de dizer que fiz uma grande, bela e diversa família aqui. Desde as primeiras amizades que fiz, da turma CSO200831, até os veteranos e calouros que conheci graças ao Centro Acadêmico, as viagens para a ANPOCS, as festas, os botecos e as conversas na cantina. Aos amigos e amigas da pós,

que mesmo não convivendo com todos com a mesma intensidade da graduação, também fiz grandes amizades. Não vou ousar citar nomes aqui, pois sei que iria acabar deixando de mencionar um ou outro, e não quero incorrer nesse erro. Mas agradeço, de coração, a todos e todas vocês!

Aos meus amigos e amigas da militância. Com vocês, descobri que há uma Juiz de Fora muito mais complexa e heterogênea do que se pode ver de dentro da UFJF. Com vocês, vivi experiências únicas e significativas, conheci grandes pessoas e fiz parte de momentos históricos desta cidade que me acolheu.

Aos meus amigos e amigas de Lavras, sobretudo os que fiz na Pastoral da Juventude ainda adolescente, e que mesmo longe sempre foram uma presença importante e suas companhias, em todas as minhas idas a Lavras, me faziam voltar melhor.

A todos e todas que construíram junto comigo o MIAL, educadoras e adolescentes, que me permitiram enxergar a grandeza do mundo, suas injustiças e a necessidade de viver para mudá-lo.

Gostaria de agradecer particularmente à Prof.<sup>a</sup> Cláudia Ribeiro, do Departamento de Educação da UFPA, que, sendo minha primeira orientadora, me permitiu viver, desde o ensino médio, o ambiente universitário e todas as possibilidades que ele oferece, me fazendo apaixonar por isso que chamamos de universidade pública.

Gostaria de agradecer a todos os meus familiares, inclusive cunhado/as, sobrinhos/as, e ao meu irmão Carlos Alexandre e à minha irmã Iris Patrícia. Os dois que, cada um a seu jeito, foram fundamentais para que eu conseguisse concluir minha graduação e ingressar com tranquilidade no mestrado. É com orgulho que encaro a trajetória de vocês e sei que o sentimento é recíproco.

Também gostaria de agradecer imensamente ao meu pai Geraldo e à minha mãe Nasaré, que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado em todas as minhas decisões, desafios e dificuldades. Vocês são peça-chave dessa minha conquista e a vocês sempre vou dedicar todas as minhas vitórias, que também são de vocês. Obrigado pelo apoio irrestrito e pela confiança!

Por fim, gostaria de agradecer aos estudantes de graduação da UFJF que se dispuseram a ser interlocutores dessa pesquisa. Sem a disponibilidade de vocês este trabalho não seria possível, e graças a vocês pude pensar antropológicamente esta experiência que tanto marcou a vida de nós todos que já fizemos intercâmbio alguma vez na vida. Meu muito obrigado!

## RESUMO

As migrações, no mundo contemporâneo, têm se intensificado e se complexificado significativamente. Pessoas, objetos e ideias circulam por diferentes lugares e de distintas maneiras, redimensionando noções de espaço e tempo, de pertencimento e de configurações identitárias. A presente pesquisa, frente a esse contexto, objetivou investigar a migração estudantil através dos intercâmbios acadêmicos. Esse tipo de migração, crescente nos últimos anos, possui singularidades que afetam sobremaneira as trajetórias e percepções de quem os pratica. A partir da experiência de alunos de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que realizaram intercâmbio estudantil nos anos de 2013 e 2014, bem como da própria experiência do pesquisador, que realizou intercâmbio em sua graduação no ano de 2011, buscou-se compreender e caracterizar esse fenômeno. Através de entrevistas e observação participante, percebeu-se que este tipo de migração possui uma correlação direta com o corte geracional. A ideia de “ser jovem” pressupõe estar disponível para viver novas experiências e incorporar ideais cosmopolitas. Entretanto, esses estudantes, ao irem para um país estrangeiro, encontram dificuldades de integração com a população “nativa”, restringindo suas interações ao universo de seus pares, ou seja, outros intercambistas. Apesar dessa condição de “estrangeiro”, o intercâmbio atua como elemento diferenciador e distintivo em relação às redes desses estudantes no Brasil. Além disso, o intercâmbio contribui para a construção de projetos de vida e para a ampliação do “campo de possibilidades” desses sujeitos, alargando significativamente suas percepções e perspectivas sobre suas próprias vidas e sobre o mundo. O “estar fora”, a experiência do estranhamento, promovem a ressignificação de uma identidade brasileira, utilizada como estratégia de diferenciação em relação aos estrangeiros. Por fim, cabe destacar esse fenômeno como parte de projetos governamentais de desenvolvimento, se inserindo no cenário global da disputa geopolítica pelo conhecimento científico.

Palavras-chave: Cosmopolitismo. Intercâmbios estudantis. Internacionalização do ensino superior. Juventudes. Projeto.



## ABSTRACT

Migration, in the contemporary world, has intensified and got significantly more complex. People, objects and ideas circulate among different places and different ways, resizing notions of space and time and configurations of belonging and identity. This research, in this context, aimed at investigating the student's migration through academic exchanges. This type of migration, growing in recent years, has singularities that greatly affect the trajectories and perceptions of those who practice them. Based on the experience of the graduate students from the Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), which had exchanged students in the years 2013 and 2014, as well as the experience of the researcher, who was himself an exchange student on his undergraduation in 2011, there came an attempt to understand and describe this phenomenon. Through interviews and participant observation, it was noticed that this type of migration has a direct correlation to the generational cut. The idea of "being young" presupposes being available for new experiences and incorporating cosmopolitan ideal. However, these students who go to a foreign country face many integration difficulties to hang on with the locals, restricting their interactions to the universe of their peers, or, in other words, with other exchange students. Despite of this "foreign" condition, the exchange student acts as a differentiating and distinctive element for the network of these students in Brazil. In addition, the exchange student contributes to the construction of life projects and the expansion of the "field of possibilities" of these subjects, extending significantly their perceptions and perspectives on their own lives and on the world. The living out and the experience of the strangeness promote the redefinition of a Brazilian identity, used as a differentiation strategy in relation to foreigners. Finally, we highlight this phenomenon as part of government development projects, by inserting in the global arena of geopolitical dispute for scientific knowledge.

Keywords: Cosmopolitanism. Internationalization of higher education. Project. Student exchanges. Youths.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Total de vagas e destinos oferecidos no edital de intercâmbio internacional de graduação da UFJF (2006 - 2014) .....18
Quadro 1	Continentes, países de destino e intercambistas contatados .....23
Quadro 2	Perfil dos intercambistas interlocutores da pesquisa .....25

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Referência dos valores da bolsa de intercâmbio internacional .....	19
Tabela 2	Evolução Mundial do Número de Alunos Estrangeiros Matriculados no Ensino Superior (1975-2004) (em milhares) .....	34
Tabela 3	Principais Destinos dos Estudantes Estrangeiros (2006) .....	34
Tabela 4	Dez países que mais exportaram estudantes para os Estados Unidos (até 2005/06) .....	35

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS: MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS, A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFJF E NOVOS DESAFIOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>12</b>
1.1	PRIMEIRAS NOTAS SOBRE MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS .....	12
1.2	DA PERIFERIA DA CIÊNCIA PARA O MUNDO: A POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFJF E O INCENTIVO AO INTERCÂMBIO DA INSTITUIÇÃO .....	17
1.3	CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS OU DE QUANDO O PESQUISADO FOI (É) NATIVO .....	19
1.3.1	Desafios metodológicos: quando o campo se move (e o pesquisador não) .....	25
1.3.2	Etnografando sujeitos em deslocamento .....	26
1.3.3	De quando, os índios, ainda somos nós – investigando ambientes universitários .....	28
<b>2.</b>	<b>GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO: CIRCULAÇÃO DE SABERES, HEGEMONIAS CULTURAIS E DISPUTAS SIMBÓLICAS .....</b>	<b>30</b>
2.1.	SABERES EM DISPUTA .....	36
<b>3.</b>	<b>OS INTERCAMBISTAS EM AÇÃO: JUVENTUDES, LIMINARIDADE, DISTINÇÃO .....</b>	<b>42</b>
3.1.	“EU SOU MUITO MALEÁVEL, ADAPTADO, ENTÃO NÃO TENHO MEDO” – COSMOPOLITISMO COMO PROJETO .....	46
3.2.	“A GENTE ACABOU FICANDO ENTRE A GENTE” – LIMINARIDADE E <i>COMMUNITAS</i> DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS .....	52
3.3.	“GOSTO DAQUI, APESAR DE TER A CERTEZA DE QUE ESSE NÃO É O MEU LUGAR” – A CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO DOS INTERCAMBISTAS .....	62
3.4.	“FAZER INTERCÂMBIO É UM PRIVILÉGIO” – DISTINÇÃO E PRESTÍGIO DOS INTERCAMBISTAS E SUAS RELAÇÕES COM O BRASIL .....	70

<b>4.</b>	<b>O INTERCÂMBIO E A CONSTITUIÇÃO DE NOVOS SUJEITOS: ALARGAMENTO DO CAMPO DE POSSIBILIDADES, TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES .....</b>	<b>86</b>
4.1	“É META DE VIDA” – PROJETO DE VIDA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS INTERCÂMBIOS .....	98
4.2	“EU TIVE QUE SAIR DAQUI PRA VER QUE EU SOU BRASILEIRO MESMO” – CONFIGURAÇÕES E REAFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS NO EXTERIOR .....	101
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS, DISPUTA DE SABERES E A ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>107</b>
5.1.	TRAJETÓRIAS DOS INTERCAMBISTAS: ALARGAMENTO DO CAMPO DE POSSIBILIDADES E CONSTITUIÇÃO DE UM <i>HABITUS</i> COSMOPOLITA .....	107
5.2.	HEGEMONIAS EPISTEMOLÓGICAS, DISPUTAS CIENTÍFICAS E O PAPEL DA ANTROPOLOGIA HOJE .....	110
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>113</b>

# 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS, A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFJF E NOVOS DESAFIOS METODOLÓGICOS

## 1.1 PRIMEIRAS NOTAS SOBRE MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E MOBILIDADES CONTEMPORÂNEAS

A sociedade contemporânea, graças às inúmeras transformações ocorridas ao longo do século XX, sobretudo o desenvolvimento dos meios de comunicação e dos meios de transportes, gerou novas realidades e colocou, para o pensamento antropológico, o desafio de atualizar seus referenciais teórico-metodológicos para explicar e compreender todas essas mudanças socioculturais. Longe do hermetismo funcionalista<sup>1</sup>, as sociedades cada vez mais se cruzam e os elementos simbólicos e significados culturais cada vez mais se inter-relacionam e são ressignificados. Assim, a antropologia, longe de sua “missão” inicial em desbravar sociedades longínquas, “ameaçadas de extinção”, sente a necessidade e a importância de explicar estas novas realidades.

Nessa nova dinâmica social, os grupos sociais, as clivagens e as construções identitárias se configuram em escalas cada vez maiores, em constante processo de homogeneização e diferenciação. Ribeiro (2011), por exemplo, afirma que a globalização é caracterizada tanto pela intensificação da circulação de pessoas, bens e informações, quanto pelo “reembaralhamento” das relações entre lugares. Pessoas, objetos e informações não circulam de forma desconectada, e ampliaram sua capacidade de influência em diferentes contextos. Para o autor, “a particularidade das migrações internacionais em tempos de globalização exacerbada encontra-se mais na sua diversidade e complexidade do que no seu volume” (RIBEIRO, 2011, p. 15).

O fenômeno da globalização, dessa forma, pode ser entendido a partir de várias perspectivas. Como “sistema mundial”, a partir de Immanuel Wallerstein (1974), essa noção permite pensar a divisão do mundo em centro, semiperiferia e periferia. Como “encolhimento do mundo”, a partir de David Harvey (1996), ela revela o aniquilamento do espaço como fenômeno histórico-tecnológico de nossa época, resultado da operação de agentes e tecnologias reconhecíveis que devem ser objetos da reflexão social. Como fruto da composição de panoramas distintos, a globalização, para Arjun Appadurai (1990), envolve a

---

<sup>1</sup> A Escola Estrutural-funcionalista, criada pela antropologia britânica, tinha como paradigma compreender sociedades “tribais” considerando apenas seus elementos internos de organização, coesão e significado, não explorando a questão do conflito, do contato intertribal e das transformações culturais.

concorrência e simultaneidade no aumento da complexidade das paisagens étnicas, da hegemonia do capital financeiro globalizado, da difusão global de tecnologias, da capacidade eletrônica de produzir e divulgar informações e imagens criadas pela mídia e da disseminação de elementos da visão do mundo do Iluminismo, ou seja, a concatenação de ideias, termos e imagens, incluindo “liberdade”, “bem-estar”, “direitos”, “soberania”, “representação” e o termo matriz “democracia”.

Tal configuração suscita a reflexão sobre as representações sociais e redes de significados – ou cultura, nos termos de Geertz (1989)<sup>2</sup> – em outro patamar. Longe das antigas conceituações de comunidade, cultura local ou Estado-nação, que garantiam à antropologia um local bem demarcado de investigação, bem como uma maior facilidade em se realizar trabalho de campo ao situar os sujeitos em determinada configuração espacial (MARCUS, 2001), debates em torno de redes, fluxos e fronteiras emergem com vigor e pertinência. Conforme afirma Hannerz (1997, p. 7-8),

fluxo, mobilidade, recombinação e emergência tornaram-se temas favoritos à medida que a globalização e a transnacionalidade passaram a fornecer os contextos para nossa reflexão sobre a cultura. Hoje procuramos locais para testar nossas teorias onde pelo menos alguns dos seus habitantes são crioulos, cosmopolitas ou cyborgs, onde as comunidades são diásporas e as fronteiras na realidade não imobilizam mas, curiosamente, são atravessadas. Frequentemente é nas regiões fronteiriças que as coisas acontecem, e hibridez e colagem são algumas de nossas expressões preferidas por identificar qualidades nas pessoas e em suas produções.

Torna-se um desafio para as ciências sociais, portanto, conseguir compreender e explicar toda essa nova dinâmica social. Augé (1994), frente a essas transformações contemporâneas, aponta a necessidade de a antropologia repensar a categoria de *alteridade*. Para ele, tal empreendimento é necessário devido a três grandes transformações: no tempo, no espaço e na individualidade. Cunhando o termo “sobremodernidade”, o autor afirma que este cenário de mudança social decorre de uma época marcada pelos excessos: no que se refere ao tempo, há uma superabundância de acontecimentos no mundo presente; no que tange ao espaço, há uma ampliação radical de escalas, o que coloca nossa percepção do mundo em termos planetários; e com relação ao indivíduo, há uma percepção nas sociedades ocidentais de que pretende ser o mundo e que a produção individual de sentido se tornou um imperativo.

---

<sup>2</sup> Para Geertz (1989, p.4), “o conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.”

Para Marc Augé (1994), é tarefa central para a antropologia repensar suas categorias centrais e buscar novos mecanismos teóricos e metodológicos de explicação. Nesses termos,

o século XXI será antropológico, não apenas porque as três figuras do excesso são a figura actual de uma matéria primeira perene que é a própria matéria da antropologia, mas também porque, nas situações de sobremodernidade [...], os componentes adicionam-se sem se neutralizarem. Podemos, pois, tranquilizar de antemão os apaixonados pelos fenômenos da antropologia (da aliança à religião, da troca ao poder, da posse à feitiçaria): não correm o risco de desaparecer tão depressa, nem em África, nem na Europa. Mas voltarão a fazer parte (voltarão a fazer sentido) do resto, num mundo diferente de que os antropólogos de amanhã, tal como os de hoje, terão de compreender as razões e as desrazões (AUGÉ, 1994, p.48).

Os deslocamentos e mobilidades espaciais, portanto, estão carregados de novos significados e são produtores de novas representações. Para compreendê-los, é preciso um esforço teórico e metodológico de atualizar a teoria antropológica para essa nova realidade. É preciso que abandonemos aquela noção de unidades culturais, herméticas e autoexplicativas, com as quais a antropologia iniciou suas reflexões. Entretanto, não podemos cair no erro de apostar todas as fichas na noção contrária, de que tudo são fluxos e continuidades. Se Hannerz (1997) tem razão ao afirmar a urgência de pensarmos novos conceitos para esta nova realidade social, tais como os de fluxo, mobilidade, recombinação e emergência, não podemos negar a existência de clivagens, fronteiras e encerramento. Como afirma Lima e Sarró (2006, p.25), “é certo que o mundo ‘moderno’ se abre a novos fluxos, mas também é verdade que se fecha a outros (basta ver o processo de construção de identidade na Europa) e que ambas as coisas ocorrem em simultâneo. Encerramento e fluxo são consentâneos e sempre o foram.”

Para estes autores, a “boa antropologia” é aquela que consegue visualizar esse fluxo e esse encerramento que define qualquer realidade social, cuidando para não cair em extremos, seja criando uma comunidade hermeticamente imaginada, seja abandonando qualquer clivagem ou demarcação espacial. Assim, não se define a antropologia pela “distância” de seu campo, mas pelo encontro de diferenças culturais que se dão em diferentes espaços. Em um mundo pós-colonial – apesar de toda a crítica existente em torno deste tema (HALL, 2003), não há mais claramente definido, como outrora, metrópole *versus* colônia – é na cidade, na metrópole, que se encontram muitos modos de vida. No ambiente urbano, tal como no campo longínquo de outrora, há hierarquia, espaços diferenciados e definidos de forma complexa. As fronteiras se definem constantemente, e cabe ao pesquisador identificá-las e atravessá-las (PINA CABRAL, 2006, p. 181).



Frente a esse cenário complexo, de novas práticas sociais e novos paradigmas para a antropologia, o objeto da presente pesquisa se apresenta como substantivo para ambas as reflexões. Os estudantes universitários, ao realizarem intercâmbio, circulam por esse mundo “globalizado”, colocando novos desafios interpretativos à teoria antropológica. Com vistas a complementar sua formação, através, sobretudo, de políticas educacionais de internacionalização do ensino superior, muitos migram temporariamente para outros países e continentes, cursando disciplinas e participando de pesquisas distintas das que integra em seus países de origem, bem como vivenciando outras realidades culturais. Estudar no “exterior”, antes privilégio de uma restrita elite, tem se tornado, em diversos países, estratégia de mobilidade social empreendida em âmbito individual, familiar e até nacional. Entretanto, as diversas formas de vivenciar essa experiência envolvem múltiplos fatores: desde aqueles que contribuem para a decisão de fazer o intercâmbio – e atender as exigências institucionais de domínio da língua nativa do país para onde se vai, além de relativa condição econômica para viajar – até a escolha das disciplinas em que será matriculado, os prazos e o retorno.

Ao pretender investigar esse fenômeno, é fundamental pensar nos diferentes lugares, práticas e estilos de vida que essas pessoas vivenciam. Entretanto, tais experiências nunca são descoladas de redes de significado e organizações sociais mais amplas. Desta forma, cabe a qualquer pesquisador construir seus objetos e objetivos de pesquisa se atentando para os aspectos mais amplos da organização e ordenamento do mundo social, mas sem deixar de lado as dinâmicas do dia-a-dia, pautadas pela interação e ressignificação constante dos agentes sociais. Ao pensar na migração temporária de estudantes universitários, pensa-se, obrigatoriamente, na internacionalização de instituições de ensino superior em todo o mundo e também nas estratégias de governos e empresas na busca de inovação tecnológica e disputa comercial internacional. Entretanto, para além desses aspectos macros, pode-se também pensar nas dinâmicas individuais e localizadas dos atores que protagonizam tais políticas. O que antes era um *plus* no currículo, hoje se torna prática corrente nas universidades brasileiras, sobretudo públicas, entre alunos de graduação e pós-graduação que já vivenciaram, em algum período de sua vida acadêmica, aulas, pesquisas e seminários em universidades estrangeiras.

Pretende-se, dessa forma, investigar os aspectos caracterizadores e definidores desta prática social cada vez mais recorrente a partir da experiência de alunos de graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que, nos anos de 2013 e 2014, viajaram para o exterior em intercâmbio. Tal trabalho teve como motivação a minha própria experiência, ao cursar um semestre de minha graduação na Universidade de Coimbra, Portugal, no ano de

2011. Ao realizar intercâmbio, pude conviver com pessoas de diferentes países, classes e práticas sociais, além de presenciar “in loco”, ou seja, no estrangeiro, a dimensão desse fenômeno. Frente a essa pluralidade de experiências, fiquei motivado a pensar, de forma mais ampla e profunda, como aquela experiência era significada e compreendida por quem a vivenciava.

Para realizar tal pesquisa serão utilizadas, como perspectiva, as experiências e trajetórias individuais - protagonizadas por jovens universitários – e suas representações e significados socioculturais. Recorrer-se-á também à reflexão das dimensões macro analíticas, como as políticas de internacionalização do ensino superior formuladas pelas instituições universitárias, órgãos governamentais e agências de fomento, considerando os intercambistas operadores de um modelo de desenvolvimento vigente.

Toda e qualquer experiência cosmopolita<sup>3</sup> gera um alargamento do “campo de possibilidades” (VELHO, 2003) dos atores sociais. Tal experiência os obriga a negociar diferentes realidades e gramáticas culturais, capacitando-os a transitar por distintas concepções de mundo. Entretanto, a forma de vivenciar essa experiência é organizada a partir de diferentes variáveis. Se se trata de um refugiado político ou imigrante ilegal com vistas a trabalhos precários, a experiência será radicalmente distinta daquela que vivencia o “exterior” como um turista, um homem de negócios ou um estudante universitário.

Sendo assim, a presente pesquisa tem, como objetivo geral, definir o intercâmbio acadêmico enquanto uma prática específica de migração, identificando qual a sua relevância nas trajetórias de quem os pratica e como tal prática se alinha a um modelo de desenvolvimento, cooperação e competição internacional entre governos, universidades, empresas e mercados. Além disso, pretende-se, com esta investigação, reconhecer, caracterizar e identificar elementos e dimensões que envolvem esses intercâmbios; bem como contribuir com uma discussão metodológica acerca da etnografia em contextos de mobilidade. A pesquisa também permitirá, mesmo que de forma breve, refletir sobre se fazer etnografia em casa – ou seja, no ambiente acadêmico – e também sobre a questão do “estranhamento” em campo, considerando a experiência do pesquisador enquanto um ex-intercambista.

---

<sup>3</sup> A definição do conceito de “cosmopolitismo” será desenvolvida no segundo capítulo deste trabalho.

## 1.2 DA PERIFERIA DA CIÊNCIA PARA O MUNDO: A POLÍTICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFJF E O INCENTIVO À PRÁTICA DO INTERCÂMBIO NA GRADUAÇÃO

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), localizada na cidade mineira de Juiz de Fora, criou, em 1999, a Gerência de Relações Internacionais, responsável por estabelecer convênios entre a universidade e instituições estrangeiras.<sup>4</sup> A partir de então, o processo de internacionalização da UFJF através de intercâmbios se expandiu consideravelmente. Em 2003<sup>5</sup>, a Universidade criou o Programa de Intercâmbio Internacional de Graduação (PII-GRAD), que impulsionou o envio de estudantes de graduação da instituição para universidades estrangeiras. Esses convênios, até então feitos, em sua maioria, por agências de fomento nacionais, destinados, sobretudo, a alunos e programas de pós-graduação, se estruturou, a partir de então, no âmbito da universidade, envolvendo alunos de graduação. Com o incentivo institucional de tal prática, aliado ao aumento do investimento público nas universidades federais brasileiras, através da Reforma Universitária realizada em 2006; e ao empoderamento do país na geopolítica internacional, graças ao seu crescimento econômico, o número de convênios e vagas para intercâmbio acadêmico cresceram substantivamente nos últimos anos.

A Secretaria de Relações Internacionais da UFJF – órgão responsável por gerir os convênios e intercâmbios da universidade – disponibiliza, em seu site, dados referentes ao crescimento do número de destinos e vagas para alunos da graduação fazerem intercâmbio desde 2006<sup>6</sup> (Gráfico 1).

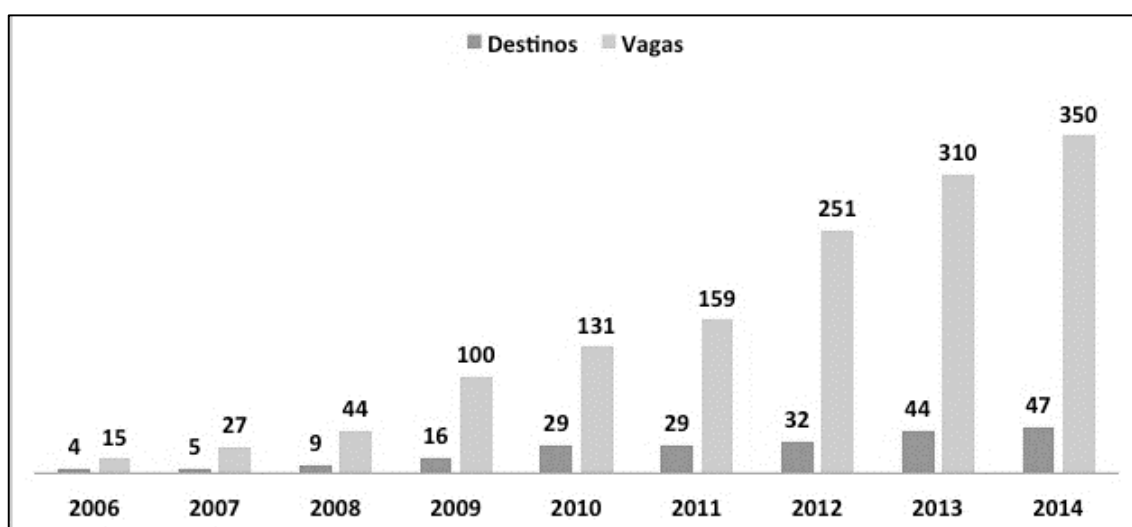
---

<sup>4</sup> Informações obtidas a partir de depoimentos da ex-reitora da UFJF, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Margarida Martins Salomão, e da então responsável pela Gerência de Relações Internacionais, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jovita Maria Gerheim Noronha.

<sup>5</sup> Todas as informações referentes à internacionalização da UFJF a partir de agora apresentadas foram retiradas do site oficial da instituição, da página Secretaria de Relações Internacionais. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sri-sou-aluno-ufjf/intercambio/pii-grad/>>. Acesso em 23/11/2014.

<sup>6</sup> O site afirma que a PII-GRAD iniciou-se em 2003, mas os dados disponibilizados oferecem informações sobre os intercâmbios apenas a partir de 2006.

**Gráfico 1: Total de vagas e destinos oferecidos no edital de intercâmbio internacional de graduação da UFJF (2006 - 2014)**



Fonte: Secretaria de Relações Internacionais da UFJF<sup>7</sup>

Em 2010, com a publicação da Resolução 16/2010 do Conselho Superior da UFJF, instituiu-se a Bolsa de Intercâmbio Internacional<sup>8</sup>. Essa bolsa, que desde então subsidia grande parte das vagas do PII-GRAD, foi criada vinculada ao Programa de Apoio Estudantil da UFJF: alunos com vulnerabilidade socioeconômica e bom desempenho acadêmico teriam prioridade na concessão de bolsas de intercâmbio. Quando criada, tinha o valor de R\$8.000, passando para R\$9.000, a partir de 2012. Em 2014, alterou-se a resolução da criação da bolsa, sendo que o valor a ser pago pela instituição dependeria do país de destino do intercâmbio (Tabela 1). Essa alteração foi feita a partir dos referenciais norteadores do Programa Ciência sem Fronteiras, criado pelo Governo Federal em 2011 para incentivar o intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras. Antes disso, independentemente do país de destino, os alunos contemplados pela bolsa da UFJF recebiam o mesmo valor, não respeitando as especificidades socioeconômicas de cada país de destino. Apesar de haver um crescimento exponencial do número de bolsas oferecidas pela instituição, ela ainda não contempla todos os intercambistas. Em 2013, foram 100 bolsas concedidas, num total de 350 vagas para intercâmbio.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sri-sou-aluno-ufjf/intercambio/pii-grad/>>. Acesso em: 23/11/14.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.ufjf.br/porta1/files/2010/04/16.2010.pdf>>. Acesso em: 23/11/2014

**Tabela 1: Referência dos valores da bolsa de intercâmbio internacional\***

<b>Região de Destino</b>	<b>Valor da Bolsa (em dólares americanos)</b>
África	US\$ 3.400,00
América Central e México	US\$ 3.400,00
América do Norte – EUA e Canadá	US\$ 5.800,00
América do Sul	US\$ 2.500,00
Ásia	US\$ 6.250,00
Europa – Portugal	US\$ 5.000,00
Europa – Demais países	US\$ 6.250,00
Oceania	US\$ 6.500,00

Fonte: RESOLUÇÃO Nº 15/2014 do Conselho Superior da UFJF.<sup>9</sup>

\*Elaborado com base no valor das passagens aéreas para cada região de destino e nos valores, proporcionalmente considerados, adotados pelo Programa Ciência Sem Fronteiras.

Além do PII-GRAD e do Ciência sem Fronteiras, a UFJF lançou, para o ano de 2015, o Programa de Intercâmbio Internacional do João XXIII (PII – JOÃO), um convênio entre o Colégio de Aplicação da UFJF João XXIII e a Mariagerfjord Gymnasium, na Dinamarca. Foram oferecidas 15 vagas, sendo 10 contempladas com bolsa, para um intercâmbio de três semanas na instituição estrangeira. Os alunos secundaristas, como na graduação, passam por um processo de seleção que inclui proficiência na língua inglesa e bom rendimento acadêmico. Ressalta-se que esse convênio é particularmente significativo como indicador do projeto de expansão das políticas locais de ampliação das oportunidades de intercâmbio para seus alunos, no âmbito da UFJF. Em curto intervalo de tempo, um dispositivo restrito aos alunos da pós-graduação chega ao alcance dos alunos do ensino médio.<sup>10</sup>

### 1.3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS, OU DE QUANDO O PESQUISADOR FOI (É) NATIVO

Conforme afirma Favret-Saada (2005), realizar uma etnografia está intimamente relacionado com ser afetado por aquilo que se estuda. Dessa forma, é impossível falar sobre

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sri-sou-aluno-ufjf/intercambio/pii-grad/>>. Acesso em: 23/11/2014.

<sup>10</sup> Apesar de fugir do escopo deste trabalho, cabe destacar que a UFJF também ampliou a oferta de vagas aos alunos estrangeiros. Em 2011, já haviam aproximadamente 100 estudantes estrangeiros na instituição, que disponibiliza, além das matérias ordinárias dos cursos de graduação e pós-graduação, um curso de português para estrangeiros (GUIA..., 2011, p.22). Mesmo não fazendo parte do meu universo de pesquisa, vale ressaltar que essa é uma importante faceta deste fenômeno, pois intensifica o processo de internacionalização da UFJF e permite com que grande número de alunos da instituição, mesmo aqueles que não realizaram intercâmbio, tenha contato com estudantes estrangeiros.

os sujeitos aos quais me interessei para realizar essa investigação sem, minimamente, relacioná-los com minha própria trajetória.

Oriundo de uma família de classe média baixa do interior de Minas Gerais, nunca havia convivido, no meu círculo familiar e de amizades primárias, com pessoas que tivessem passado por uma experiência no exterior. Entretanto, foi possível que eu mesmo passasse por tal experiência a partir da minha candidatura a uma bolsa para cursar antropologia na Universidade de Coimbra, no segundo semestre de 2011<sup>11</sup>. O grupo do qual eu fazia parte – cerca de 53 alunos da UFJF em intercâmbio em Portugal – indicava que meu caso não era exceção: grande parte deles eram os primeiros de suas famílias a ter uma experiência de viver no exterior.

Tais experiências, entretanto, acabaram nos colocando em relação com pessoas de diferentes circuitos e grupos de pertencimento. Devido às dificuldades de inserção na sociedade portuguesa, minha sociabilidade acabou ficando restrita a outros intercambistas, sendo eles do Brasil ou não. No que se refere aos brasileiros, havia um número expressivo estudando em Portugal naquele período, grande parte advinha de outras universidades federais e faculdades particulares brasileiras. Desses, a grande maioria era pertencente à classe média “tradicional” brasileira, filhos e filhas de profissionais liberais, empresários, servidores públicos. Além dos brasileiros, havia também muitos estudantes europeus, oriundos de outras partes do continente. Em grande parte agraciados pelo Programa Erasmus<sup>12</sup>, estavam em Portugal com interesse em aprender português, tendo o Brasil como um horizonte profissional possível.

A partir dessa rede à qual fui inserido, pude conviver e observar diferentes visões e representações sobre o que é ser um estudante universitário, o que é morar na Europa, o que é morar no Brasil, quais os projetos de vida, quais os posicionamentos políticos e condições socioeconômicas dessas pessoas, dentre outros elementos. Esse contexto traduz sua particularidade pelo momento histórico que vivíamos em solo europeu: um período de crise econômica profunda na Europa, com altas taxas de desemprego juvenil e de desassistência do poder público. Em contraponto a essa situação, a América Latina e, sobretudo, o Brasil, vivenciava um período de progresso econômico e social, com partidos de centro-esquerda

---

<sup>11</sup> A candidatura a Portugal se justificou pelo não domínio de outra língua estrangeira.

<sup>12</sup> “O Erasmus Mundus é um programa de cooperação e mobilidade no âmbito do Ensino Superior que apoia projectos de cooperação e mobilidade entre a Europa e países terceiros. Tem por objectivo tornar a União Europeia num pólo de excelência, no domínio do Ensino Superior, de nível mundial e, ainda, promover o diálogo e a compreensão através da cooperação com países terceiros.” Disponível em: <<http://www.dges.mctes.pt/erasmusmundus>> Acesso em 04/10/13.

gerando mudanças significativas nesses países e tornando-os mais impermeáveis à crise econômica em curso na Europa.

Sendo assim, os sujeitos aos quais eu estava interligado precisavam refletir e negociar suas representações cristalizadas em torno de questões centrais envolvendo diferentes países e culturas, como migração, desenvolvimento, civilização, economia, etc., e as novas transformações em curso. Para além disso, éramos de alguma forma representantes e operativos das políticas de internacionalização do ensino superior, que, em diferentes medidas, atingiam todas as universidades ao redor do mundo.<sup>13</sup> Entretanto, o discurso de cooperação científica, inovação tecnológica e excelência acadêmica, que orientam estas políticas, não necessariamente organizava a ação daqueles sujeitos. A grande maioria, vivendo sua primeira “experiência no exterior”, elencava uma série de prioridades, nas quais a vocação científica não era uma das mais privilegiadas.

A partir de toda essa vivência, as políticas de intercâmbio e seus significados políticos, econômicos e culturais passaram a me interessar. Pensar em torno da intenção das elites políticas e das agências estatais com esses programas, o interesse dos atores em participar de tais projetos e os significados simbólicos em torno destes deslocamentos me pareceu uma questão antropológica relevante.

Dessa forma, definiu-se como estratégia de pesquisa investigar estudantes universitários que estariam realizando intercâmbio no ano de 2013, pelo edital PII – GRAD 2012/2013 da UFJF. Há, atualmente, para além dos editais de intercâmbios realizados pelas próprias instituições, o Programa Ciência sem Fronteiras, do Ministério da Educação do Governo Federal, cujo intercâmbio possui peculiaridades que os distinguem dos editais organizados tradicionalmente pelas universidades. Como o interesse estava menos na avaliação dessa política, mas nas trajetórias e significados que orientavam o deslocamento dos estudantes, optou-se por investigar os que realizaram intercâmbio a partir da própria UFJF.

Sendo assim, acompanhei o processo de seleção para as vagas de intercâmbio da UFJF para o ano de 2013. Nesse edital, foram selecionados 137 alunos<sup>14</sup>, sendo 57 com bolsas da

---

<sup>13</sup> No Capítulo 4 serão abordadas, de forma detalhada, a geopolítica do conhecimento e a internacionalização do ensino superior a nível mundial. Cabe destacar, desde já, que uma das principais medidas adotadas por diferentes países com vistas a internacionalizar sua produção científica são as políticas de intercâmbio para alunos do ensino superior.

<sup>14</sup> O número de vagas disponíveis (310 vagas, conforme apresentado no Gráfico 1) não foram todas preenchidas. A lista divulgada pela SRI contava com 137 alunos selecionados. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sri/files/2013/04/INTERCAMBIO-2013-RESULTADO-RETIFICADO.pdf>>. Acesso em 02/11/13.

universidade, que se dividiram por 11 países diferentes<sup>15</sup>, tendo a maioria Portugal como destino – 99 estudantes, ou seja, mais de 70% dos aprovados.

Com intercâmbio realizado há dois anos, fui contatado por Rita<sup>16</sup>, uma estudante de História que iniciaria a sua viagem naquele ano para a Universidade de Coimbra. Ela estava à procura de algum estudante com a experiência de ter morado em Coimbra, como eu e, através de um amigo em comum, me encontrou. Quando nos conhecemos, ela me informou acerca de um grupo no Facebook dos intercambistas do PII-GRAD 2012/2013, que então se tornou um espaço privilegiado de contato com os estudantes que iriam realizar o intercâmbio.

Outro momento de importante aproximação foi a participação na III Semana de Relações Internacionais, promovida pela Secretaria de Relações Internacionais da UFJF (SRI), entre os dias 29 de julho a 1º de agosto de 2013. Nesse evento ocorreram mesas-redondas e conferências sobre a internacionalização do ensino superior, as políticas de intercâmbio, além de ser entregue o certificado de bolsas aos intercambistas agraciados. Nessa oportunidade, pude observar melhor quais os discursos institucionais acerca da experiência do intercâmbio – a partir da apresentação do programa pelo reitor da universidade, gestores das relações internacionais das instituições, representantes do Governo Federal, dentre outros, além de conhecer pessoalmente os intercambistas e seus países de destino.

Frente a esse cenário, criei mecanismos para selecionar quais estudantes seriam os interlocutores da pesquisa. O primeiro critério utilizado foi o acesso à bolsa. Conforme já apresentado, foram oferecidas, naquele ano, 57 bolsas a 57 estudantes, que apresentavam pluralidade de países e cursos. Sendo assim, o critério foi buscá-los a partir das diferenças geográficas dos países de destino. Considerando o debate acerca da geopolítica do conhecimento, explorar os locais de destino dos estudantes a partir dos diferentes continentes se tornou um critério interessante.

De todos os continentes, apenas a Oceania ainda não possuía algum país com universidade já conveniada com a UFJF<sup>17</sup>. Dos outros continentes, optei por buscar pelo menos um representante de cada, considerando as diferenças intra e extracontinentais. No que tange a América, busquei um estudante que iria para um país da América Latina e um da América do Norte. No que se refere a Europa, busquei países a partir de suas diferentes

---

<sup>15</sup> São eles: Alemanha, Angola, Argentina, Coréia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Portugal. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/sri/files/2013/04/INTERCAMBIO-2013-RESULTADO-RETIFICADO.pdf>>. Acesso em 02/11/13.

<sup>16</sup> Todos os nomes aqui utilizados, exceto os referentes às pessoas públicas, como o reitor, pró-reitor e a diretora de assuntos internacionais da UFJF, não se referem aos nomes reais das pessoas. Tal medida visa garantir o anonimato dos meus interlocutores.

<sup>17</sup> No edital seguinte (PII-GRAD 2013/2014), já apareceu a possibilidade da realização do intercâmbio para a Flinder University e Australian National University, ambas na Austrália.



características naquele continente: Portugal pela questão da língua; Itália por possuir língua nativa diferente da nossa, mas também representar um país do sul do continente e de origem latina; França pela referência cultural exercida sobre o Brasil; e Dinamarca pela sua peculiaridade em relação a grande parte da Europa e ao resto do mundo, no que tange a indicadores sociais e de “desenvolvimento”. O único país africano conveniado com a UFJF era a Angola<sup>18</sup>. Em relação a Ásia, devido a interação estabelecida por mim com um dos intercambistas durante o seminário da SRI, optei pela Coréia do Sul<sup>19</sup> (Quadro 1).

**Quadro 1: Continentes, países de destino e intercambistas contatados**

<b>Continente</b>	<b>País</b>	<b>Intercambista</b>
América do Norte	Estados Unidos	Carlos
América Latina	Argentina	Carla
África	Angola	Letícia
Ásia	Coréia do Sul	Ricardo
Europa Meridional	Portugal	Rita
Europa Meridional	Itália	Tiago
Europa Ocidental	França	Adriana
Europa Setentorial	Dinamarca	Suelen

Fonte: Elaboração própria.

Esses estudantes foram selecionados levando em consideração minhas redes de relações, as interações previamente realizadas no Seminário da SRI e os contatos obtidos a partir do grupo do Facebook “Intercâmbio PII\_GRAD SRI/UFJF 2013”, do qual passei a fazer parte a partir da mediação de Rita.

Frente a essa primeira seleção, busquei formas de contatá-los e entrevistá-los antes de viajarem. A ideia era conseguir realizar a entrevista antes de partirem e, posteriormente, quando retornassem. Todavia, tanto Carla (Argentina) como Tiago (Itália) já haviam viajado quando entrei em contato. Com eles, a entrevista foi realizada virtualmente. Com Rita (Portugal), Carlos (Estados Unidos), Ricardo (Coréia do Sul), Adriana (França) e Letícia (Angola), consegui entrevistá-los pessoalmente antes de partirem. Suelen (Dinamarca) chegou a responder minhas mensagens, se dispondo a responder minha entrevista apenas de forma

<sup>18</sup> Aquele era o primeiro ano de execução do convênio entre a UFJF e a Universidade Agostinho Neto, em Angola. Isso inclusive foi responsável por uma série de desencontros burocráticos que a estudante com quem conversei encontrou para viabilizar sua ida.

<sup>19</sup> Japão seria a outra opção.

virtual. Todavia, após enviar as perguntas nunca mais obtive retorno, o que inviabilizou tê-la como interlocutora.

Além dessas entrevistas, optei por acompanhá-los através de redes sociais virtuais, nomeadamente o Facebook, principal forma de manifestação desses atores, através de textos, relatos e fotos, e de contato com sua rede de relações no Brasil. A interação virtual foi estratégica, considerando a impossibilidade de acompanhá-los presencialmente enquanto estavam no exterior, utilizando recursos do que alguns autores chamam de “netnografia”<sup>20</sup>. Esses atores, ao falarem sobre sua própria experiência no intercâmbio, permitiram visualizar a experiência sob sua própria perspectiva. Entretanto, cabe reconhecer os limites dos discursos e representações das redes sociais virtuais. É fundamental o cuidado para que o discurso “nativo” não se torne a única interpretação possível da experiência, mas também não se pode ignorá-lo como fonte de análise e reflexão. Sendo assim, esse recurso foi utilizado como forma de complementar os dados já obtidos nas reuniões institucionais da UFJF e nas entrevistas.

Após o retorno dos estudantes, os entrevistei novamente, presencialmente, confrontando as diferentes percepções antes e depois de sua viagem. Das pessoas entrevistadas antes de partir, apenas Leticia (Angola) ainda não havia retornado do intercâmbio antes da conclusão desta pesquisa, impossibilitando que ela também se tornasse uma interlocutora.<sup>21</sup> A partir da rede estabelecida (Quadro 2) pude realizar a investigação pretendida, pensando os efeitos e definições em torno dos deslocamentos estudantis.

---

<sup>20</sup> Netnografia, ou etnografia virtual, em termos gerais, seria realizar uma etnografia no ciberespaço, buscando elementos naquele ambiente capaz de traduzir suas regras, normas e rituais, como uma etnografia qualquer. (KOZINETS, 2002; HERRERA e PASSERINO, 2008) Para o escopo da presente pesquisa, a internet foi apenas um lugar de buscar variadas informações para a reflexão realizada, não se tornando portanto um espaço de reflexão em si.

<sup>21</sup> Leticia encontrou algumas dificuldades antes de partir para Luanda (capital de Angola), como o atraso no envio da carta de aceite da Universidade estrangeira e entraves na viabilização do visto para a entrada no outro país. Desta forma, ela atrasou sua data de partida e, durante o intercâmbio, resolveu prorrogar seu período no exterior, o que impossibilitou que ela contribuísse com a presente pesquisa no tempo planejado.

**Quadro 2: Perfil dos intercambistas interlocutores da pesquisa<sup>22</sup>**

<b>Intercambista</b>	<b>Idade*</b>	<b>Curso</b>	<b>Continente</b>	<b>País</b>
Carlos	26	Direito	América do Norte	Estados Unidos
Carla	21	Letras	América Latina	Argentina
Ricardo	21	Economia	Ásia	Coréia do Sul
Rita	23	História	Europa Meridional	Portugal
Tiago	21	Direito	Europa Meridional	Itália
Adriana	24	Letras	Europa Ocidental	França

Fonte: Elaboração própria.

\* Informação referente à data da primeira entrevista realizada, em 2013.

### 1.3.1 Desafios metodológicos: quando o campo se move (e o pesquisador não)

Malinowski inaugurou um novo tempo para a antropologia social, em que fazia do trabalho de campo método crucial para o entendimento da alteridade e para a explicação do funcionamento de diferentes sociedades. Para esse antropólogo, só seria possível compreender diferenças culturais quando se aprofundava na cultura estudada, através da observação participante, para que a partir disso se percebesse em que termos aquela sociedade operava. Deve-se, portanto, “perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. A lei, a ordem e a coerência que prevalecem em cada um desses aspectos são as mesmas que os unem e fazem deles um todo coerente.” (MALINOWSKI, 1978 [1922], p.24). Malinowski, ao propor a observação participante enquanto método da antropologia, conseguiu interligar, de forma direta, o empirismo radical com o holismo cultural (GELLNER, 2001), rompendo com a antropologia de gabinete vigente até então.

Entretanto, o método proposto por Malinowski recebeu uma série de ponderações e revisões. Já a época, o autor recebeu uma série de críticas que pontuavam os limites de sua formulação, sendo que tais críticas se desdobraram por todo o século XX. Geertz (2005) apontou que Malinowski desenvolveu a técnica do “estar lá” de forma radical, em que a relação afetiva que ele possuía com a população nativa foi totalmente apagada de suas etnografias, tornando impossível, a partir de seu “manual”, uma compreensão antropológica que não usasse o formato objetivista por ele descrito.

<sup>22</sup> Optou-se por não informar, na tabela, as universidades para onde os intercambistas se dirigiram. Houve instituições em que apenas um estudante da UFJF esteve presente, o que anularia o esforço de manter o anonimato de meus interlocutores.

Esse ideal malinowskiano, de enxergar o mundo através da mentalidade nativa, há muito já não é utilizado. Tal missão foi desencorajada já nos anos 50, com a virada linguística protagonizada, sobretudo, pelas “Investigações Filosóficas”, de Ludwig Wittgenstein (1999), com o entendimento da linguagem como uma forma de vida e de pensamento, sendo impossível compreender, na totalidade, mundos com linguagens diferentes da do pesquisador.

O desafio colocado nesta pesquisa, entretanto, é que se objetiva estudar meu ambiente “nativo”, ou seja, os interlocutores da pesquisa também são estudantes universitários, compartilham toda a rede de significados das quais compartilho, sabem o que é uma dissertação ou mesmo conhecem minha orientadora e colegas de turma. É possível pensar antropologicamente mundos nos quais estamos totalmente imersos? Como coletar os imponderáveis da vida cotidiana e o “corpus inscriptionum” (narrativas e histórias locais) (MALINOWSKI, 1978 [1922], p. 33), sendo que nós mesmos também os produzimos? Até que ponto conseguimos nos afastar da mentalidade nativa, que Malinowski tanto desejava possuir, mas que seus sucessores tanto criticaram?

Há aqui, portanto, dois desafios colocados. O primeiro é fazer etnografia de um fenômeno que não se encontra circunscrito territorialmente. O segundo é realizar uma investigação antropológica em seu próprio ambiente. Cabe discutirmos com mais atenção estes dois aspectos.

### 1.3.2 Etnografando sujeitos em deslocamento

Etnografar contextos contemporâneos exige discutir a ideia de campo e repensar as fronteiras do pensamento antropológico. Na presente pesquisa, além da impossibilidade do pesquisador acompanhar seus interlocutores, o próprio fenômeno em si já exige uma reflexão acerca da definição de “campo” no fazer antropológico.

Gupta e Ferguson (1992), há algum tempo, questionam a unidade construída, na tradição antropológica, entre a ideia de cultura e de lugar. Para eles, a diferença cultural não existe como dada, cabendo à antropologia segui-la; mas elas são produzidas, sendo esse processo o merecedor de atenção do olhar antropológico. Para os autores, portanto, pensar a produção do lugar antropológico é mais fecundo, da mesma forma em que devemos procurar superar a ideia cristalizada de cultura formulada pela escola funcionalista. Para tal, é necessário reconhecer a realidade social como um processo em constante interação, sendo a

partir dessas relações que novas fronteiras e diferenças vão sendo produzidas. Dessa forma, a antropologia só terá a capacidade de captar esses significados das produções da diferença se partir das reflexões em torno das construções identitárias, pois é através das identidades que nós nos construímos em relação aos outros e que nos localizamos no mundo social. Logo, as diferenças entre lugares não estão assentadas em bases territoriais, mas em políticas de identidade.

Berg (2006) também contribui com essa reflexão ao discutir que a definição do “terreno” (definição lusitana para “campo”) acontece como definição analítica e não como um simples lugar. A autora, ao estudar interlocutores em situação de diáspora, teve a sua frente a necessidade de repensar a ideia de terreno, pois a impossibilidade de encontrar um “*campo*” definido territorialmente para se inserir, com informantes pensados a priori, deixou claro que a construção do *locus* de investigação do fazer antropológico é antes uma construção analítica e conceitual, e não apenas um lugar onde a etnografia é realizada. Dessa forma, cabe pensar o “terreno” como uma “série de lugares e intersecções constituídas a partir de práticas e narrativas espaciais, temporais e discursivas.” (BERG, 2006, p. 50).

Mapril (2006), refletindo no mesmo sentido, também afirma que o “terreno” de investigação antropológica nunca é escolhido, e sim, produzido. E que, antes de encontrar *locus* de investigações marcados por fronteiras bem definidas e outros pautados apenas por fluxos, é preciso encontrar estes elementos em toda e qualquer relação social. Ou seja, o “campo” é um espaço de relações sociais, e não um local onde se insere para fazer antropologia. Barreto e Dutra (2012) corroboram tal perspectiva, acreditando que identificar trajetórias individuais e o papel dos sujeitos enquanto ativadores de redes sociais permite ao pesquisador observar a plasticidade das manobras individuais e suas agências em processos de integração social.

Dessa forma, estudar esses sujeitos em deslocamento se tornou produtivo no sentido de, através destes interlocutores, poder compreender de forma mais apurada e sistemática práticas cada vez mais comuns no mundo contemporâneo, em que o deslocamento territorial, antes de ser apenas um detalhe, se torna um *ethos*, produto e produtor de diferenças, se constituindo como um “lugar antropológico” por excelência.

### 1.3.3 De quando, os índios, ainda somos nós: investigando ambientes universitários

A antropologia, inicialmente, se dispôs a pensar organização social, instituições e artefatos culturais em sociedades longínquas, com diferenças e fronteiras entre o mundo do pesquisador e do pesquisado bem demarcadas. Desde meados do século XX, essa disciplina tem se dedicado a pensar a partir de seus próprios contextos, lugares “metropolitanos”, haja vista a interligação, cada vez mais intensa, entre diferentes sociedades e culturas.

Entretanto, por mais que haja disposição por investigar “nativos próximos”, eles ainda se mantêm para fora dos muros da universidade, não compartilhando, por completo, das categorias e gramáticas pertencentes ao mundo acadêmico. Tal distância, entretanto, foi ignorada na presente pesquisa. Dada a necessidade de investigarmos este mundo do qual fazemos parte e nos localizamos dentro de uma estrutura social maior, cabe pensar sobre as condições de produção etnográfica na universidade.

A questão que parece pertinente é a da possibilidade de uma produção antropológica nativa, nos quadros de uma academia. Apenas esse discurso nativo pode não ser reduzido a mera “informação”, constituindo-se ao mesmo tempo em suporte e produtor de comparação e da crítica, e fugindo à reprodução de conceitos e categorias produzidos sob outras circunstâncias e condicionamentos que não os da instituição acadêmica nativa, se é que assim se pode denomina-la. (LIMA, 1997, p. 17)

Ao optar por investigar interlocutores tão próximos, fica claro que a investigação ultrapassa o ato intencional do pesquisador de realizar campo, pois significa conviver com os tais atores nas cantinas e corredores da nossa própria universidade. Desta forma, não se demarca, nitidamente, os limites espaciais e temporais da pesquisa. Você pode estar num ônibus e de repente se deparar com os colaboradores de sua pesquisa e qualquer conversa neste contexto pode parecer – ou ser – “estar em campo”. Tais circunstâncias geram angústias e embaraços típicos do fazer antropológico e, ao mesmo tempo, suscitam a necessidade de elaboração de novas estratégias para que entendamos quais são os limites na relação entre pesquisador e pesquisado. Ao estudar nossos pares, a questão do estranhamento necessário para a pesquisa antropológica e da distância pesquisador-pesquisado é bem mais complexa do que se aparenta.

A publicação dos diários de Malinowski (1997 [1967]), em 1967, já colocou em xeque a postura objetiva e neutra do pesquisador, conforme ele defendeu na introdução de “Os

Argonautas do Pacífico Ocidental”. Entretanto, sabe-se que a pesquisa não se encerra na coleta de dados, mas na escrita e publicação de suas reflexões. Nesses termos, para além da busca por evidenciar as hipóteses e objetivos iniciais deste trabalho, torna-se necessário colocar em questão as dificuldades e incontingências surgidas, de forma inesperada, na observação participante. Conforme afirma Rojo (2004, p.52), ao relatar um envolvimento amoroso no trabalho de campo, “não se trata mais de decidir entre a permanência ou não de viver um relacionamento amoroso em campo, mas de explicitar, ou não, nas etnografias produzidas, relacionamentos efetivamente vividos em um contexto de pesquisa”. Assim, conforme afirmado por Geertz (2005), o desafio não é fazer a “observação participante”, mas a “descrição participante”, considerando que se está imerso no mundo que se estuda e o trabalho consiste em descrever, a partir de determinado prisma, nossa própria realidade cultural.

Se antes se dedicava pouca atenção aos limites éticos e morais envolvidos no trabalho de campo, haja vista que os interlocutores estavam localizados a milhas de distância e nunca teriam contato com as etnografias; eles, agora, sabem o que são teses e dissertações e tem a verdadeira possibilidade de lê-las e reivindicarem, junto de nós, a autoria do encontro antropológico.

Neste sentido, a presente pesquisa também permitiu, através dos esforços metodológicos realizados, adensar tal reflexão, pensando o ambiente universitário como também espaço produtor de diferenças, logo, passível de observação e análise antropológica. Longe de querer ocultar tais questões, pretende-se contribuir com tal reflexão, endossando a capacidade da antropologia de se repensar e se reinventar constantemente como ciência, sem deixar de lado toda sua tradição e acúmulo.

## **2. GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO: CIRCULAÇÃO DE SABERES, HEGEMONIAS CULTURAIS E DISPUTAS SIMBÓLICAS**

Antes de adentrar nas experiências dos seis intercambistas da UFJF que entre os anos de 2013 e 2014 migraram para diferentes partes do mundo, bem como da minha própria experiência como intercambista no ano de 2011, pretendo, neste capítulo, a partir de uma perspectiva macro analítica, pensar os deslocamentos dos estudantes através da reflexão contemporânea acerca da geopolítica do conhecimento científico. Longe de serem os intercâmbios feitos de forma aleatória e sem qualquer significado político, a migração estudantil hoje é a principal face do processo de internacionalização do ensino superior, se tornando inclusive políticas de Estado de diferentes países. Cabe refletirmos brevemente acerca dessa dimensão dos intercâmbios.

O diálogo interinstitucional entre universidades, para além das fronteiras nacionais, não é um fenômeno recente e muito menos homogêneo. No Brasil, no início do século XX, algumas universidades foram constituídas a partir da vinda de pesquisadores estrangeiros para o país, demonstrando já uma tradição de interligação entre as instituições de ensino superior, através do projeto da produção do conhecimento e de investigação científica. As universidades, como instituições das sociedades ocidentais modernas, têm constituído sua legitimidade ao longo dos últimos séculos através da produção do conhecimento baseando-se na validação e cooperação entre os pares, bem como pela missão de divulgação do conhecimento científico – entendendo a ciência como um discurso, uma chave interpretativa e ordenadora da realidade, que se pretende universal.

Contudo, a consolidação de um sistema mundial, interligado pelo imperativo de uma linguagem econômica e tecnológica comum, tem caracterizado essa internacionalização progressiva com particularidades, apresentando aos Estados-nações e a suas instituições de ensino superior vários desafios. A ênfase na função “ensino” em detrimento da função “pesquisa”, balizada pela concepção da educação como serviço, pode ser destacada como um dos efeitos desta intensificação de contatos e parcerias. Regulamentada pela Organização Mundial de Comércio, a prestação de serviços educativos por estas instituições indica o processo de transnacionalização da educação promovendo sérios conflitos com o projeto de soberania e o princípio de autodeterminação dos Estados-Nações. (MOROSINI, 2006).

De forma geral, podemos considerar essa internacionalização como o processo de ativação de trocas relacionadas à educação para além das fronteiras nacionais, que se efetivam através de diferentes modalidades tais como a realização de intercâmbios estudantis;



financiamento de pesquisas em territórios estrangeiros; projetos de pesquisa internacionais cooperativados; consultoria para universidades estrangeiras; grau de imersão internacional no currículo, dentre outros. Se, por um lado, essas iniciativas almejam a integração intercultural e internacional nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária, por outro, compõem o quadro das relações internacionais de mercado orientadas por princípios capitalistas de privatização do ensino superior. (MOROSINI, 2006).

Nestes termos, há quem aponte que as corporações multinacionais, grandes mídias e grandes universidades são os novos neocolonialistas, que possuem interesses não apenas políticos e ideológicos, mas, sobretudo, comerciais, colocando em risco a autonomia intelectual e cultural dos menos poderosos. Nesse sentido, colaboração acadêmica, troca intelectual e internacionalização são subordinadas ao principal objetivo, o lucro. Dessa forma, pode-se perceber que a educação já não é mais um tema marginal e muito menos exclusivo de especialistas, uma vez que está envolvida em disputas econômicas a nível global. (MOROSINI, 2006).

Assim, da mobilidade de pessoas – manifestação mais recorrente – à circulação de programas e instalação de instituições fora do país de origem, podemos pensar este processo de internacionalização como ativa ou passiva, envolvendo atores hegemônicos e hegemonzados. (CONTEL e LIMA, 2011). Os circuitos acadêmicos – fluxo de estudantes, professores e pesquisadores, intercâmbio de conhecimento e ciência – favorecem os países centrais, que protagonizam uma internacionalização ativa *versus* a maior parte dos países do globo, a periferia ou semiperiferia do sistema-mundo<sup>23</sup>, que ocupam um papel passivo nesse processo de internacionalização.

Neste contexto, a produção de conhecimento científico também se torna um elemento crucial na disputa pelo poder e hegemonia entre os diferentes atores globais. Torna-se fundamental reconhecer a atual “sociedade do conhecimento” a partir da geopolítica mundial, uma vez que se evidencia a importância estratégica do conhecimento produtivo como base para as capacidades industrial, científica e tecnológica dos países. Compreender esse fenômeno requer verificar quais são os principais elementos que credenciam certas regiões ou países a se comportarem como centros de acumulação e desenvolvimento de pesquisa científica e tecnológica de ponta, bem como identificar o caráter estratégico dos fluxos globais dos atores envolvidos na produção de conhecimento, como estudantes universitários, pesquisadores, professores e profissionais qualificados, que surgem dessa distribuição

---

<sup>23</sup> Sistema-mundo entendido aqui a partir das formulações de Immanuel Wallerstein (1974).

desigual de lugares de produção de conhecimento. Pensar a geopolítica do conhecimento, portanto, é fundamental, considerando a importância da relação saber-poder na contemporaneidade, haja visto o investimento maciço das grandes corporações transnacionais no desenvolvimento técnico-científico, sobretudo na área tecnológica.

Contel e Lima (2011) identificam como protagonistas na dinâmica da geração de inovações técnicas nos países as empresas, que usam, fornecem e investem em pesquisas; o governo, representado por agências públicas formuladoras e executoras de políticas; e as universidades e centros de pesquisa, que participam dos “sistemas nacionais de inovação”. A combinação desses três sistemas de ação para a geração constante de conhecimento produtivo é, em grande parte, o segredo da industrialização dinâmica dos países do centro do sistema-mundo, que, no pós-Segunda Guerra, formaram as três principais áreas de controle da economia mundial: Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. Sem surpresas, são esses os principais centros de atração dos alunos intercambistas de todo mundo, evidenciando a estreita relação entre mercado/economia e educação superior.

Assim, pensar em educação superior em épocas de globalização nos obriga a perceber que a internacionalização atual é um fenômeno complexo e plurirreferencial. Como consequências destas modificações, se configura uma disputa acerca do papel social da universidade: cabe a ela protagonizar as mudanças exigidas pela nova economia de mercado ou buscar compreensões mais amplas sobre as transformações sociais? Apesar dos inúmeros avanços gerados pela globalização no campo das ciências, como a descoberta e difusão de vacinas, criação de instrumentos para maior produção industrial e agrária, dentre outros, ela também é responsável pela produção de assimetrias. Enquanto apenas 2% da população mundial tem acesso à internet, cerca de 60% da produção mundial, 80% dos recursos econômicos e 95% das tecnologias e produção científica estão em poder dos países participantes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) – ou seja, aqueles países considerados desenvolvidos e/ou com PIB (Produto Interno Bruto) e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) elevados. Sobre a desigualdade de acesso à internet, esse é um dado fundamental para a reflexão sobre produção científica, pois a rede virtual tem se apresentado como espaço central de circulação de informação e conhecimento. Dos seis bilhões de habitantes, apenas 150 milhões participam de atividades científicas e tecnológicas, sendo que 90% desses se concentram nos sete países mais industrializados. (SOBRINHO, 2005).

Para Sobrinho (2005), com a expansão da economia de mercado, a educação superior passou a ter que responder por grande parte das demandas surgidas com essa nova

organização social e econômica, abandonando a “utopia social” dos anos 60 e 70, que enfatizava o seu protagonismo no processo de democratização das sociedades e diminuição das desigualdades. Nesses termos, é possível pensar as correlações de forças internacionais usando novamente a polaridade hegemonia *versus* não-hegemonia. As forças hegemônicas na produção técnica e científica determinam quais os tipos e qualidades de conhecimento são importantes, sendo que os saberes interessados aos mercados centrais é que são definidores de quais conhecimentos são necessários e merecem ser financiados. Assim, as instituições de ensino superior passam a se organizar mais pelo mercado internacional, através de imposições de programas e tipos de pesquisas definidos pelos centros econômicos mundiais.

Além disso, tal configuração também afeta a socialização, distribuição e uso da produção de conhecimento. Isso é facilmente observável no Produto Interno Bruto (PIB) das maiores economias da OCDE: quase metade do valor é fruto da produção de conhecimento, o que não ocorre com os outros países. (SOBRINHO, 2005). Argumento semelhante é apresentado por Tilly (2006), ao afirmar que o conhecimento científico confere vantagens políticas, financeiras e existenciais aos que detêm. “Em áreas como saúde pública, alimentação, meio ambiente e combate letal, a aplicação do conhecimento decide quem sobrevive e quem pode viver confortavelmente”. (TILLY, 2006, p. 57).

Essa assimetria pode ser também observada a partir de alguns dados a respeito da “evasão de cérebros”. Estima-se que cerca de um milhão e duzentos mil cientistas latino-americanos emigraram para os Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, nas quatro últimas décadas. Calcula-se que a América Latina, que participa somente com cerca de 3,5% da produção da ciência mundial, investiu algo em torno de 30 bilhões de dólares em pesquisadores que migraram para os países ricos. (SOBRINHO, 2005, p.170).

Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), enquanto, em 1975, havia apenas 600 mil alunos estrangeiros matriculados no ensino superior, em 2005, já eram 2 milhões e 700 mil alunos estrangeiros, sendo que a taxa de crescimento entre 2000 (com 1 milhão e 900 estudantes) para 2005 foi de 42,1%. Ou seja, o intercâmbio se tornou uma prática mais comum e crescente.

**Tabela 2 - Evolução Mundial do Número de Alunos Estrangeiros Matriculados no Ensino Superior (1975-2004) (em milhares)**

	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005
Número de alunos	600	800	900	1.200	1.300	1.900	2.700
Taxa de crescimento (%)		33,3	12,5	33,3	8,3	46,1	42,1

Fonte: OECD. Education at a Glance (2006, *apud* CONTEL E LIMA, 2007, p.174).

Porém, o fluxo desses alunos não se dá de forma homogênea e multipolar. Há poucos países que concentram a grande quantidade de estudantes estrangeiros em suas instituições. A partir da Tabela 3 é possível verificar melhor essa questão.

**Tabela 3 - Principais Destinos dos Estudantes Estrangeiros (2006)**

	Número de estudantes (aproximado)	%
Estados Unidos	550.000	22
Reino Unido	300.000	12
Alemanha	250.000	10
França	250.000	10
Austrália	175.000	7
China	150.000	6
Japão	125.000	5
Canadá	75.000	3

Fonte: Institute for International Education. Atlas of Student Mobility. (2005a; 2007, *apud* CONTEL E LIMA, 2007, p.182).

Esses oito países, juntos, polarizam 75% do número de estudantes estrangeiros de todo o mundo, sendo que os quatro primeiros – Estados Unidos e principais países da Europa Ocidental – acumulam mais de 50% dos estudantes estrangeiros de todo o globo. Tal elemento nos permite lembrar a correlação pontuada acima, entre os principais mercados internacionais e a influência do poder econômico na geopolítica do conhecimento. Para além de pontuar quais são os principais países receptores de estudantes estrangeiros, é importante destacar quais são os principais países que exportam estudantes para o “centro global”. A Tabela 4 nos permite visualizar esse aspecto.

**Tabela 4 - Dez países que mais exportaram estudantes para os Estados Unidos (até 2005/06)**

	Número de alunos	%
Índia	76.243	13,5
China	62.689	11,1
Coréia do Sul	58.735	10,4
Japão	38.968	6,9
Canadá	28.238	5,0
Taiwan	27.673	4,9
México	14.119	2,5
Turquia	11.860	2,1
Alemanha	9.036	1,6
Tailândia	9.036	1,6

Fonte: Institute for International Education. Atlas of Student Mobility. (2005a; 2007, *apud* CONTEL E LIMA, 2007, p. 183).

Vale destacar, a partir dessa tabela, que retirando o Canadá – que, por questões territoriais, envia grande quantidade de estudantes para o país limítrofe – Alemanha e Japão, todos os outros são países que não ocupam posição central no “sistema-mundo”. Sendo assim, pode-se observar que a internacionalização do ensino superior também tem relação direta com projetos de desenvolvimento dos países. Os três países que mais enviam estudantes para os Estados Unidos – Índia, China e Coreia do Sul – são países que adotaram como políticas de Estado seu crescimento econômico e tecnológico com ênfase no investimento em educação. A Coreia do Sul, pelo investimento elevado, na segunda metade do século XX, nas “ciências duras” e engenharias, e a China e a Índia, pelo papel protagonista que estão assumindo recentemente na economia mundial – os estudantes dos três países correspondem a mais de 30% dos estudantes estrangeiros nos Estados Unidos.

Através desses breves dados, é possível perceber a organização da ciência mundial fundamentada em dicotomias já cristalizadas, que refletem e reforçam relações assimétricas entre países e regiões. Seja a “hegemonia-contra hegemonia” ou “centro-periferia”, pode-se afirmar que há instituições que se caracterizam como centrais no ramo das ciências – que no mundo capitalista contemporâneo tem relação direta com os países que ocupam o centro da economia mundial – enquanto outros, ocupando a periferia desse sistema, buscam incessantemente mecanismos para quebrar as barreiras políticas, econômicas e simbólicas que mantêm e reproduzem essa separação. Essas questões apontam, invariavelmente, para a geopolítica do conhecimento e pela disputa desleal nas relações internacionais. Discutir

deslocamento de “cérebros” entre países e instituições de ensino superior é discutir circulação de saberes, hegemonias culturais e disputas simbólicas.

## 2.1 SABERES EM DISPUTA

Na segunda metade do século XX, foram vários os intelectuais e centros de pesquisa que se dispuseram a questionar a hegemonia científica e cultural da Europa Ocidental e da América anglo-saxônica sobre o resto do mundo, bem como apontar as consequências reais da supremacia iluminista sobre diferentes povos e tradições. Said (2007) aponta que modernidade, iluminismo e democracia não são conceitos simples e consensuais, que devam ser tomados como imperativos mundo afora. Já Santos (2010) afirma que o pensamento moderno, assentado, sobretudo, na ciência e no direito, se constituiu a partir de um abismo criado entre suas características, bem demarcadas dentro da Europa Ocidental, e outros saberes e tradições localizados fora do centro econômico mundial. Wallerstein (1974 *apud* RIBEIRO e ESCOBAR, 2012), ao elaborar a ideia de “sistema mundial”, permite observar que o caráter das ciências sociais e do conhecimento acadêmico moderno também é estruturado por relações de poder e pela expansão do capitalismo eurocêntrico. Chakrabarty (2000 *apud* RIBEIRO e ESCOBAR, 2012) aponta a impossibilidade de compreender a multiplicidade da existência humana a partir apenas de categorias universalistas europeias e Walter Mignolo (2003 *apud* RIBEIRO e ESCOBAR, 2012), ao focar na discussão acerca da produção do conhecimento, afirma a importância de pensá-la relacionada à geopolítica econômica, indicando, portanto, que o lugar da enunciação das disciplinas tem uma marca geopolítica. (RIBEIRO e ESCOBAR, 2012)

Desta forma, é impossível refletir acerca do deslocamento de estudantes, a nível mundial, sem ponderar as dimensões políticas e de poder imbricadas nesse processo. Perceber as nuances desses deslocamentos é perceber a correlação de forças entre países e formas de compreensão do mundo, bem como de diferentes saberes em disputa. Ora, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p.10). Sendo assim, acompanhar determinados fluxos de circulação, no que tange à produção de conhecimento, é observar diretamente essa disputa colocada por discursos e saberes hegemonizados.

Conforme apresentado acima, os estudantes não circulam livremente e para várias partes do mundo com a mesma intensidade. Os principais receptores na geopolítica do conhecimento são os principais emissores na geopolítica econômica e política. Desta forma, há colocado um campo complexo e multirreferencial de disputa e luta, em diferentes dimensões. Said (2007), por exemplo, ao se dedicar a investigar a relação entre o Ocidente com o “Oriente”, aponta que o “Orientalismo” é um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente, ou seja, há um processo declarado de produção permanente de um discurso sobre países e povos orientais que permite, tanto epistemologicamente como politicamente, intervenções militares e econômicas nestes países.

Direitos humanos são desta forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir a sua salvaguarda, a vida é eliminada em nome da sua preservação. Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal como metafórico. No sentido literal, estas são as linhas que definem as fronteiras como vedações e campos de morte, dividindo as cidades em zonas civilizadas [...] e zonas selvagens, e prisões entre locais de detenção legal e locais de destruição brutal e sem lei da vida. (SANTOS, 2010, p. 36)

Em 2011, realizando intercâmbio, presenciei uma cena em sala de aula que evidencia todas as questões colocadas. Em uma aula da disciplina “Sociologia da Cultura”, além de alunos portugueses, havia um aluno angolano, uma tibetana e dois brasileiros (eu e mais uma). Uma aluna portuguesa, ao apresentar um trabalho sobre um festival cultural que ocorria anualmente em Angola, levantou o debate sobre a relação de Portugal com suas antigas colônias. Os alunos portugueses, convencidos de que a atuação de seu país natal na antiga colônia tinha aspectos positivos, como o provimento de asfalto e investimentos em infraestrutura, foram confrontados pela professora, que, mesmo portuguesa, questionou a hegemonia da antiga metrópole sobre o crescente país africano, afirmando que, atualmente, os portugueses precisavam mais da ex-colônia do que o contrário. Eu intervi afirmando que os países tinham condição de pensar por si só formas de tratarem seus próprios problemas e citei a realidade do Brasil que combateu a pobreza com políticas forjadas a partir da realidade daqui. O aluno angolano, frente àquela grande discussão, interviu dizendo que seria possível ele fazer uma filosofia ou sociologia mobilizando apenas categorias angolanas, ou seja, haviam formulações nativas sobre a forma de ser e estar no mundo suficiente para dar inteligibilidade a ele. Porém, ele ressaltou que isso dificultaria, por exemplo, seu diálogo em Portugal, tanto na Universidade, como para fora dela. O que está por trás desse breve relato é um modelo de desenvolvimento pautado pela modernidade ocidental, em que “atrocidades” se

justificam devido aos “benefícios” que tal modelo propicia às diferentes sociedades. A universidade e a ciência moderna tiveram papel fundamental de forjar tais percepções do mundo e até hoje a reproduzem.

Santos (2010) afirma que o pensamento abissal – que define e diferencia a modernidade ocidental do resto – concede à ciência moderna o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso e o científico e o não-científico. Apesar desta discussão poder ser encontrada dentro do próprio pensamento ocidental, como o embate acerca da veracidade ou cientificidade da filosofia ou da teologia, tais formas de conhecimento encontram lugar deste lado da linha. Entretanto, o que o autor chama atenção é que, do outro lado, ou seja, para os saberes produzidos fora do pensamento moderno ocidental, não há nenhum reconhecimento, pelo ocidente, da existência de um conhecimento real. Existem crenças, opiniões, magia, idolatria, intuições e outras coisas do tipo, que podem até ser consideradas como objetos ou matéria-prima de investigações científicas, mas não como um conhecimento possível em si mesmo. Se na tradição antropológica o pensamento evolucionista foi questionado e, de alguma forma, superado, no início do século XX, algumas de suas características ainda permanecem até hoje na compreensão da ciência geral, a saber: uma linha evolutiva traçada, sendo que o pensamento científico se sobressai ao pensamento mágico ou religioso, conforme Frazer (1982 [1890]) formulou.

Cunha (2009), ao elaborar sua discussão sobre cultura com aspas a partir do debate em torno do conhecimento científico tradicional, não corrobora de imediato com essa perspectiva de Santos (2010). Entretanto, apresenta uma limitação da “imaginação metropolitana” em compreender diferentes regimes de conhecimento. O regime de conhecimento científico ocidental, que “foi arduamente construído e deliberadamente unificado, desde o século XVII, mediante acordos sobre autoria, procedimentos de ratificação e assim por diante” (CUNHA, 2009, p. 364), tenta realizar esforço semelhante ao se referirem aos conhecimentos tradicionais, empregando-os no singular – conhecimento tradicional – num esforço deliberado de homogeneização e generalização, que não condiz necessariamente com a realidade.

Encontra-se, na tradição antropológica, reflexão sobre a estreita relação entre conhecimento e poder. Stocking (1982), ao dividir a antropologia entre “antropologias da construção de impérios” e “antropologias da construção da nação”, afirmava que, enquanto os representantes das antropologias imperiais preferiam investigar fora de seus países de origem, os da segunda categoria trabalhavam “em casa”, contribuindo para a formulação de um discurso sobre nação ou identidade local. Tal divisão aponta para uma separação ainda mais profunda, que é a produção do conhecimento nos centros e nas periferias. Ribeiro e Escobar



(2012) apontam uma tensão existente entre o “provincianismo metropolitano” e o “cosmopolitismo provinciano”, sendo que o primeiro consiste na ignorância dos antropólogos dos centros hegemônicos sobre a produção de conhecimento dos praticantes de lugares não hegemônicos, enquanto o segundo consiste no conhecimento excessivo das pessoas de lugares não hegemônicos sobre a produção dos centros hegemônicos.

Essa ignorância assimétrica se expressa no fato de o desenvolvimento das “antropologias sem história” não ser ensinado nos centros hegemônicos – e, muitas vezes, nem nos próprios países dessas antropologias –, enquanto a história das antropologias universais (isto é, hegemônica) é estudada em profundidade nos lugares não hegemônicos, onde os “clássicos” incluem apenas o trabalho de antropólogos estrangeiros. (RIBEIRO e ESCOBAR, 2012, p. 33)

A discussão acerca de uma geopolítica do conhecimento, portanto, implica em reconhecer esses elementos na configuração científica contemporânea. Nunes (2005), ao analisar o processo de constituição das ciências, nomeadamente as ciências humanas, aponta que é preciso pensar a ciência dividida em centro, periferia e semiperiferia. Considerando que o mundo Pós-guerra Fria se assentou na capacidade de “modernizar reflexivamente” os meios de coerção e de exercício da violência, permitindo aos Estados do centro avançar seus interesses estratégicos e concepções de “modernização” a uma escala global, este processo também colonizou a imaginação sociológica. Para o autor, frente a essa ofensiva cada vez maior do centro “modernizador”, é preciso enfatizar as contribuições contra-hegemônicas para pensar as relações de saber-poder na contemporaneidade. Para ele, o Sul designa não apenas um espaço geográfico e histórico, onde se localiza os países periféricos e semiperiféricos de vários continentes, como também designa uma metáfora, de diferentes expressões de subalternidade e de resistência à globalização hegemônica (NUNES, 1995). Ribeiro e Escobar (2012) também apontam para o reconhecimento de que o mundo é povoado por uma multiplicidade de tempos, modos de vida e epistemologias, sendo que essa realidade ainda é pouco clara para muitos acadêmicos. Santos (2010) também exalta essa diversidade de saberes existentes, o que ele denomina como “ecologia de saberes”.

Tornar consciente tais questões é fundamental pois nos permite compreender o fenômeno do intercâmbio estudantil como um operador de representações e de estruturas de poder organizadas a partir das universidades e outras instituições de ensino superior. Internacionalizar as universidades brasileiras pressupõe muito mais a possibilidade de uma “elite” local acessar as “fontes” do conhecimento científico “válido” do que, realmente, estabelecer uma relação dialógica, em que os saberes aqui produzidos possam contribuir com

as formulações teóricas e investigações realizadas nos centros acadêmicos mundiais. Logo, esses estudantes, ao realizarem intercâmbio, operam cognitivamente a partir das ausências do Brasil em relação a estes países centrais e não no que podemos contribuir de novo e diferente para o conhecimento produzido seja na Europa Ocidental, seja nos Estados Unidos.

Tenho a oportunidade de ter acesso a uma tecnologia que eu não teria no Brasil. Eu recém-cheguei, mas já dá para ver que a diferença é gigantesca em acesso aos produtos, aos equipamentos. Tu compras um anticorpo e, no outro dia, ele já está aqui. No Brasil, tem todo o processo de importação, tem que parar na Anvisa, muitas vezes a gente fica sem acesso. (Relato da investigadora Paola de Andrade Mello, pesquisadora brasileira que está fazendo doutorado sanduíche em Harvard Medical School, em Boston, Massachusetts (EUA), pelo Ciência Sem Fronteiras.) (“TENHO ACESSO...2014.)

O trecho citado acima, retirado de uma notícia em que apresentava os relatos de alguns bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras, exemplifica essa relação que estabelecemos com os centros de produção científica. Longe de questionar o porquê dessas limitações institucionais e burocráticas na constituição do campo científico no Brasil, os estudantes em deslocamento preferem ressaltar a ausência de elementos no Brasil que se encontram presentes nestes centros. Essa percepção foi observada diversas vezes durante meu intercâmbio, em que era ressaltado constantemente, pelos intercambistas, o “avanço” da Europa frente o “atraso” do Brasil, indo desde elementos da universidade até a infraestrutura das cidades, ausência de violência e outras questões.

Longe de querer negar a contribuição e importância da ciência moderna, o que se está colocando em evidência é que as direções dos fluxos estudantis e os discursos produzidos em torno desses deslocamentos estão assentados numa assimetria histórica entre os saberes produzidos nos centros econômicos mundiais e os saberes não hegemônicos ou subalternos (MIGNOLO, 2003). Sendo assim, os intercâmbios acabam por serem assentados em relações de dominação cultural e epistemológica, se tornando um elemento importante na reprodução e manutenção do sistema capitalista e do eurocentrismo.

Obviamente, a realidade é muito mais complexa e os intercâmbios não significam apenas isso. Como pode ser verificado em todo este trabalho, a relação entre os agentes que protagonizam este tipo de deslocamento e as intenções e projeções de programas, instituições e governos são mediadas por uma série de experiências, representações, projetos e trajetórias. Entretanto, é impossível não destacar esta dimensão geopolítica dos deslocamentos estudantis. Pensar em dinâmicas migratórias requer pensar, obrigatoriamente, na correlação entre Estados-nações, representações e fronteiras. E os intercâmbios acadêmicos, ao serem forjados dentro da perspectiva científica ocidental, acabam por incorporar boa parte do discurso eurocêntrico e “moderno” da

ciência. Cabe o esforço de pensar como estes intercambistas, ao passarem por estas experiências, as ressignificam e as incorporam em suas trajetórias individuais a curto, médio e longo prazo, em seus discursos em torno da própria experiência e em sua constituição enquanto sujeito. É o que se pretende fazer nos próximos capítulos. Após contextualizar o objeto aqui investigado nessa perspectiva mais ampla, acompanharemos de perto as experiências dos interlocutores da pesquisa em terras estrangeiras.

### 3. OS INTERCAMBISTAS EM AÇÃO: JUVENTUDES, LIMINARIDADE, DISTINÇÃO

Antes de tentar compreender de forma mais específica os deslocamentos estudantis aqui abordados, cabe refletir acerca de uma questão que, pensada de forma transversal, é fundamental para entender esse tipo de migração. Os intercambistas acadêmicos são, prioritariamente, jovens universitários. Sendo assim, ao nos propormos investigar os deslocamentos estudantis, é fundamental refletir sobre o tema da juventude. Conforme Abramo (2008), na tradição do pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental, como um tempo a mais de preparação para a complexidade das tarefas de produção da sociedade industrial, como um período de segunda socialização. Entretanto, essa forma de compreender a juventude não é consensual, tampouco consegue dar conta de toda a complexidade desse “período” de vida. Bourdieu (1983), por exemplo, afirmou que essa concepção de juventude, que acabou por vigorar, nada mais era que uma condição de classe, pois estava restrita aos filhos das classes médias e altas, logo juventude era “apenas uma palavra”. Há, entretanto, uma vertente oposta que define juventude como um signo, uma construção cultural, que, segundo Abramo, de alguma forma desvincula o debate sobre juventude das condições materiais e históricas. (ABRAMO, 2008).

Frente a esse impasse, Abramo (2008) aponta a possibilidade de compreender juventude distinguindo *condição* de *situação*. A autora, ao fazer uma breve revisão teórica sobre o tema, aponta que a *condição juvenil* é dada pelo “modo como uma sociedade contribui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional. ” (ABRAMO, 2008, p.42); enquanto a *situação juvenil* se refere à forma em que tal condição é vivida a partir de diferentes marcadores sociais da diferença, como classe, gênero, etnia, etc. Compreender a juventude nesses termos pressupõe compreendê-la tanto numa dimensão simbólica como também em dimensões materiais e concretas.

Pais (1993), em distinção correlata, afirma que se pode pensar a juventude a partir de duas tendências. Em uma, ela é tomada como um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma “fase de vida”, entendido numa perspectiva mais uniforme e homogênea, ou seja, haveria uma “cultura juvenil” específica, definida em termos etários. Na outra tendência, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, existindo, portanto, diferentes culturas juvenis, moldadas por outros fatores socialmente

relevantes – como classe, gênero, raça, profissão. Em ambas as perspectivas, está presente o entendimento da juventude como uma categoria social e historicamente construída.

Abramo (2008), em pesquisa realizada com jovens brasileiros, demonstra que os próprios jovens, ao definirem o que é “ser jovem”, apontam que é um ciclo da vida em que há menor carga de responsabilidades e maior possibilidade de “aproveitar a vida” e “viver com alegria”. Para os jovens pesquisados, a juventude é um período da vida em que se é possível experimentar a vida de forma mais intensa e diferenciada, sendo que essa “fase” termina quando se assume maiores responsabilidades, como quando se casa ou tem filhos. Nessa pesquisa, que se pretendeu traçar o perfil da juventude brasileira (ABRAMO e BRANCO, 2008), os participantes apontaram que suas principais atividades durante a semana são “assistir televisão” (91%), “ouvir rádio” (89%) e “encontrar amigos” (82%). Já nos fins de semana, “encontrar amigos” se torna a principal atividade realizada (90%), seguido novamente por “ouvir rádio” e “assistir televisão” (89% e 87%, respectivamente). Entre as diversas atividades que declararam mais gostar de fazer no tempo livre, encontra-se “ir dançar/baile” (18%), “ir à praia” (18%), “passear em praça ou parque” (15%) ou mesmo “viajar no fim de semana” (10%). No que tange à frequência com que praticam estas atividades, enquanto 54% dos jovens havia “passeado em parques e praças” nos 30 dias anteriores à pesquisa, os que tinha ido à praia reduzia para 28%, e os que havia viajado em fins de semana reduzia para 18%. No que se refere a viajar, 30% havia viajado há mais de um mês, 29% viajado há mais de um ano e 23% nunca havia viajado em algum fim de semana de sua vida. Quando questionados quais “atividades de lazer, cultura e passeios que nunca fez, mas gostaria de fazer, e razões para não fazê-las”, na pesquisa espontânea a atividade mais apontada foi “viajar” (11%), precedido de “ir ao cinema” (8%) e “ir ao teatro” (7%). As razões apontadas por estes jovens para não realiza-la é, entre as mais frequentes, “falta de dinheiro” (41%) e “falta de tempo” (17%).

Ao pensar nas rotinas constituídas por esses jovens, bem como nas suas aspirações de “estilos de vida”, observa-se que a convivência com amigos e a pretensão de viajar e vivenciar práticas de lazer são elementos característicos desse ciclo de vida. Tais aspirações dialogam diretamente com a perspectiva criada pelo intercâmbio. Longe de preocupações familiares ou de sobrevivência, os jovens que fazem intercâmbio concebem o período que se encontram como o momento ideal para vivenciar novas experiências e descobertas. Desta forma, pensar os intercâmbios estudantis a partir de suas várias facetas pressupõe pensá-lo como uma atividade possível e melhor aproveitada se feita na juventude.

Adriana, por exemplo, estudante de Letras que fez intercâmbio em Sorbonne, Paris, acredita que não conseguiu “aproveitar” sua estadia no exterior da forma como queria principalmente por estar recém-casada, o que diferenciou sua vivência no intercâmbio de outros estudantes que foram com ela. Em entrevista antes de ir, afirmou que estava com um problema para fazer o intercâmbio, pois estava recém-casada, sendo que concorreu ao edital de seleção da UFJF assim que voltou de “lua de mel”. Ela dizia, à época, que isso era o que mais a estava chateando, mas que não iria mudar seus planos “por causa de homem”.

Ao voltar, entretanto, apresentou uma série de queixas sobre o intercâmbio e sobre as frustrações que teve ao não conseguir a fluência desejada com o francês<sup>24</sup>. Ao ser questionada se os outros estudantes de Juiz de Fora que foram com ela tiveram a mesma experiência, de voltarem frustrados para o Brasil, ela negou e disse que todos os que foram com ela gostaram muito, sendo que um até conseguiu um vínculo com outra universidade lá e estendeu seu prazo. Adriana, porém, que havia planejado inicialmente ficar um ano, ficou apenas seis meses; a seu ver, o compromisso assumido previamente no Brasil – o casamento – a impediu de viver o intercâmbio de forma mais intensa e descompromissada.

Não sei, sabe. Às vezes porque eu tinha acabado de casar e aí, talvez. Eu acho que foi principalmente isso, sabe? Se eu fosse solteira, eu ia ficar lá, eu não ia ter nada a perder, sabe? Mas eu estava lá, eu estava com a cabeça aqui...é diferente... (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Adriana, portanto, corrobora com a pesquisa realizada por Abramo (2008), ao afirmar que, caso estivesse solteira, a vivência do intercâmbio seria outra, mas com o casamento a possibilidade de vivenciar esse período como migrante era limitada, graças aos fortes vínculos que possuía com o Brasil, na figura do marido.

Essa liberdade de poder viver em outros países e outras experiências graças à juventude foi algo narrado também por outros interlocutores. Tiago, estudante de Direito que fez intercâmbio em Camerino, Itália, afirmou que, aos dezesseis anos, já havia morado um mês no Canadá estudando inglês e, em 2012, tinha morado um mês e meio na França, visando aprimorar seu francês. Já Carlos, estudante de Direito que fez intercâmbio em Teaneck, Estados Unidos, também pontuou que a possibilidade de viver a experiência no exterior é melhor antes de se ter comprometimentos mais sérios, mas também acredita que não é algo que se pode fazer muito novo.

---

<sup>24</sup> Tal aspecto será abordado de forma mais detalhada no Capítulo 3.

Sempre foi meu sonho [fazer intercâmbio], sempre foi meu sonho. Desde que eu comecei a fazer inglês em 98, eu tinha vontade de morar fora, de viver um período fora, de ter uma experiência fora. Só que eu era muito novo, não me sentia com tanto apoio assim, pra poder fazer isso, e agora que veio a oportunidade eu falei vamos tentar. (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13)

De qualquer forma, a ideia de que há um período da vida em que se é possível aproveitar de forma mais intensa a experiência do intercâmbio dialoga diretamente com a percepção de que a juventude é o ciclo da vida em que se tem mais liberdade para novas experiências. A juventude, longe de ser compreendida apenas como uma etapa de transição entre a adolescência (considerada a etapa “problemática”) e a idade adulta (considerada a etapa “resolvida” e “consolidada” de qualquer trajetória), é entendida como um ciclo de vida heterogêneo e abrangente, em que se está em definição tanto as configurações profissionais como identitárias e de trajetórias.

Conforme afirma Calvo (2013), o intercâmbio é uma junção de várias características migratórias distintas, como imigrantes trabalhadores, residentes estrangeiros e emigrantes em retorno, configurando novas mobilidades e gerando diferentes imagens sobre seu “destino”. Dar atenção à questão geracional nesse processo nos ajuda a compreender melhor os sentidos e razões dados pelos sujeitos nessa experiência. Dias (2007), ao estudar a migração de jovens trabalhadores para um resort nos Estados Unidos, observa como a percepção de “ser jovem” variava de acordo com os países de origem e do tipo de intercâmbio que aquelas pessoas protagonizam. Os sul-americanos, que em sua grande maioria iam para os Estados Unidos em busca do aprendizado do inglês, acreditavam ser aquela fase da vida única para aquele tipo de “incremento” em suas carreiras; um “tipo de experiência que só podia ser vivida durante a juventude, período de suas vidas em que preparavam o terreno de seu ‘futuro’ profissional” (DIAS, 2007, p. 58). Os jovens australianos e neozelandeses, por outro lado, longe de compreenderem aquele momento como um período de investimento no futuro ou em suas carreiras, consideravam que estavam protagonizando um “estilo de vida” jovem, que conjuga divertimento, descobertas, novas experiências, enfatizando o caráter hedonista da juventude. Seduzidos principalmente pelos esportes de inverno e pela repulsa a trabalhos monótonos em seus países de origem, esses jovens viam aquele período de suas trajetórias como a chance única de experimentarem outras formas de vida que seriam impossíveis em seus países de origem. (DIAS, 2007, p. 84-86).

A partir dos dados acima apresentados, fica claro que compreender o fenômeno do intercâmbio estudantil implica em considerá-lo como uma atividade que tem forte relação

com a juventude, sendo este o período da vida compreendido socialmente como o mais “livre” para diferentes experiências e constituição de trajetórias.

### 3.1. “EU SOU MUITO MALEÁVEL, ADAPTADO, ENTÃO NÃO TENHO MEDO”<sup>25</sup> - COSMOPOLITISMO COMO PROJETO

A juventude, no processo histórico de constituição de seu significado social, acabou por incorporar algumas características, como “liberdade” e desprendimento, compreendendo que é nesse período em que se é possível vivenciar novas e diversas experiências. Nessa perspectiva, compreende-se esse ciclo de vida, a partir da constituição de um *ethos* capaz de ultrapassar as fronteiras territoriais e simbólicas aos quais estiveram circunscritos durante a infância e adolescência. Nesses termos, a ideia de se constituir como um sujeito cosmopolita, capaz de transitar por diferentes mundos, espaços e lugares, acaba se tornando um imperativo para muitos desses jovens. Conforme Velho (2010), o cosmopolitismo é largamente entendido como uma oposição ao localismo, sendo a *cosmopolis* a indicação de um mundo sem fronteiras, de características universalistas. Nesse sentido, a circulação, o trânsito, a troca e a interação contribuiriam para a experiência cosmopolita.

Por outro lado, o cosmopolitismo na sociedade moderna-contemporânea se associa também a valores e perspectivas individualistas, de cultivo da subjetividade e valorização da singularidade individual. Logo, a coexistência de diversos mundos sociais e correntes culturais, que expressariam diferentes modos de relacionamento e interação com a realidade, bem como múltiplos pertencimentos e identidades simultâneas, se definem como marcadores deste valor. “Mundos sociais” mais restritos, que perpetuariam valores associados à localidade e à tradição, se contrapõem e delineiam “mundos sociais” abertos e dinâmicos suscetíveis à mudança e à mobilidade. A experiência cosmopolita, nesses termos, permitiria aos sujeitos circular por esses mundos.

O discurso de muitos intercambistas, ao justificar o desejo de passar por um período no exterior e terem aquela experiência, parte dessa perspectiva cosmopolita, acreditando que, através do intercâmbio, seja possível vivenciar diferentes mundos e valores.

---

<sup>25</sup> A cada subtítulo apresentado optei por inserir um trecho da fala de algum interlocutor que representa significativamente o tema a ser ali discutido. No decorrer do texto tal fala poderá ser apreendida de forma contextualizada e identificada com seu autor.



Resolvi fazer intercâmbio porque já é um sonho que tenho desde o ensino médio de estudar durante 6 meses ou 1 ano em um país diferente. Naquela época, não tive a oportunidade, mas, agora na graduação, tive. O que me motiva são as experiências novas que o intercâmbio proporciona, a busca pela independência, a riqueza que morar em um país distante e com cultura diferente pode proporcionar, o peso que essa experiência conta academicamente, além da própria experiência de vida mesmo. (TIAGO, entrevista antes da partida, 27/09/13)

Como afirma Ribeiro (2011), a ideia de cosmopolitismo, já na Grécia antiga, significava cidadão do mundo, em que pressupunha uma atitude positiva em relação à diferença, através de comunidades globais pacíficas, iguais e com capacidade de se comunicar através de fronteiras culturais e sociais distintas. É nesses termos que é pensado, pelo menos publicamente, como justificativa, os programas de internacionalização do ensino superior; e é também a partir de tal perspectiva que muitos intercambistas argumentam e justificam sua experiência.

Ricardo, ao falar sobre por que escolheu a Coreia do Sul, disse que chegou a pensar na Rússia como possibilidade ou mesmo nos Estados Unidos, mas acabou optando pelo país asiático por já ter amigos lá, por pretensões acadêmicas e também por ser possível viver o que acha “importante” no intercâmbio.

Eu tinha mais duas opções, eu queria tentar Rússia também, só que a universidade da Rússia que é oferecida aqui pela UFJF é muito interiorana, fica muito distante de Moscou e São Petersburgo, que são os dois grandes centros da Rússia. Então, ia ser, assim, muito complicado de viver lá, *de ter contato com alguma coisa que eu acho importante de ver no intercâmbio*. Eu pensei também em tentar para os Estados Unidos, só que assim, com os meus amigos lá [na Coreia do Sul], e essa universidade de lá que eu queria, de acordo com as minhas propensões acadêmicas, eu acabei tentando a Coreia mesmo. (RICARDO, entrevista antes da partida, 06/08/13, grifo meu)

O intercâmbio é interpretado, desta forma, como um mecanismo eficiente em ser capaz de permitir aos estudantes vivenciarem outros países de forma ampla:

[...] Gosto muito de viajar e costumo fazer isso sempre quando posso. Sempre guardo dinheiro com o intuito de viajar e o meio mais interessante, na minha opinião, é através do intercâmbio, porque só assim *você consegue realmente viver uma experiência mais completa*, com aprimoramento da língua, faz-se amigos nativos e estrangeiros e mora numa cidade estrangeira, com possibilidade de se fazer turismo durante os dias livres. ” (TIAGO, entrevista antes da partida, 27/09/13, grifo meu)

Rapport (2002) define cosmopolitismo como um hábito mental, em que os atores sociais inculcariam práticas capazes de constituir uma nova ordem social global, definida por ele como “pós-nacional”. Assim, o “estar em casa” não estaria vinculado, necessariamente, a

qualquer país ou nação, pois o pertencimento do indivíduo se daria no trânsito, na participação em diferentes ambientes socioculturais. Já Appiah (1998) afirma que o cosmopolita celebra o fato de haver diferentes modos locais de ser, se contrapondo ao desejo da homogeneidade global da tradição humanista ocidental. Segundo o autor, o cosmopolitismo que ele defende valoriza a variedade de formas humanas de vida social e cultural, em que haja diferenças locais de moralidade. Desta forma, as pessoas serão livres para escolher as formas locais de vida humana em que querem viver. Assim, cosmopolitas podem ser patriotas – amar seus países: não apenas os que nasceram, mas os que cresceram e os que vivem – e, sobretudo, terem liberdade de criar, para si mesmos, um leque de opções socialmente transmitidas nas quais se possa inventar suas identidades, refletindo sobre as atuais e forjando novas.

Bhabha (*apud* GUNEW, 2009) cunha o conceito de “cosmopolitismo vernacular”, defendendo que esse tipo de cosmopolitismo pressupõe enraizamento em interesses locais, mesmo reconhecendo e identificando as responsabilidades e contextos globais. Tal conceito tenta abarcar o crescente abismo mundial entre cidadania política, entendida em termos do “nacional” e centrada no Estado, e cidadania cultural, compreendida frequentemente como diaspórica, transnacional e centrada na comunidade. Logo, lançar mão dessa definição supõe considerar minorias que, sem desejar primazia em contextos migratórios, operam pela lógica da tradução, através de distintas culturas.

Este ideal cosmopolita, que pressupõe capacidade de incorporar diferentes formas de ser e estar no mundo, mas sem desconsiderar as realidades e interesses locais, dialoga diretamente com as perspectivas e trajetórias destes intercambistas. Carlos, antes de partir, fala do sonho que sempre teve em morar nos Estados Unidos, incorporando em si o sonho de muitos com a “América”.

Quando veio a listagem e vi a possibilidade, eu disse: “eu quero ir para os Estados Unidos”. Não tinha outra opção. Eu até falei na minha entrevista da Universidade: “ah, por que você escolheu? ”, “ah, porque era o país que eu quero, era o país que eu sempre quis, tive vontade, era o país que eu mais tinha afinidade”. Americano, adoro falar inglês, adoro música, adoro a cultura. Muita gente acaba fazendo Portugal, a língua, por ser mais fácil o tramite, eu não queria isso, eu queria uma coisa que eu quis e eu quis os Estados Unidos pela familiaridade, pela paixão, digamos assim. [...] eu tenho esse sonho antigo de morar fora, de ter uma experiência fora, era sempre os Estados Unidos. Poderia até viver em outro lugar, *mas o sonho mesmo era os Estados Unidos*. Isso falou mais alto. (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13, grifo meu)

Adriana, antes de ir, dizia ter sentimento semelhante com relação a França. Em entrevista, ao ser indagada sobre outras opções para um país de língua francesa, comenta:

Eu acho que tem Canadá. *Mas eu sempre quis muito a França.* Eu acho que, mesmo que tivesse Canadá, o francês não ia ficar tão evidente, né, pra mim. No meu caso, é só o francês que eu quero mesmo e foi por isso mesmo, por causa do francês (ADRIANA, entrevista antes da partida, 08/08/13, grifo meu).

A estudante acreditava que, para apreender a língua estrangeira que estudava, era fundamental estar no país de “origem” da língua, sendo, por isso, a França um país tão desejado. Esses atores, portanto, mesmo que não digam claramente, incorporam em seus discursos a busca por um ideal cosmopolita, que, longe de ser estático, precisa ser aprimorado e construído permanentemente. Rita, por exemplo, ao conversar antes de sua partida para Portugal, disse que estava tendo dificuldades em fazer amizades com outros estudantes da UFJF que também estavam indo para o intercâmbio, pois, segundo ela, o pessoal estava muito na “*vibe to indo pra Europa*”, ao contrário de “...*ir participar de uma experiência legal, estudar em uma universidade estrangeira*”. Ora, para uma experiência “verdadeira” no exterior, nesse ideal de descoberta de novos mundos e formas de vida, não cabia para Rita apenas ir para o exterior, mas ir tendo para si um projeto e uma forma específica de compreender aquela experiência.

Carlos, ao retornar e narrar seu intercâmbio, disse ter dado sorte por ter convivido com poucos brasileiros nos Estados Unidos:

Dei sorte, porque da universidade toda nós éramos quatro [brasileiros], quando eu cheguei. E falo sorte porque eu acho que isso foi muito válido pro meu inglês. Se eu ficasse com brasileiro, eu acho que eu demoraria a aprimorar o meu inglês, não teria tantas amizades. Nós éramos quatro, cada um morava praticamente num prédio diferente e de campus diferente. A gente não encontrava mesmo. Era muito, muito difícil de se encontrar. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Esses estudantes, portanto, incorporaram em suas retóricas e expectativas a necessidade, frente à oportunidade que estavam tendo, de vivenciar a experiência cosmopolita. Nessa perspectiva, pressupõem um estilo de vida, ou um *ethos*, que conforma uma forma diferente de ser no mundo, mais aberta e disposta, associada a determinado *eidós*.<sup>26</sup> Quando questionado se havia realizado pesquisas prévias sobre o local de destino, Carlos afirmou:

---

<sup>26</sup> Bateson (2008, p. 96) diferenciou *eidós* de *ethos*. De maneira geral, o *eidós* de uma cultura refere-se à expressão dos aspectos cognitivos padronizados dos indivíduos, enquanto *ethos* é a expressão correspondente de

Vi questão de tempo, de clima. Eu vou ficar no Campus, então eu olhei o Campus, mais não. Igual eu te falei, *eu sou muito maleável, adaptado, então não tenho medo*. Eu tenho... a gente fica apreensivo, claro, né... Medo não. (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13)

Além de incorporar o *ethos* cosmopolita, é importante que se conviva, conheça e dialogue com outros sujeitos que também já vivenciaram um período em terras estrangeiras e que compartilhem muitos destes significados. Carlos, por exemplo, disse que seu projeto do intercâmbio foi bem-sucedido devido à experiência da tia em viagens internacionais, através da qual se inteirou com a gramática burocrática das viagens internacionais: “*A minha sorte foi uma tia. Minha tia deu muito apoio, porque ela já viajou, então, assim, ela cuidou do visto [...]. Ela me deu muito apoio, coisa que talvez eu ficaria meio perdido sozinho.*” (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13).

Ricardo, ao justificar seu interesse pela Coreia do Sul, disse que ele, juntamente com um grupo de amigos, havia se interessado pela cultura coreana há tempos e que, a partir das explorações desse grupo sobre o país asiático, é que surgiu o interesse em fazer o intercâmbio.

**Ricardo:** Era uma roda de amigos que gostava de K-pop, né, que é o pop da Coreia, que é tipo o estilo musical que tem de lá, gravação de lá e tal... [...] começou por questão de música, alguns dos nossos amigos veem Dorama, que são, assim, é quase uma novela coreana. É como se fosse um mix de seriado-novela, é bem regional mesmo, bem da cultura deles, aí tem a questão dessa roda ter essa peculiaridade. [...] existe até uma questão da cultura coreana estar, assim, invadindo os mercados. Eles chamam esse movimento de (Wave), né, “a onda” – eles /tão dando um nome pra isso também em coreano – significa “a onda”, que é quando você consegue massificar uma cultura. E existem matérias na faculdade onde você estuda “The wave phenomenon”, tipo “o fenômeno da onda”, sabe? É assim, essa questão de massificação de cultura pra eles tá ficando... [...] a grande questão é que os coreanos... [...] você vai chegar lá e você vai ver uma sociedade que tem resquícios de oriente, essa tradição de família e tal. E você vai ver uma geração mais jovem que você poderia encaixar, assim, como norte-americana ou inglesa, porque todas as questões culturais deles são ligadas ao ocidente. E o ocidente norte-americano, inglês, tem essa questão de cultura de massa, né? Então eles se veem com essa necessidade de também expandir a cultura deles e tal. E por isso, que, assim, grande parte das bandas lá cantam metade em inglês, metade em coreano [...] (RICARDO, entrevista antes da partida, 06/08/13)

Ricardo, ao incorporar um discurso de grande conhecedor da cultura coreana, atribui essa habilidade a um grupo de amigos que se interessaram por aquele país, sua música e cinema. Desta forma, não cabe apenas buscar um país estrangeiro para vivenciar suas

---

seus aspectos afetivos padronizados. A soma do *ethos* e *eidos* forma o que Ruth Benedict chamou de *configuração*. Como salienta Velho (1991, p. 122), a ênfase nos aspectos cognitivos recai em visão de mundo e *eidos*, enquanto *ethos* estaria associado a estilo de vida, aspectos afetivos, estéticos, etc.

perspectivas de mundo, mas buscar formas singulares e “criativas” de o fazê-lo, realizando o que Barros e Ribeiro (1994) denominaram de “corrida por paisagens autênticas”.

Por fim, para além desses discursos individuais em torno de um projeto cosmopolita, alguns intercambistas também apresentaram tal argumento em referência às universidades para as quais se dirigiram, cujas políticas de internacionalização dialogavam diretamente com suas perspectivas, bem como representavam projetos que acreditavam ser importantes para o Brasil.

É um tipo de universidade que tá preparada para receber estrangeiro. Você vê, tem um monte de facilidade para estrangeiro: você tinha a tutoria gratuita, quantas vezes você quisesse [...] para consertar se estava errado, se estava bem escrito. Vários programas de interação, tem os clubes de leitura. Ela é bem preparada. Que ela fala que o lema dela é *global education*. Assim, ela está buscando, está chamando, dá um monte de benefício pra estrangeiro que vem, ela está preparada para receber. E vivendo no campus, o bom foi isso: estava com os estrangeiros o tempo todo, menos com os americanos que não moravam na faculdade. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Já Ricardo argumenta que a internacionalização das universidades é fundamental para ampliar a visão do mundo acadêmico e das pessoas. Para ele, o Brasil precisa avançar ainda mais nesse “projeto universalista” de ciência, mas que está no caminho certo e que é um processo demorado.

Não é uma política que você vai ver resultado no curto nem no médio prazo, você vai ver isso no longo prazo. São gerações e gerações que você tem que fazer isso agora, aí o pessoal vai voltar, você vai achar que é a mesma coisa, só que a mentalidade do país começa mudando aos poucos. Você vê que a nossa estrutura acadêmica e a estrutura acadêmica de países desenvolvidos, ela é completamente diferente. [...] A própria mentalidade acadêmica, assim, desses países, ela é diferente. Aqui, você entra no curso e aí você vai puxando, puxa uma grade praticamente pronta e você vai ver que, à medida que você vai fazendo o seu curso, você vai vendo matérias que são, assim, muito mais amplas, do que o que você aprende nas próprias disciplinas aqui. E a questão, principalmente, com o Ciências Sem Fronteiras, ele tem que ter um estágio fora, algumas áreas tem pesquisa com professores lá fora. Então, isso aproxima muito a nossa realidade dos países desenvolvidos. (RICARDO, entrevista antes da partida, 06/08/13)

Pensar os intercâmbios a partir desse projeto cosmopolita ajuda a compreender que esse é um projeto tanto pessoal quanto institucional, sendo que, a partir destas experiências, as pessoas, ao vivenciar estas pluralidades, são moldadas e se modelam por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos, não havendo mais o caráter totalizador dos grupos ao definir identidades. (HANNERZ, 1997).

Tal relação entre os intercâmbios e esse projeto universalista está claramente expresso num dos projetos mais conhecidos a nível internacional de intercâmbio estudantil: o Programa Erasmus, criado e financiado pela União Europeia. O programa prevê a circulação expressiva de estudantes principalmente entre os países do continente europeu e nome do projeto se assenta exatamente a partir de Erasmus de Rotterdam, um pensador renascentista “estudioso”, “viajado”, “cosmopolita”, “conhecedor” de toda a realidade europeia.

Desta forma, os intercâmbios estudantis, para além de ser um projeto especificamente marcado em um ciclo de vida – a juventude – são forjados dentro de uma perspectiva cosmopolita, visando à descoberta de novas experiências, mundos e lugares, sendo que tal perspectiva dialoga diretamente com a “liberdade” que os jovens possuem para tais descobertas. Cabe pensar quais os limites que esses projetos e ideais encontram nas experiências de fato, que é o que se pretende fazer na próxima sessão.

### 3.2. “A GENTE ACABOU FICANDO ENTRE A GENTE” – LIMINARIDADE E *COMMUNITAS* DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Victor Turner (2013), ao estudar os ritos de passagens da sociedade Ndembu, desenvolveu os conceitos de *liminaridade* e *communitas* como forma de aprofundar a questão da experiência dos sujeitos envolvidos no processo ritual. Retomando a reflexão de Van Gennep, lembra que os ritos de passagem são caracterizados por três fases: a primeira seria a de separação, que significa o afastamento de um indivíduo ou grupo da estrutura social; a segunda é a da margem (ou liminar), que é o despojamento dos atributos sociais passados ou futuros daqueles sujeitos; e a terceira, a de agregação, que é quando se consuma a passagem e o sujeito ritual retorna à estrutura social ocupando novo papel.

Turner explora de forma detalhada a segunda fase, a fase liminar, quando as pessoas possuem uma condição ambígua, pois escapam à rede de classificações que organizam e as localizam em determinado espaço cultural, mesmo trazendo em si características dessas classificações prévias. Nessa fase, os sujeitos são despojados de qualquer elemento diferenciador. Todos estão em iguais condições, homogeneizando-se distinções de classe ou posição. Tal situação cria, entre os indivíduos protagonistas desses ritos, o sentimento de camaradagem e igualitarismo. Nessa situação, prevalece-se um estado de transição, totalidade, homogeneidade, ausência de diferenciação de classe, altruísmo, suspensão dos direitos e obrigações de parentesco, dentre outras características que reforçam o sentimento de

igualdade e comunhão, motivo pelo qual foi denominado por Turner como período de *communitas*. O autor, ao situar este debate para contextos diversos, coloca que, nas sociedades complexas, profetas e artistas são tidos como pessoas liminares ou marginais, que não se esforçam por, necessariamente, ocuparem determinada posição social ou representar papéis e estão mais abertos para entrar em relações vitais com outros homens.

Não se considera, no âmbito deste trabalho, o intercâmbio como um ritual de passagem *stricto sensu*, mas entende-se que, muitas das características que definem a fase liminar, podem ser encontradas na experiência destes estudantes fora do país. Confrontados com a condição de estudantes brasileiros, grande parte dos marcadores sociais que os definiam no Brasil são colocados em segundo plano, obrigando-os a lidar com os elementos que caracterizam a identidade de estudante universitário, jovem, brasileiro. Além disso, mesmo que o intercâmbio não possa ser compreendido como uma fase de humilhação, como muitos rituais de passagem o são, ele provoca uma elevação no status de quem o vivencia, fazendo com que os estudantes, ao retornarem para seus países de origem, ocupem uma posição na estrutura social diferente daquela que ocupava antes da viagem.

A partir dos relatos coletados, fica claro que este período de intercâmbio é compreendido, pelos próprios atores, como um momento que tanto se diferencia de sua vida ordinária no Brasil quanto se distingue das formas de vida “nativas” nos países de destino. Na perspectiva desses estudantes, um momento singular de autoconhecimento. Carlos, ao ser questionado sobre o que o intercâmbio poderia lhe proporcionar, argumenta:

Talvez um pouco daquilo que a gente vê na parte das ciências humanas. É o distanciamento. É aquela coisa: eu preciso me distanciar da minha vida de aqui, da vida que eu levo aqui, dos problemas que eu levo aqui, do convívio social que eu levo aqui, pra avaliar, pra julgar. Eu acho que, na antropologia, que eu vi que eu preciso ter um olhar distanciado desse meu íntimo aqui pra poder dizer: isso eu quero, isso eu não quero, isso precisa mudar, isso não precisa mudar e ter certeza, ter firmeza [...]. É uma viagem de autoconhecimento, acho que definiria assim. (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13)

Carlos também acreditava, antes de partir, que a principal coisa que iria estranhar era conviver rotineiramente apenas com outros estudantes, coisa que nunca ainda tinha vivenciado no Brasil. Ele, que sempre morou ou sozinho ou com família, acreditava que essa vivência seria seu principal desafio: “*Eu acho que tudo vai ser um estranhamento, porque vai ser uma coisa diferente. Um ritmo diferente, eu vou morar com outros estudantes, então você tem todo um convívio diferente.*” (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13).

Algo relatado, porém, por praticamente todos os intercambistas, é a impossibilidade de conseguirem se socializar e conviver cotidianamente com moradores “nativos”. Estando nessa condição liminar, acabavam por manter amizades apenas com outros estudantes intercambistas, que estavam na mesma condição que eles, ficando alguns restritos a apenas outros brasileiros. Carlos, que acreditava que conseguiria fazer vários amigos americanos, disse que isso foi uma das coisas que mais lhe “frustrou” durante o intercâmbio.

Não era o que eu esperava. Eu acho que eu tinha uma visão muito romanceada, televisionada dos americanos, que não se tornou real. São muito fechados, muito na deles, não tem essa questão de proximidade, de ajudar, de contato. Os primeiros amigos foram estrangeiros que estavam na mesma situação que eu, então a gente acabou agrupando. Depois, com muito custo, que eu fiz amizade com um americano [...] então, muito difícil ter esse contato. Na cidade [...] não se via muro, não se via grade, não se via nada. Então, você tinha essa falsa sensação que vizinhos se gostam. Não, não tem nada disso. É uma cerca que não existe fisicamente, mas ela existe na cabeça. É a vida sua, correria, tudo esquematizado, é muito pragmático. [...] [Fiz] muita amizade com chinês, achei muito acolhedores, alguns indianos, teve um espanhol que é um grande amigo meu. Mas tudo gente de fora. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Adriana, antes de partir, acreditava que, por fazer parte de um grupo maior que iria para Paris, sua integração na sociedade de destino seria mais fácil. A seu ver, se fosse sozinha, “ficaria mais fechada”. Porém, ao retornar, sua principal queixa foi que não conseguiu fazer amizade com nenhum “nativo”, ficando limitada a outros estrangeiros e brasileiros, também estudantes.

Os franceses mesmo, assim, são muito fechados, né? E então, na universidade mesmo, o pessoal que era nativo, assim, a gente quase não conseguiu fazer amizade. Já a gente conseguiu fazer muita amizade com os estrangeiros que estavam estudando lá também e só. Falar francês, aquela coisa de ficar falando francês o dia inteiro foi pouco. (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Ela, que tinha como objetivo conseguir fluência no francês, se viu limitada justamente por estar em uma condição de estrangeira, conseguindo se socializar apenas com outros intercambistas. Em outro momento da entrevista, ela afirmou que isso foi uma das coisas que mais a chateou, pois, mesmo conhecendo outros estrangeiros, ficou restrita a seus amigos brasileiros.

**Adriana:** [...] eu me sentia um pouco rejeitada lá, sabe? Você chegar num restaurante e você falar: “eu quero isso” e o garçom não entender e meio que rir da sua cara... Isso aí é meio chato [...] A gente acabou ficando entre a



gente, que a gente não tinha amigos franceses, não tinha outros, então a gente andava entre a gente e falava português o tempo inteiro.

**Leonardo:** Mas você não conseguiu fazer amizade nem com pessoas de outros países lá?

**Adriana:** Não, aí tinha. Tinha alguns, um pessoal que morava lá no mesmo edifício, mas era uma vez ou outra. Mas, mesmo assim, estavam misturados com a gente, eram os brasileiros e alguns de outros países.

**Leonardo:** Mas nunca os franceses, né?

**Adriana:** Não. Nunca. (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Tiago, que foi para a Itália, disse ter passado pela mesma situação em seu intercâmbio. Como haviam poucos brasileiros na cidade, acabou conseguindo se socializar mais com outros estrangeiros, em condição semelhante a sua, e não com italianos “nativos”.

Eu convivi com outros italianos também, mas [...] a minha convivência lá ficou mais restrita a estrangeiros mesmo: tanto os que moravam no alojamento também – que era um alojamento [...] mais voltado para os estrangeiros. E, na cidade de Camerino, tinha uma escola de idiomas, de italiano mesmo, para estrangeiros e sempre, todo mês, vinha e ia embora pessoas e eu sempre convivi mais com essas pessoas mesmo. Fiz amizade com esse pessoal. [...] participei de uma excursão com eles, aí eu acabei conhecendo o pessoal. Tinha outros brasileiros – dessa vez do Ciências Sem Fronteiras – que aí fizeram esse curso de italiano antes, aí eu conheci eles primeiro, aí eles me apresentaram os outros [...] aí todo mês eu conhecia gente diferente. [...]. Eu conheci muita gente da Austrália, fiz um amigo que ficou mais próximo mesmo, do Equador também, que ele foi pra lá pra estudar, foi pra morar lá, estava emigrando. Assim, os seis meses que eu fiquei, os seis meses eu fiquei amigo dele, a gente saía sempre junto. É, deixa eu pensar, Austrália, Equador. Ah, holandeses, alemães...” (TIAGO, entrevista após o retorno, 24/09/14)

Rita, que foi para Portugal, também relatou que suas amigas ficaram restritas a outros intercambistas, e acredita que a principal razão para isso é que eles possuem uma dinâmica própria de vida e de relação com a cidade. Logo, eles se reconheceriam, o que não acontecia com os moradores “nativos”.

**Rita:** [...] Por eu estar convivendo com pessoas daqui [do Brasil] sabe? Eu acho que isso também, você acaba se fechando de certa forma. Mas eu fiz muita amizade com italianos. Eu fiz dois, três amigos italianos, dois deles eu tenho muito contato hoje ainda, e, que assim, a gente fazia tudo junto.

**Leonardo:** E você conheceu eles onde?

**Rita:** Em Coimbra.

**Leonardo:** Mas como? Festa? Alguém em comum?

**Rita:** Na Pousada da Juventude, assim que eu cheguei [...] eles estavam na mesma situação. Eu acho que os intercambistas são muito mais abertos, por se compreenderem, estarem na mesma situação e tal, do que os portugueses assim. Até mesmo porque eu acho que os portugueses se fecham muito no grupo deles também. ” (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14)

Essa situação, porém, não foi vivenciada por todos os interlocutores. Carla, que foi para a Argentina, e Ricardo, que foi para a Coreia do Sul, conseguiram fazer amizades com “nativos”, mesmo estando nessa situação liminar. Porém, há algumas razões para que eles tenham tido mais “sucesso” nessa integração do que os outros. Carla, por exemplo, afirmou que não tinha mais nenhum intercambista no curso que ela fez, além de ter ido para uma cidade pequena onde os argentinos eram bem receptivos aos brasileiros. Essas razões foram fundamentais para que ela conseguisse fazer amizade com outros argentinos, inclusive incorporando um estilo de vida durante o intercâmbio que condizia com a rotina dos estudantes de lá.

**Carla:** Com intercambista, eu nem fiz muita amizade não. Até conheci e tal, mas amizade mesmo foi com o pessoal de lá. Porque, na faculdade que eu fazia, o curso que eu fazia não tinha outro intercambista. Então tinha contato mais com as pessoas de lá. [...]

**Leonardo:** E depois que você voltou, tem alguma coisa de lá que você sente falta aqui hoje?

**Carla:** Tenho falta de sentar na grama tomando chimarrão com o pessoal [...] Com o pessoal da universidade, com minhas amigas de lá, ou com o pessoal mesmo da universidade, entre uma aula e outra, o pessoal sentava no gramado lá. É bom demais... (CARLA, entrevista após o retorno, 27/08/14)

Já Ricardo, na Coreia do Sul, também fez muitos outros amigos intercambistas, por assumirem a mesma rotina e estarem na mesma situação liminar. Lá, entretanto, havia um esforço institucional da universidade em integrar os estrangeiros com os estudantes coreanos, o que permitiu que ele conseguisse fazer amizades duradouras.

Conseguí conviver, [...] fiz amigos coreanos na universidade, tenho um grande amigo que é de lá, a gente se corresponde e tudo. Fiz amigos de vários outros países também, porque acaba que os estrangeiros, eles ficam muito juntos, né? Quando você está num país, porque você passa pelos mesmos processos, tipo: reunião pra dar diretrizes pro pessoal estrangeiro, eles estão sempre juntos, assim, e aí você acaba saindo muito com eles. Eu fiz amigos, assim, de lá e de outros lugares também. [...] e o quê que acontece: o curso de coreano, como ele é para estrangeiro, você convive o tempo inteiro com estrangeiros. Mas existiam outros programas da universidade pra você se tornar mais próximo dos coreanos e eles mais próximos de você e eu fiz um desses programas, assim. E acabou que eu fiz vários amigos coreanos e tal, então, eu tinha amigos de sala de aula, amigos que não eram [...] eram atividades, tipo, filmes e tal. E, principalmente na universidade do interior, como existiam pouquíssimos estrangeiros lá naquele *campus* – eram seis estrangeiros no *campus*, o resto tudo de coreano, [...] então, era muito engraçado, porque você andava e as pessoas olhavam pra você, tipo assim: “estrangeiro” [...]. Mas foi uma experiência bem mais diferente do que a experiência na capital, assim. As pessoas te olhavam e tal, então, eles tinham esse grupo mais forte assim, de integração com os coreanos. Na universidade da capital, tinha muitos estrangeiros, então,

assim, acaba que você não precisa de projetos assim. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Além desses relatos sobre como conseguiram se relacionar e com quais grupos, é perceptível, tanto nas entrevistas como nas postagens nas redes sociais, como o período do intercâmbio é percebido como um momento liminar, em que a vivência se dá numa espécie de *communitas*.

Carlos, em uma das postagens no Facebook, destaca uma entrevista que concedeu a um jornal da Dickinson University como intercambista: *“Eu sou uma das faces da Fairleigh Dickinson University! And I am proud to be in company with these amazing students and friends. Eu conheço todos eles, são mto gente boa. E foi coincidência eu estar com o cachecol do avo Manu, já se foram sete anos.”*<sup>27</sup> (CARLOS, Facebook, publicado no dia 08/11/13). Nessa entrevista, ele faz questão de enfatizar o pertencimento ao universo da Fairleigh Dickinson University e a relação por ele estabelecida com os outros estudantes da instituição.

Carla, em uma de suas postagens, destaca a suspensão de suas obrigações acadêmicas para poder aproveitar um dos espaços de sociabilidade por ela valorizado: tomar mate com as amigas.

Planos: Ir pra aula e depois ficar estudando na biblioteca. O que realmente aconteceu: Fui a aula e depois fiquei tomando mate com umas colegas e conversando no gramado da faculdade em um dia lindo de sol! (primeiro dia que uso manga curta aqui por sinal... rrsr) Deixa os textos pra mais tarde! Hoje o dia foi bom! (CARLA, Facebook, publicado no dia 29/08/13)

Rita, em uma de suas postagens, afirma o caráter da relação que estabeleceu com os amigos que lá fez, na mesma condição liminar:

Sou feliz por poder cantar errado, dançar na cozinha, falar bobagens, bolar teorias conspiratórias e planos absurdos com as pessoas que moram comigo (*“porque samus uma família”*). Isso sem contar em explicar ambiguidades das frases que usamos no “português-brasileiro” e nas conversas escatológicas com meus amigos italianos. Hoje tenho a plena certeza de que se essa viagem acabasse aqui, agora, eu estaria feliz. As amizades que cultivei aqui não tem preço - mesmo. Porque morar com pessoas que vão ao McDonalds comprar sorvete com você vestida com pijama de vaca é lindo. Porque ter amigos que fazem um jantar pra comemorar o aniversário de um amigo [...] e preparam uma panela de comida sem carne só pra você, porque você é a única vegetariana do grupo, é lindo. E discutir relacionamentos amorosos às 5h da manhã na praça, depois da festa, então? Sem palavras!

---

<sup>27</sup> “Eu sou uma das faces da Fairleigh Dickinson University! E eu tenho orgulho de estar na companhia desses alunos e amigos incríveis. Eu conheço todos eles, são mto gente boa. E foi coincidência eu estar com o cachecol do avo Manu, já se foram sete anos” (Tradução minha).

Hshaushuah. Eu tinha rascunhado várias coisas para este relato, mas tudo ficou irrelevante depois da noite de ontem. Hoje, tudo que tenho vontade de fazer, de verdade, é agradecer: aos meus amigos e família no Brasil, que sempre são TÃO indescritivelmente compreensivos e amáveis comigo; e à minha nova família que fiz aqui, porque sem vocês a vida aqui não teria graça. Eu AMO vocês! (RITA, Facebook, publicado no dia 17/11/13, grifo meu)

No fragmento acima, fica claro o espírito de camaradagem estabelecida entre ela e seus amigos intercambistas (ela aponta amigos brasileiros e italianos). Ora, para além das diferenças existentes entre eles, o que fica pautado nas relações ali estabelecidas é a solidariedade capaz de tornar a experiência de intercâmbio mais prazerosa, afirmando que, aqueles que estão ali na mesma condição que ela, conforma uma família.

Elementos dessa *communitas* por ela estabelecida em Portugal também apareceu em outras postagens no decorrer de seu intercâmbio. Em um desses relatos, ela destacou a festa de aniversário surpresa que seus “novos” amigos prepararam.

Nunca, em toda a minha humilde existência, eu conseguiria imaginar uma festa surpresa TÃO linda e inesquecível. Acho que a minha cara na foto fala mais do que mil palavras, né? Obrigada pelo carinho, pelos detalhes, pelo cuidado, pela companhia, pelo bolo queimado e pelo pão-de-queijo-sem-sal mais gostosos que já comi na vida! e aos meus amigos e minha família que tão longe, mas sempre perto: obrigada pelas mensagens, e pelo amor. — feeling a pessoa mais feliz e sortuda do universo. (RITA, Facebook, publicado no dia 23/11/13)

Ricardo também apontou essa vivência ao relatar, em uma de suas postagens, a existência de um colega de quarto que, mesmo fazendo uma atividade diferente da sua, o lembrava de sua condição de estudante e dos esforços necessários: “*No momento, sentindo inveja do meu roommate que está dormindo em sono profundo enquanto eu viro a madrugada estudando pra prova de amanhã u,u*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 16/10/13)

A questão do quarto, inclusive, foi algo destacado por vários intercambistas, seja nas entrevistas, seja nas redes sociais. Carlos, por exemplo, apontou essa situação de dividir quarto como um dos piores momentos de sua vivência no intercâmbio. Para ele: “*de todo intercâmbio, o único detalhe que eu não gostei mesmo foi em relação a isso. [...] você dividia o quarto com alguém. Não era a questão de você dividir o apartamento, ter o seu, era o quarto com uma outra pessoa. Isso pra mim foi terrível, foi a pior coisa.*” (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Adriana, em Paris, também reclamou do alojamento, acreditando ser esse também um dos piores momentos do intercâmbio.

Eu não gostei do alojamento, sabe? O lugar que a gente ficou foi muito precário. Assim, o aquecedor não funcionava, o chuveiro a gente tinha que tomar um banho correndo porque senão a água esfriava, aí eu tinha que dividir com a outra menina.... Então, tinha que ser correndo mesmo. Aí a gente ia, reclamava: “oh, isso aqui está com problema” e eles demoravam a arrumar. O alojamento foi meio que, assim, o nosso pior pesadelo. Não só pra mim, pro resto do pessoal que estava lá também. (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Ricardo, porém, não interpretou a necessidade de dividir o quarto como algo negativado. Pelo contrário, aproveitou a possibilidade de morar com um coreano como uma chance de aprimorar seu conhecimento da língua estrangeira.

Eu morei com três pessoas diferentes. No alojamento do interior, eu morei com um coreano – é, todos eles eram coreanos – ele era estudante de português, então ele falava português e eu tentava falar coreano. O segundo cara que eu morei foi o primeiro cara que eu morei no campus da capital, ele falava coreano e inglês, relativamente bem. E o último, ele não falava inglês, só falava coreano mesmo, que foi quando eu pratiquei um pouco mais. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Essas relações por eles estabelecidas com outros intercambistas também serviram para situações além das vivenciadas cotidianamente na universidade. Carla, por exemplo, buscou, através do Facebook, amigos de Tandil – cidade argentina onde estava morando – para atividades fora da universidade.

Quienes sepan algo sobre que hay para hacer en Tandil hasta el 21 de diciembre por favor me digan porque ya estoy empregnado a quedarme nerviosa en pensar que no tendré naaada que hacer a partir de la próxima semana... (sólo estudiar para los finales, claro...) jaja”<sup>28</sup> (Facebook, publicado no dia 20/11/13).

Já Rita relatou, por diversas vezes, situações cotidianas por ela vivenciadas no intercâmbio com os novos amigos se valendo inclusive dessa “rede liminar” para viajar para outros lugares da Europa.

---

<sup>28</sup> “Alguém que saiba o que há pra fazer em Tandil até 21 de dezembro, por favor diga-me, porque estou começando a ficar nervosa em pensar que eu não terei naaada o que fazer a partir da próxima semana ... (só estudando para as provas finais, é claro ...) haha ” (Tradução minha).

**Leonardo:** E você sabe falar inglês, pra você viajar pra lá, como que foi?

**Rita:** Ah, a gente enrola, né?

**Leonardo:** Você viajou sozinha?

**Rita:** Não. Eu tinha um amigo meu que falava muito bem inglês. Mas na Itália isso não funciona, né, você não fala inglês na Itália, mas eu sabia um pouquinho do italiano, eu aprendi lá, e com os meus amigos também, então eu me virava, assim.

**Leonardo:** Você viajou com quem lá? [...]

**Rita:** Na Itália eu viajei, eu fui pra uma cidade de um amigo meu italiano, fiquei na casa dele um dia e tal, ele foi comigo em Milão, aí depois eu fui pra uma cidade sozinha, e lá encontrei com uma amiga minha de Juiz de Fora, da Arquitetura, que estava morando na Itália, que estava morando em Bolonha, aí a gente viajou algumas cidades juntas.

**Leonardo:** E pra França, foi só em Paris?

**Rita:** É, foi, só Paris.

**Leonardo:** Você foi sozinha?

**Rita:** Não. Eu fui com esses meus amigos de Juiz de Fora e um outro amigo que eu conheci de Uberlândia, que morava no mesmo prédio que a gente.

**Leonardo:** Lá em Portugal também.

**Rita:** Em Portugal também, conheci também na Pousada da Juventude, e ele falava bem inglês, então a gente se virava bem por causa dele também... (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14)

Já Ricardo, que possuía vários amigos de Juiz de Fora também realizando intercâmbio em diferentes partes do mundo, utilizou dessa rede para viajar para a Europa e encontrar os amigos.

Eu fiz uma viagem no Natal porque eu tinha um amigo fazendo intercâmbio na França. E então, eu fui pra lá, a gente achou uma passagem barata, como eu já tinha um alojamento lá eu falei: “ah...”, e todos meus amigos iam pra lá, que estava fazendo intercâmbio – que foi engraçado: eu tive uma leva de intercâmbio próxima dos meus amigos, todo mundo foi praticamente no mesmo tempo e a gente se encontrou nesse Natal na França, eu conheci Amsterdã e Paris [...]. Nós fomos os únicos da Ásia lá, mais nossos amigos que estavam fazendo intercâmbio na Europa – Inglaterra, Portugal – passar esse Natal lá. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Por fim, compreender o intercâmbio como um período liminar, em que se estabelece um tipo de *communitas* para vivenciar aquela experiência, é perceber que ele é um período transitório, que a seu término é preciso retornar ao país de origem. Rita, ao fazer sua postagem de despedida do intercâmbio no Facebook, ressalta a grandeza do que viveu em Coimbra, mas também lembra que aquilo foi provisório e que foi possível ter vivido de forma tão intensa o intercâmbio por não se apegar a isto durante sua estadia em Portugal.

Atravesso a ponte.

Da mesma forma como fiz naquela outra cidade, que por algum tempo foi minha.

Me despeço de uma vida-inteira-de-meses;

e todo adeus é dolorido, porque é como se a gente tivesse deixando pra trás parte de nós mesmos.

sinto o vazio da falta: das ruas estreitas, dos encontros felizes, do brigadeiro de colher compartilhado na madrugada, da vida na cozinha, das muitas garrafas de vinho, da dança das gaivotas à beira do rio, do vento nas capas negras e até dos estudantes de sotaque luso que me acordavam quando passavam, bêbados, aos berros pela minha janela.

Do relógio no topo da torre a me lembrar que é sempre o tempo quem comanda tudo também sinto saudades.

me deixo ser tocada pelas lembranças: os fins de tarde mais lindos foram os que vivi naquele lugar.

afirmo convicta: a vida me sorriu nos últimos tempos.

Coimbra é conhecida como a cidade do conhecimento - eu não poderia ter ido pra um lugar melhor pra crescer e descobrir tão pequena e ignorante quanto forte e capaz.

a gente é mais feliz quando vive sem lembrar que *tudo é provisório*. (RITA, Facebook, publicado no dia 11/02/14, grifo meu)

A questão da provisoriedade também é destacada por Ricardo, que, por saber que a experiência no exterior tinha data para terminar, se sentia confortado.

[...] não sei se por uma questão de saber que eu tinha um prazo, tá, então: eu vou voltar pro Brasil daqui seis meses, um ano, sabe? A viagem vai passando, tipo, dois meses e tal... então, tipo assim, tem coisa que você segura porque, tipo assim: tá chegando. Tipo, sei lá: uma vontade mórbida de comer coxinha, dois meses, sabe? É o que eu falo, assim: morar no Oriente, talvez, pela vida toda, assim, fazer uma família no Oriente e morava lá, aí é outra história, assim. Aí é você encarar realmente uma realidade totalmente diferente. Eu tinha prazo, né. [...] Eu acho que isso conforta todo intercambista, assim, pelo prazo, sabe? Assim, pra ver os amigos, pra ver a família, pra comer de novo a comida, pra experimentar de novo a sua cultura. O que é diferente, né, de você estar vivendo num país; é essa diferença, a grande diferença de viver no país, apesar de tudo são compromissos a longo prazo que você faz estando vivendo e os que você não faz estando como intercambista. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Justamente por ser provisória, esses estudantes não conseguem, em grande medida, atingir o ideal cosmopolita que, para muitos, é tido como o objetivo a ser buscado, ou seja, não conseguem se integrar totalmente na sociedade de destino, ficando, na maioria das vezes, restritos a se socializarem com outros estudantes em situação semelhante às suas. Desta forma, ser estudante, jovem e estrangeiro se tornam marcadores sociais chaves para organizar suas formas de socialização e de experimentação daquela vivência. Outros marcadores sociais da diferença, que são fundamentais para organizar suas vidas no Brasil, como gênero, raça, classe, acabam sendo colocados em segundo plano, obrigando-os, por várias vezes, a renunciar a essas formas de distinção frente ao grande contraste com que eram confrontados no exterior.

Só é possível perceber essa dificuldade de integração em outro país ao compreender o papel que o estrangeiro ocupa em qualquer sociedade, não estando totalmente alheio, mas também não estando completamente integrado àquele lugar.

### 3.3. “GOSTO DAQUI, APESAR DE TER A CERTEZA DE QUE ESTE NÃO É O MEU LUGAR” – A CONDIÇÃO DE ESTRANGEIRO DOS INTERCAMBISTAS

Conforme Simmel (1983 [1898]), o estrangeiro ocupa uma posição singular no grupo ou sociedade de destino, determinada pelo fato de não pertencer originalmente àquela rede. Ele, portanto, não está totalmente próximo nem totalmente distante da sociedade para onde se foi, se encontrando em um espaço intermediário àquele grupo. Essa condição de distância se dá, sobretudo, porque, por mais que ele esteja próximo, ele não está organicamente ligado àquele grupo ou sociedade por laços estabelecidos de parentesco, localidade ou ocupação. Logo, o estrangeiro não está totalmente amarrado a nenhum compromisso que afeta sua percepção ou compreensão daquela sociedade “estranha”, estando mais livre para vivenciá-la a partir de sua própria perspectiva. Ou seja, “os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular: o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade.” (SIMMEL, 1983 [1898], p. 187).

Calvo (2013), ao fazer uma revisão bibliográfica acerca de estudantes em situação de intercâmbio – em seu caso, os intercambistas Erasmus, que circulam sobretudo, por países da União Europeia – afirma que há peculiaridades em torno deste tipo de migração, como a relativa juventude dos sujeitos e a duração demarcada de sua estadia. Dessa forma, esses estudantes constroem diversas formas de produção de subjetividade, ligadas às funções rituais e estruturais dessa viagem. Além disso, esses estudantes, como novos sujeitos globais, não se localizam nem no centro nem na periferia da indústria turística, participando da produção e construção de signos distintivos, tanto na sociedade de origem, quanto na sociedade de destino (CALVO, 2013).

Podemos compreender o intercambista, desta maneira, como um tipo específico de “estrangeiro”, que, por mais que desenvolva certa “espontaneidade” em terra estrangeira, não consegue se sentir inteiramente parte daquele lugar. Logo, a ideia do não pertencimento sempre estará presente, obrigando tais atores a buscarem formas diversas de socialização e



construção de relações sociais locais. Naturalmente, o fato de os intercambistas se configurarem como um tipo específico de migrante, que já chegam na sociedade de destino com data marcada para voltar, ou seja, são temporários, faz com que estabeleçam ali uma relação distinta das estabelecidas por outros tipos de migrantes. Talvez não carreguem o *estigma* (GOFFMAN, 1988) dos migrantes clandestinos que se inserem em posições subalternas, contudo, mantêm – produzem – durante sua estadia certo estranhamento.

A integração à sociedade de destino, nos deslocamentos transnacionais, normalmente não ocorre de forma pacífica. Os imigrantes surgem como um *Outro* no processo de integração à sociedade acolhedora, ficando muitas vezes apartado em áreas específicas da cidade, associando diretamente discriminação econômica e étnica/cultural.

Os discursos pela igualdade, mas reafirmando o direito à diversidade, acabam em muitos casos por dissimular situações de exclusão e permitir o aparecimento de posições que, utilizando o mesmo argumento a partir da ideia de uma irredutibilidade das diferenças culturais, fomentam preconceito e segregação. [...] A cidade então não é de todos e para todos. (BARRETO e DUTRA, 2012, p. 75)

Os intercambistas, entretanto, são um tipo de migrante de que desafia novos tipos de cidadania a serem “inventadas”. Não são clandestinos, a ponto de sofrerem uma clivagem tão forte nos espaços urbanos como aqueles, mas também não possuem um estatuto claro perante os Estados e os cidadãos que os recebem. São simplesmente estrangeiros ou representantes de acordos institucionais? Desta forma, o estranhamento é mútuo no encontro entre intercambista e “nativos”.

No que tange ao estranhamento gerado no intercambista ao viver no país estrangeiro, são várias as facetas desse sentimento, que varia da questão da língua à alimentação, passando pela burocracia da universidade, pelos costumes, dentre outros fatores. Mesmo que esses estudantes estivessem dispostos e acreditando que encontrariam estranhamentos, há situações que foram mais difíceis do que imaginavam, enquanto outros foram mais “fáceis”.

Carlos, por exemplo, relatou que o primeiro estranhamento dele se deu em torno da língua, com a qual encontrou muita dificuldade no início.

Primeiro eu achava que eu sabia inglês. Não sabia. A primeira semana eu saí pedindo para repetir porque eu não conseguia compreender, aí a semana seguinte foi de aula e a dificuldade maior foi aquela coisa de que estava entendendo o que estava falando, mas é que esse processo de entender e copiar no caderno, foi muito confuso pra mim. Me senti perdido, me sentia estranho. Mas, assim, com um mês lá, eu já estava tranqüilinho. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Outra dificuldade que Carlos encontrou, como já apresentado, foi a necessidade de dividir quarto com outro americano na universidade. Comparando com sua experiência no Brasil, nos Estados Unidos essa situação gerou desentendimento.

O meu companheiro de quarto [lá dos Estados Unidos] não tinha [respeito de espaço], ele estava no quarto o tempo todo. Eu nunca tive o quarto pra mim, assim, sozinho, nunca. E fora a questão do dormir né?, Ele tinha aula sempre depois de nove horas e o despertador dele começava de sete, de dez em dez minutos. E eu reclamava e ele não mudava e ele tinha o sono pesado e não fazia nada. Então, eu saía do quarto e ia deitar na sala. [...] Ele era americano. Porque eles prezavam isso, eles queriam misturar. Então, eu não fiquei com estrangeiro, eu fiquei com americano. A lógica era essa, pra poder integrar. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Já Adriana temia uma dificuldade de integração pela sua condição de “estrangeira” antes mesmo de sair do país. Ela dizia ter medo da convivência com os franceses porque já tinha ouvido dizer que eles *“são mais fechados. Eu acabo ficando com medo de não fazer muitos amigos e acabar sentindo sozinha, sabe? Ainda mais que a gente vai ficar muito tempo e vai ficar no alojamento”* (ADRIANA, entrevista antes da partida, 08/08/13). E esse temor acabou por se confirmar. Adriana, ao voltar do intercâmbio, apresentou como principal queixa essa impossibilidade de conseguir acessar as redes e a “cultura” francesa como desejava. Apesar da cidade ser linda, como ela imaginava, as pessoas não permitiam qualquer tipo de relação.

**Adriana:** De Paris o que eu imaginava, era. Realmente, é, assim, um lugar muito bonito e, assim, é muito limpo, é muito lindo de se ver. O que eu não imaginava era que, realmente, os franceses eram tão frios quanto o pessoal falava, sabe? Eu achava que isso era mito.

**Leonardo:** Você não conseguiu fazer amizade com nenhum francês?

**Adriana:** Não, amizade, amizade, não.

**Leonardo:** Nem na universidade?

**Adriana:** Não, a gente na universidade só dizia “oi”, “tudo bem?”, “tchau”, e acabou. Sair, assim, chegar: “vão marcar? Vão fazer alguma coisa?”, isso aí, não. E assim, a gente sentiu muito aquela coisa, assim, de você ser estrangeiro e de você pedir uma informação e a pessoa, assim, simplesmente “ai, que saco, estrangeiro”, sabe? Não querer falar com você. Então, assim, isso pra gente que é brasileiro, que a gente trata na palma da mão, foi difícil. Então, assim, Paris é uma coisa muito bonita, mas é cada um por si, sabe? (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Junto a essa dificuldade de integração, Adriana relatou outros estranhamentos, como comida: *“Senti falta de comer arroz e feijão”*; falta da família e o frio encontrado.

Querendo ou não, por mais que a gente esteja, assim, num país diferente, a gente queira sair e passear, o frio meio que impedia, porque, poxa, um frio danado, você não quer sair de casa. Então, a gente fica lá, ficava lá dentro do

quarto. Era um quarto, era um quarto todo branco: tinha uma cama e uma escrivaninha, então era meio tédio aquilo. Ali dava bastante saudade da família. Uma coisa que eu não imaginava que ia acontecer, sabe? Eu me sentia muito assim: “não, família, tô tranquila (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14).

A condição de estrangeira de Adriana, que a impediu de conseguir se integrar totalmente naquela sociedade, acabou por fazer com que ela criasse uma barreira aos franceses e àquela sociedade na qual tentou se socializar.

**Adriana:** Olha, o mais positivo, que, assim, a trancos e barrancos, eu consegui meio que atingir um pouco do meu objetivo, né? Que foi aprender um pouco mais do francês, atingir mais da fluência, né? Estudar um pouco mais o que eu gosto. Isso de positivo. De negativo, ah, não sei, acho que eu meio que criei uma barreira, sabe, assim, com as pessoas, que eu não tinha antes, uma distância, sabe? Vamos dizer: eu deixei de admirar um pouco uma coisa assim, que, antes, pra mim, antes de conhecer eu achava que devia ser tudo. Eu descobri o seguinte: eu gosto da língua e passei, e separei totalmente a língua do país, dos falantes e tudo, sabe? [...] eu achava que as pessoas eram diferentes, que eles iam ser mais abertos, sabe? Que o fato de eu gostar tanto da língua deles, que isso pra eles ia ser uma coisa legal, deles falarem: “poxa, um estrangeiro que gosta tanto da minha língua”, né, “vindo pra cá para estudar”, assim. Não foi. Pra eles, a gente não passa de ninguém, sabe? Eu acho que, assim, isso foi o negativo; eu não cheguei aqui encantada igual todo mundo chega. Foi meio que, assim, um banho de água fria.

**Leonardo:** Mas você acha que você tinha esse encanto antes, assim, por quê, assim?

**Adriana:** Talvez porque todo mundo falava.

**Leonardo:** Que Paris é muito legal?

**Adriana:** Que Paris é muito legal e que fazer intercâmbio é a melhor coisa do mundo e que viajar é tudo de bom, sabe? Eu não sei também, pode ser porque eu fui estudar, eu fui com pouco dinheiro eu fui ficar num lugar que não era muito bom e, assim, a gente estudava praticamente de oito as cinco, todo dia. Eu ainda tenho vontade de voltar, mas quero voltar só para passear (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

Na experiência de Carla, ela encontrou menos barreiras para conseguir se integrar na cidade estrangeira. Ela afirmou que foi um ponto positivo ter ido para uma cidade do interior, pois mesmo não tendo morado na capital (Buenos Aires), ela disse que as pessoas diziam que no interior a população é “*mais amável, mais acolhedora, e eu fui muito bem recebida lá, foi muito bom.*” E isso a

Surpreendeu de forma positiva, porque, às vezes a gente tem um pouco de preconceito, acha que o pessoal de lá é um pouco mais frio, que às vezes o pessoal de lá vai ter preconceito com brasileiro, e é o que eu falo: eu me sentia no Brasil falando espanhol, sabe? O pessoal é muito legal, fiz muitas amizades boas lá. (CARLA, entrevista após o retorno, 27/08/14).

Carla, entretanto, quando partiu em intercâmbio, dizia que uma das dificuldades que porventura poderia encontrar seria em relação à falta da família. Ela se dizia “muito apegada” e acreditava que essa talvez fosse sua maior dificuldade. Através de suas postagens nas redes sociais, o que se observou foi que a relação com a família era permanentemente destacada, conjugando-a, esporadicamente, com outras questões. Nas postagens selecionadas, verificou-se desde a queixa direta da falta da família, ao fazer a contagem regressiva da volta, até a vontade de comer pratos preparados pela mãe e pela avó.

Vontade de comer: coxinha, comida japonesa, farofa de mamãe, feijão beeem temperado, arroz de mamãe tbm... Aiai vou fazer uma lista... Vai anotando ai, Fátima [mãe] ... Hehehe ah... Vou fz uns pedidos pra vó tbm... Por enquanto pra vó pode anotar a empada de queijo... Rs (Facebook, publicado no dia 20/10/13).

Novembro!!! contagem regressiva pra voltar... 52 dias! Vai ser mt bom rever a família mas é triste deixar as amizades daqui... queria ter dinheiro pra levar todos ao Brasil! Rs (Facebook, publicado no dia 01/11/13).

Tiago, que ficou seis meses na Itália, apresentou como o principal estranhamento a burocracia italiana. Diz que se surpreendeu com isso lá, que “*consegue ser pior do que a brasileira*”. Esta realidade foi encontrada em tudo, “*na universidade, pra conseguir o visto, tudo, tudo eles são muito burocráticos*”. Essa dificuldade se tornou ainda mais latente devido a ele se queixar de não ter, por parte da universidade, nenhuma atividade que servisse de apoio aos estudantes estrangeiros.

Uma coisa que eu estranhei no início é que eles não têm nenhum tipo de recepção aos alunos estrangeiros. Assim, quando eu cheguei lá, na primeira semana, foi até uma coisa que... porque, quando a gente foi pra lá, tinha uma professora brasileira que dá aula lá e ela é responsável pelo convênio com uma professora da UFJF aqui do Direito. Quando a gente estava lá, na hora de ir embora, ela falou: “o que vocês acharam que pode melhorar no intercâmbio?” E uma coisa que eu aponte pra ela foi isso, que eu achava que eles tinham que desenvolver alguma coisa pra ajudar na adaptação. Ah, nessa coisa de dar “bem-vindos” mesmo para os estudantes estrangeiros, porque, simplesmente, não teve nenhum, isso era uma coisa que eu não esperava, eu achei que era uma coisa, sei lá... Semana pra explicar como que funcionava a universidade, essas coisas assim, isso não teve. É, a universidade de lá é muito diferente da daqui, o sistema de provas é muito diferente; lá as provas são orais. O comum é você fazer prova oral, fazer três provas orais. E no início isso assusta, porque a gente é acostumado a só fazer prova escrita. (TIAGO, entrevista após o retorno, 24/09/14)

Mesmo com essas dificuldades, Tiago apontou fatores positivos de estar em terra estrangeira e afirmou que sentia falta no Brasil: “*eu sinto falta, por exemplo, da facilidade,*

*que era uma cidade muito pequena, e do alojamento pra aula. Era muito mais fácil do que ter que pegar ônibus aqui lotado e tal. A independência de morar sozinho também é bom, porque aqui eu moro com meus pais”* (TIAGO, entrevista após o retorno, 24/09/14). Estar sozinho em terra estrangeira é um duplo desafio, pois, além de ser um estrangeiro, você precisa enfrentar os desafios que qualquer jovem enfrenta ao sair da casa de seus pais.

Tiago também destacou características da universidade como algo a ser lembrado, como o sistema de aulas, a formação dos professores e a qualidade da comida do restaurante universitário. Para ele, mesmo com as dificuldades de estar em terras estrangeiras, como a alimentação e a falta da família, era possível suportar tais dificuldades com a certeza de que voltaria logo para o Brasil.

Depois que você tem a fase inicial do intercâmbio, né, do “ah, que legal, tô num lugar diferente”, aquela empolgação. Aí, quando tem três, quatro meses que você tá lá, bate um pouco a fase do “nossa, tô muito longe de casa, longe da família” e tudo mais. Mas, assim, como eu fiquei só seis meses, logo, logo eu já tava naquele pensamento de “já tá quase acabando, tem que aproveitar o máximo”. Então, nesse sentido, eu não senti tanta falta assim, não. Mas o que eu senti mais falta do Brasil, a comida, bem marcante assim. Ah, a gente tá acostumado a comer a nossa comida todo dia [...] Esses hábitos alimentares, assim, são complicados. (TIAGO, entrevista após o retorno, 24/09/14)

Rita, que ficou em Portugal por seis meses, dedicou grande parte de suas postagens no Facebook para relatar os estranhamentos que teve ao estar em terras distantes. Em uma delas, relata alguns dos elementos daquele país com os quais foi se acostumando, mas destaca a certeza de que não era dali.

E já se foi mais de um mês em terras lusas! [...] *Gosto daqui, apesar de ter a certeza de que este não é o meu lugar. Começo a me acostumar a uma nova rotina, com o estardalhaço dos estudantes trêbados nas ruas, com as gírias portuguesas. Gosto, sobretudo, dos biscoitos de maisena tostados e de comprar frutas e legumes no Mercado Municipal, evento que é praticamente uma experiência antropológica. Também gosto da Primark, que me tornou uma pessoa realizada ao me conceder a oportunidade de comprar o robe de girafa mais lindo do planeta! [...] Pra finalizar, acho relevante destacar que super aceito exportações de pão de queijo pra Coimbra, porque a falsa mineira aqui tá quase em crise de abstinência.* (RITA, Facebook, publicado no dia 18/10/13, grifo meu)

Ela, entretanto, minimizou essa sua condição de estrangeira ao acreditar que estar em um país que fala a mesma língua que a sua era algo que a aproximava daquelas pessoas.

Eu acho que nos outros países [que ela visitou na Europa] rolou um distanciamento maior, assim. Porque eu acho que, em Portugal, por mais que exista a distância, só de ter a língua em comum – que apesar de não ser muito parecida, mas, enfim, já é uma barreira a menos e é uma grande barreira nos outros países, sabe? Eu acho que, por mais que a gente – e isso é uma coisa que eu percebi muito, assim, quando eu voltei, essa coisa da força da língua, sabe? Quando você está num país que não fala a mesma língua que você é muito diferente. A cultura muda completamente, assim. Porque, em Portugal, a gente consegue perceber semelhança até no modo mesmo de se portar, de se ver... Em alguns momentos, assim, agora, nos outros países é tudo muito diferente. (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14)

Ricardo, que morou uma cidade sul-coreana, apresentou, tanto nas entrevistas como pelo Facebook, uma série situações que evidenciavam sua situação de estrangeiro e o estranhamento que naturalmente surge dessa condição. Tal questão ia desde piadas relacionadas à estética: *Minha professora disse que eu pareço o Brad Pitt. Mas é claro, pra eles ocidental é tudo igual. Hahaha*” (Facebook, publicado no dia 16/12/13); como geográficas: *“Vamos todos aprender a diferença entre América do Sul, América Latina e América Espanhola? Vamos?”* (Facebook, publicado no dia 23/06/14) e alimentares: *“1 mês para comer coxinha... — 😊 se sentido com fome”* (Facebook. Publicado dia 21/07/14);

Eu não tive problema adaptando com comida porque eu sou uma pessoa que come de tudo, assim, eu sou tranquilo com comida. Mas eu sentia falta da comida daqui, então eu apelava muito pra fast-food às vezes, pra sentir o gosto de alguma coisa que eu já tinha sentido antes (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14).

Ele, entretanto, narrou que esperava um choque maior do que realmente sofreu. Mas, mesmo com várias semelhanças entre lá e cá, alguns estranhamentos aconteceram.

**Ricardo:** De início, de início, assim, eu achei que foi muito mais parecido do que eu pensava, com a nossa cultura, assim, na verdade. Você fica preparado pra levar um choque muito grande quando você vai pra Ásia, assim, de tudo que a gente vê, de tudo que a gente ouve falar. E, aos poucos, você vai vendo as diferenças que se manifestam, assim, mais sutilmente do que você imagina. Porque mesmo eles já estão muito norte-americanizados e tudo assim, globalização. Mas você consegue ver algumas coisas, assim: uma vez, uma amiga minha tava ficando com um cara, e eles estavam andando de mãos dadas na rua e eles se beijaram pra se despedir...

**Leonardo:** Ela, os dois coreanos?

**Ricardo:** Não. Ela brasileira. [...] Ele norte-americano. E a gente estava andando num bairro de estrangeiro, lá existe um bairro de estrangeiros...

**Leonardo:** É onde você morou ou não?

**Ricardo:** Não. Eu morei num alojamento, que era dentro da universidade. E ela beijou pra se despedir dele e, assim, isso tirou olhares de senhores passando na hora. Assim, pode ser que isso não aconteça muitas vezes,

principalmente nesses bairros de estrangeiros tudo é muito mais tranquilo, mas, assim, nessa hora, estava passando uma senhora e ela fez uma cara muito assustada e a gente ficou assim: é, a cultura é muito diferente. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Ricardo fez questão de destacar, em suas falas, essa questão dos costumes na Coreia do Sul, que era o que mais o fazia observar diferenças em relação ao Brasil.

A coisa que mais me surpreendeu foi como existem duas Coreias – e eu não tô falando de norte e sul aqui. Eu tô falando do mesmo país, da Coreia do Sul. A Coreia antes da invasão cultural norte-americana e a Coreia depois dessa invasão. Assim, você tem um pessoal de mais de trinta anos que tem uma cultura X e um pessoal que tem, assim, vinte e poucos pra menos, que tem uma cultura totalmente diferente, assim. Como o país é dividido por esse choque cultural que teve. E isso é visível demais, como o sul-coreanos são norte-americanizados de vinte e poucos anos, assim, em tudo, de mentalidade, de tudo. E como os coreanos acima dessa idade, eles têm, não dificuldade, muitas coisas eles assimilam muito facilmente, assim, muito mais que brasileiro, assim, pessoas mais idosas brasileiras tem às vezes, muito mais dificuldade de assimilar mudanças. Mas, culturalmente, você vê um choque muito grande. Apesar de você ver pessoas de noventa anos de idade usando smartphone no metrô – porque, absolutamente a Coreia inteira usa smartphone – você pode dar smartphone pra uma pessoa de qualquer idade que ela vai te ensinar, assim, sabe, coisa que você não vê no Brasil. Você vê, tipo, que o pessoal de mais idade tem mais dificuldade de assimilar tecnologia, mas, ao mesmo tempo, você vê, por exemplo, senhores e senhoras chocadas porque você deu um beijo na rua. Coisas que a nova geração não tem problema nenhum. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Outro aspecto por ele apontado como distinto em relação ao Brasil e interpretado de forma positivada foi a internet e os meios de transporte.

[...] Coisas que ele disponibilizam que eles chamam de (Suwon wi-fi) nas principais ruas de (Suwon) que é um wi-fi gratuito, você não precisa fazer login em nada, só pra você acessar e a conexão é extremamente forte, assim. É uma das curiosidades, assim, que eu vi, é que viajando pra Paris, eu parei no aeroporto de Moscou, então, é um voo da Coreia, de Seul, pra Moscou Os coreanos saíram do metrô tentando procurar conexão, assim, você vê os coreanos, o mesmo grupo que estava no seu voo passando assim, igual uma manada, procurando conexão sem achar... (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Ricardo também se queixou da falta dos amigos e de alguns hábitos comuns no Brasil, mas que impossíveis de serem feitos lá.

Eu tive dificuldade assim, em relação a amigos. Assim, não que eu não tenha feito lá, mas eu sentia muita falta dos meus amigos aqui, que estavam no intercâmbio e tal, os que eu fui encontrar e tudo. É, quando você tá vivendo um ambiente, tipo, totalmente novo, assim, né, eu acho que você tem essa,

isso é uma falta natural. Eu sentia falta de algumas coisas de cultura de bar, de mesa, de Brasil, assim, de sentar. Lá eles têm muito bar, muito, mas, assim, toda a dinâmica em relação a isso é diferente. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Por fim, cabe apontar a experiência do Ricardo ao vivenciar, naquele país, uma tragédia que mobilizou toda a população e que ele, mesmo sendo estrangeiro, foi tocado por aquele sentimento, compartilhando da tristeza dos sul-coreanos.

Teve umas crianças que fizeram uma excursão num barco pra uma ilha da Coreia saindo da capital e o barco virou e a orientação do cara foi para as crianças ficarem dentro, centenas de crianças morreram. Nossa, foi uma tragédia horrível. Eu tava lá na época, então o país se mobilizou por causa daquilo, foi realmente muito triste e até me ligaram várias pessoas do Brasil “ai, meu Deus, você tá no barco? ”, não sei o quê. Não, graças a Deus, mas é muito triste. Porque a primeira coisa que passa na cabeça de todos os seus familiares é tipo “meu Deus”. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

A partir de todos os elementos apresentados acima, fica evidente que os intercambistas, mesmo apresentando particularidades, não fogem da condição de estrangeiros, apresentando uma série de estranhamentos e ressignificações. Entretanto, todas as experiências por eles vivenciadas lá também geraram alterações na forma como lidam com o Brasil e com as redes previamente existentes aqui. O intercâmbio, portanto, é uma possibilidade de gerar uma comparação constante entre o que experimentam lá e o que vivenciavam no Brasil, como também uma forma de gerar novas ressignificações e distinções em torno de si e da sua relação com as redes estabelecidas no país de origem. É em relação a essa perspectiva que abordaremos no próximo tópico.

### 3.4 “FAZER INTERCÂMBIO É UM PRIVILÉGIO” – DISTINÇÃO E PRESTÍGIO DOS INTERCAMBISTAS E SUAS RELAÇÕES COM O BRASIL

Velho (1997) afirma que *sucesso*, principalmente traduzido em dinheiro e/ou diploma, é a ascensão social que pode conferir um novo tipo de *prestígio*. Esse, geralmente, decorre em função da saída dos indivíduos de suas famílias, origem, bairro, cidade ou país para explorar novas possibilidades, construindo esse sucesso, portanto, em domínios externos.



O fato de sair principalmente quando decorrente de uma *decisão voluntária* marca e enfatiza a existência do indivíduo enquanto *sujeito moral*, unidade mínima significativa que se destaca para fazer a sua vida, lutar, tornar-se um *stranger* em algum outro lugar ou meio. Ao sair da cidade, do bairro, da vizinhança, ao afastar-se dos parentes, o agente empírico sublinha a sua particularidade. (VELHO, 1997, p. 50, grifo do autor)

Nesses termos, podemos pensar o intercâmbio como um mecanismo gerador de prestígio adicional, pois o sujeito se torna literalmente um *stranger*, deixando para trás todos os laços e redes constituídos durante toda a vida. Desta forma, podemos pensar o intercâmbio como um gerador de distinção (BOURDIEU, 2008), em que é atribuído a seus protagonistas um papel de destaque, distinguindo-os de seus pares e de seus conterrâneos.

Brum (2014), em seu estudo sobre a Maison du Brésil, em Paris, mostrou que as Cidades Universitárias internacionais foram criadas na França com o objetivo de formar uma pretensa “elite intelectual mundial”, sendo que a utilização do termo “elite” por seus interlocutores era algo frequente e comum e tinha como sustentação um ideal civilizador universalista de formação. Neste ideal, “os agentes possuidores de certa distinção social (os membros da elite) são socializados para retornarem a seus países e se tornarem disseminadores”. (BRUM, 2014, p. 29)

No Brasil não é diferente. Ao realizar trabalho de campo durante “III Semana Acadêmica da Secretaria de Relações Internacionais da UFJF”, realizada entre os dias 29 de julho e 01 de agosto de 2013, observou-se que o discurso institucional da UFJF se assenta exatamente nessa perspectiva, de valorizar sobremaneira os intercambistas e diferenciá-los de outros estudantes. Nesse evento, organizado anualmente pelo setor da universidade responsável pelas relações internacionais, foram organizadas algumas mesas-redondas sobre os programas de intercâmbio da UFJF e o Programa Ciência sem Fronteiras, bem como a entrega de um certificado de concessão de bolsa para todos os intercambistas que viajariam naquele ano. Essa entrega foi feita na cerimônia de abertura do evento, que contou com a presença da coordenadora da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), do Pró-reitor de Graduação e do Reitor da Universidade. Todos os três, em seus discursos, ressaltaram o caráter de distinção dos intercâmbios.

Rossana Melo, coordenadora da SRI, disse que a ampliação no número de convênios e vagas para o intercâmbio tinha como objetivo aproximar cada vez mais pessoas de excelência acadêmica, aproximando a UFJF das grandes universidades mundiais. Para ela, o intercâmbio significa vivenciar uma nova cultura e uma nova experiência acadêmica. Ela disse: “Vocês foram escolhidos pela excelência acadêmica para representar a UFJF e o

*Brasil no mundo. Aproveitem, é uma experiência única. Fazer intercâmbio é um privilegio”* (grifo meu). Apenas com esse trecho, ficam claras as perspectivas que sustentam a visão do intercâmbio dos agentes institucionais. Destacam, desde o aproveitamento acadêmico destes estudantes no Brasil, a possibilidade de vivenciarem isso uma única na vez, como a distinção de apenas poucos poderem ter essa experiência.

O Pró-reitor de Graduação à época, Eduardo Magrone, afirmou que a internacionalização das universidades talvez não seja algo necessário, inevitável, mas que ela representa o tipo de universidade que se quer construir. Para ele, é importante internacionalizar para formar profissionais com visão global, além de permitir que estudantes, ao retornarem, tragam ganhos subjetivos para a UFJF. Ele inclusive solicita ajuda aos intercambistas para que, quando voltarem, relatem aos amigos brasileiros que ficaram e aos professores como foi a experiência do intercâmbio, como é a universidade no país estrangeiro, para que se possa comparar e aprimorar o caráter universitário da UFJF.

Já o reitor à época, Henrique Duque, disse que ali, naquele auditório, estavam os melhores alunos da UFJF, que representaria a instituição no exterior. Segundo ele, o intercâmbio permitiria uma formação diferenciada, sendo que, no retorno, aqueles alunos ajudariam a melhorar a UFJF. Também ressaltou o mérito individual dos alunos naquele processo: *“Graças à UFJF e ao mérito de vocês, já poderão conhecer o mundo ainda na graduação”*.

Em todos os pronunciamentos, observa-se o tom diferenciador e de distinção empregado pelos atores institucionais ao descrever a política de intercâmbios da UFJF e ao se referirem aos intercambistas. Em uma mesa-redonda realizada no dia 30 de julho, a coordenadora Rossana Mello, que estava na mesa novamente, voltou a destacar a singularidade do intercâmbio e o mérito dos intercambistas. Segundo ela, o intercâmbio era um divisor de águas na vida de qualquer pessoa e que os estudantes deviam se preocupar não apenas em viajar, mas também com suas trajetórias profissionais, fazendo contatos para a pós-graduação. Mello ressaltou que a pontuação de currículo durante a seleção dos intercambistas na UFJF é para pautar a seleção pelo mérito acadêmico, pois, desta forma, garantiria que os melhores alunos representariam a UFJF no exterior. Para ela, o intercâmbio não pode ser entendido apenas como um complemento, um *plus*, mas como algo necessário à formação do aluno. Ela, inclusive, disse que a partir da próxima seleção a proficiência em inglês passaria a ser pontuada também para os alunos que tenham pretensões de ir pra Portugal. Segundo ela, desta forma *“o aluno diferenciado vai ser valorizado”*.

A coordenadora, em outras mesas, também voltou a repetir diversas vezes essa visão de mérito, singularidade e distinção, que definiria um intercâmbio acadêmico. De acordo com ela, os próprios estudantes reconhecem que, hoje, é fundamental uma experiência no exterior, pois essa oportunidade contribui para formar um estudante diferenciado, em sua formação humana. Para ela, é fundamental “*expor nossos jovens a ambientes desafiadores*”, pois “*lá fora não tem a flexibilidade que tem no Brasil. Não tem o jeitinho brasileiro. Regras são regras.*”

O relato acima significa que, para além do intercâmbio ter efetivo impacto nas trajetórias e projetos individuais<sup>29</sup>, ele se torna um elemento distintivo e gerador de prestígio entre as redes destes estudantes no Brasil. Os intercambistas, ao realizarem o intercâmbio, longe de romperem suas relações com o país de origem e com as pessoas que aqui ficam, ressignificam essas relações, interpretando-as por diferentes categorias, como saudade, estranhamento, descobertas, lembranças, etc.

Os interlocutores desta pesquisa, apesar de não fazerem qualquer discurso que ressaltem a si mesmos como “elite” ou “melhores” do que os que aqui ficaram, acabaram por marcar, rotineiramente, essa condição “especial” frente à rede de relações que aqui ficou e ao próprio país. Isso apareceu bem marcado nas declarações referentes a saudades, a novas experiências em terras estrangeiras, até boas lembranças do transporte público do país de destino e as diferenças entre a noção de público e privado aqui e lá. Os elementos que, porventura, comprovam essa marcação distintiva serão apresentados a partir de cinco diferentes perspectivas: a relação destes intercambistas com seus amigos brasileiros; a relação deles com seus familiares; a relação deles com elementos e significados restritos ao Brasil; os relatos de novas experiências no país estrangeiro; e a comparação entre elementos do Brasil e do outro país.

No que se refere à relação com os amigos brasileiros, é visível essa marcação distintiva sobretudo nas postagens do Facebook. Para além de relatos cotidianos e lembranças, algumas outras situações serviram para comprovar esta dimensão. Carlos, por exemplo, recebeu a visita de alguns amigos nos Estados Unidos. Eles viajaram juntos por quase uma semana para Nova Orleans e depois passearam por Nova York. Nesse período, Carlos postou uma foto no Facebook com uma das amigas que estava lá, com a seguinte legenda: “*Memories light the corner of my mind, misty water-colored memories of the way we were. Ja*

---

<sup>29</sup> Estes aspectos relacionados diretamente aos intercambistas aqui estudados serão apresentados no terceiro capítulo dessa dissertação.

*sentindo falta.*”<sup>30</sup> (publicado no dia 12/01/14). Em março outra amiga também o visitou, e a postagem no Facebook foi no sentido de que estavam em uma boa situação, por estarem visitando Nova York: “*Lu!!!! Quem poderia imaginar? Nos em NYC?*” (publicado no dia 10/03/14).

Carlos também utilizou o Facebook para falar com seus amigos sobre seus gostos e hábitos. Ele, ainda nos Estados Unidos, foi personagem de reportagens no jornal juiz-forano “Tribuna de Minas”, sobre seu gosto acerca de seriados norte-americanos e da sua atuação em teatro no exterior. Em um dos compartilhamentos acerca dessa notícia, ele escreveu: “*Me senti importante, mas apenas falei sobre a minha paixão. Obrigado, Marta. I am feeling as an important person. However, i just spoke about my biggest paixon.*” (publicado no dia 22/09/13). Meses depois, outra reportagem foi publicada no mesmo jornal, com conteúdo semelhante. Ao compartilhar a notícia no Facebook, ele comentou: “*Me respondam: mudei muito depois de 4 meses de intercâmbio?*” (publicado no dia 15/12/13). Em ambas as postagens, fica claro sua relação com amigos brasileiros – que permitiu inclusive que essas reportagens fossem publicadas – como também a possibilidade de destacar sua trajetória nos Estados Unidos, que o diferenciava de seus pares no Brasil. Ele também lançou mão dessas relações com amigos brasileiros para comentar sobre novas experiências no intercâmbio. Em uma das postagens, feita no dia 07/05/14, relembra a um amigo sobre um livro que leu e sobre o filme adaptado que iria assistir lá. Nessa mesma postagem relembra outros amigos sobre suas paixões e relações com o conteúdo do filme.

Em outra publicação, Carlos também demarca muito bem o “estar fora” ao escrever sobre a morte de um amigo no Brasil: “*Não receber mais a visita dele vinda de Belo Horizonte fez o meu voltar à Juiz de Fora perder muita graça.*” (publicado no dia 13/02/14). Essa questão do “estar fora” também é bem marcada por Carla, que começa a narrar desde o início de suas férias, no dia 18/12/13, a montagem da mala e o destaque à grande quantidade de coisas que está levando de volta para o Brasil. No dia 21/12/13, posta uma foto de uma mala cheia, aberta, com a seguinte legenda: “*Será que vai fechar? Rsrsrs*”; no dia 22/12/13 posta: “*Agora é só esperar umas horinhas no aeroporto... Rs*”; para finalmente, no dia 23/12/13, postar: “*Chegueeeeeeeiiii!!!!*”. Ricardo também enfatiza essa dimensão do “estar fora” ao postar a foto de um souvenir no dia 20/09/14, com a seguinte postagem: “*E no último*

---

<sup>30</sup> “Memórias iluminam cantos da minha mente, turvas lembranças desbotadas do modo que éramos. Já sentindo falta” (Tradução minha).

*dia... uma surpresa. Rodrigo Silva*”, destacando tanto o amigo como a dimensão temporal, que o período de “estar fora” já estava chegando ao fim.

Ricardo fez questão de enfatizar esse “estar fora” antes mesmo de ir para o intercâmbio. No dia 19/08/13, publicou: “*5 dias, e a ficha começando a cair #korea #hankuk*”. Desde então, começou uma contagem regressiva. No dia 20/08/13 publicou: “*3 dias!!!!*”. No dia 23/08/13, escreveu: “*Tonight is the night, and I'm feeling alright...*”. Nesse mesmo dia, postou uma notícia sobre o fato da Coreia do Sul ter a internet mais rápida do mundo com a seguinte legenda: “*Para quem disse não entender minha escolha...*”.

Carla também usou do Facebook para destacar que o intercâmbio que ela estava vivenciando era algo comum a vários de seus amigos. No dia 01/09/13, ela publicou: “*Estou impressionada com a quantidade de pessoas que está fazendo intercâmbio esse ano... Cada hora é um que posta no Facebook que ta indo pros EUA, Irlanda, Itália, China, Portugal, França... oO*”. Ricardo fez questão de lembrar-se de seus amigos ao postar, no dia 20/10/13, uma foto com vários bilhetes pregados na parede, que foram enviados por seus amigos, para que ele pudesse ler quando já estivesse em terra estrangeira. Postou com a legenda: “*Hoje abri a caixinha*” e marcou 16 diferentes amigos.

Poderiam ser listadas aqui inúmeras postagens feitas por esses intercambistas que ressaltam esse vínculo com os amigos brasileiros. Para fins de análise, cabe destacar que, em praticamente todas essas postagens, está muito bem marcado, pelos intercambistas, que eles estão fora, ou seja, estão vivenciando uma experiência diferente daquelas de seus amigos brasileiros, e que esta marca distintiva é fundamental para compreender de que forma essas experiências são interpretadas e narradas.

No que se refere à relação destes intercambistas com a família, não foram todos que a destacaram em suas redes sociais, mas alguns fizeram questão enfatizá-la. Carla, por exemplo, que antes de ir disse acreditar que iria encontrar alguma dificuldade em ficar muito longe de sua família por ser apegada, deixou isso bem claro ao fazer várias postagens relacionadas a seus familiares. Tal relação se estendia a diferentes membros da família. Com sobrinhos e primos: “*Estava vendo meus e-mails do gmail que eu não uso há alguns anos e achei essa foto! Meus Deus, como essas crianças crescem!!! Daqui a pouco a Clara e a Luisa estarão grandes também! Passa um pouco mais devagar, tempo!!!*” (legenda de uma foto com crianças, publicado no dia 22/08/13); “*Minha sobrinha aprendendo a falar meu nome! \*-\* Falei pra minha cunhada, Andreia, não deixar a Clara esquecer de mim durante o intercâmbio e ensina-la a falar meu nome e ela me manda esse vídeo hoje... rrsrs A cada dia*

*mais apaixonada pela minha sobrinha! \*-Saudades imensas! Obrigada, Andreia.*” (legenda de um vídeo da criança falando seu nome, publicado no dia 18/10/13)”; como a relação com avôs: *“Nossa avó! Muito linda!!! Vendo fotos antigas que guardo na carteira... Rs”* (publicado no dia 10/10/13); *“Só pq minha avó ta super fofa nessa foto! \*-Saudades vóóó!!! Mostra pra ela, Fátima [mãe]!”* (legenda de uma foto da vó, publicado no dia 04/11/13); *“Bodas de ouro dos meus avós! Saudades dos dois... mas minha avó eu vejo em uns dias (48!!! rsrs)... meu avô vai demorar mais um cadinho mas logo logo nos encontraremos!”* (legenda de uma foto dos avôs, publicado no dia 04/11/13). Além dessas lembranças pontuais, Carla fez questão de fazer um post de agradecimento a seu avô, atribuindo a ele a responsabilidade em incentivá-la a fazer intercâmbio.

Hoje estava lembrando muito do meu avô. Queria agradecer a ele por todo o apoio e mostrar os frutos que deram porque se não fosse ele eu não estaria aqui na Argentina, não teria feito este intercâmbio já que nunca teria estudado espanhol se não fosse pela ajuda e inventivo dele. Meu avôzinho não está mais entre nós, mas espero que ele receba, aonde estiver todo o carinho e afeto que eu estou enviando em pensamento! Foto com ele fazendo palhaçada pra variar...rsrs. Saudades! (Acompanhado de uma foto do avô, publicado no dia 17/12/13)

Houve algumas postagens relacionadas ao namorado também, sobretudo destacando “saudade”, sendo que numa dessas postagens, ela postou um vídeo em que canta “Chega de saudade”, música de Tom Jobim e cita o namorado. Mas a relação mais marcada por ela em suas postagens foi com sua mãe, Fátima. Tal situação ia desde eventos cotidianos do intercâmbio: *“Comendo sanduíche de pão integral, requeijão, atum, alface, tomate, cenoura, milho e ovo cozido (uma janta... rs) Diga Fátima se eu não sou a sua filha mais saudável! Rsrs”* (publicado no dia 09/09/13), até conversas sobre suas atividades lá. O contato entre as duas era permanente. Na postagem transcrita abaixo isso fica claro:

**Fátima:** Minha querida, estava preocupada contigo, fui deitar e vc ainda não havia chegado!!!! Graças à DEUS vc chegou bem!!! Bom dia e ótima semana pra vc!!! Jesus te abençoe e que MARIA te cubra com seu manto, te livrando de todo mal. TE AMO MUITTTTOOOO!!! Beijos (Recado de Fátima na “linha do tempo” de Carla, no dia 04/11/13)

**Resposta de Carla, no dia seguinte:** Não cheguei tao tarde.... Eram umas 10:30 aqui eu acho... Bom dia! Beijos!

**Comentário Fátima:** 10:30 aí e aqui 11:30, pra mim já é tarde.....

A partir da conversa acima fica claro que Carla, mesmo estando em outro país, mantinha uma relação forte com sua família, sobretudo sua mãe, e que a interação entre elas se dava permanentemente. Tal situação aparece claramente quando, no fim do intercâmbio,

Carla postou em sua própria “linha do tempo” uma mensagem escrita pela mãe (em que ela inclusive depois traduziu para o espanhol nos comentários, para que os amigos argentinos compreendessem):

Eu, Fátima, mãe da Carla, gostaria de agradecer as pessoas com que a minha filha conviveu durante esses quase 5 meses, que ela esteve em TANDIL. Obrigada à todos que de uma forma ou de outra fizeram parte da vida dela durante esses meses, as meninas MARIA, BETHÂNIA, LUCIANA E JOANA, e as pessoas do CORAL. Minha filha teve, eu tenho certeza as melhores amizades, que fez com que ela não se sentisse só. Eu fiquei preocupadíssima, quando voltei e deixei minha querida filha triste, em um lugar muito longe sem ninguém conhecido por perto, mas ao ver que ela estava fazendo amizade, saindo com as meninas, que ela entrou pro CORAL e também estava saindo com as pessoas do coral pra fazer apresentação, fiquei aliviada, porque sabia que ela não estava mais se sentindo só. Essa cidade tranquila que é TANDIL, com um povo tão amável com os seus visitantes me encantou! Eu não os conheço pessoalmente, mas já sei que são pessoas do BEM, porque acolheram minha filha com muito carinho. Se um dia vierem ao Brasil, teremos a maior satisfação em recebê-los. Obrigada a todos por tudo que fizeram pela minha filha, e que DEUS os abençoe imensamente!!!! um grande abraço (publicado no dia 14/12/13)

A mensagem de Fátima demonstra, claramente, como o intercâmbio de sua filha, por mais que fosse algo difícil para elas, seria algo necessário e importante para Carla. Dessa forma, estas interações marcadas pela intercambista nas redes sociais mostra que o estar em país estrangeiro não impossibilitava essa relação estreita que ela já possuía com seus parentes antes de sair do Brasil.

Rita também possuía forte vínculo com a mãe no Brasil. Ela relatou, antes de viajar, que morava apenas com sua mãe e três cachorros e que nunca havia ficado longe dela - o máximo havia sido três dias. Desta forma, estava preocupada em ficar tanto tempo fora, além de a mãe não ter habilidades com a internet e com o Skype, sendo que isso seria um impedimento para as duas se comunicarem mais facilmente. No dia 19/10/13, ela postou em seu Facebook um vídeo da Gal Costa cantando “Mamãe, coragem”, com a seguinte legenda: *“P’aquele momento em que a saudade bate com tanta força que faz tudo (dentro e fora de si) parecer vazio e sem graça.”* E, quando faltava semanas para seu retorno, Rita responde a uma mensagem de sua mãe, sobre sua ausência e a saudade sentida, que *“tão confuso tudo que eu tô sentindo aqui...mas agora falta tão pouco! Já tô voltando pra você, pro meu chão. Te amo”* (publicado no dia 19/01/14).

Essa relação com a mãe foi também algo pontuado por Carlos, que no dia 12/02/14 postou fotos de sua ceia de Natal nos Estados Unidos com a seguinte legenda: *“Minha mãe cobrou fotos, o pedido dela eh uma ordem. Esse foi meu natal (regado a mto choro)”*

*americano.*” No dia 03/03/14, Carlos também postou uma foto com vários de seus parentes no Brasil, pulando carnaval. Fez questão de falar sobre a mãe na foto e colocou a seguinte legenda: “*Eu tenho a quem puxar, não tenho? Here it's my mom in green! Am I not her copy?*”<sup>31</sup>.

Os intercambistas, portanto, não se poupavam em destacar as relações de afeto, saudade e carinho que tinham com seus familiares no Brasil, sendo esse, inclusive, um tema a ser constantemente lembrado por eles em suas postagens e relatos sobre seu período no país estrangeiro.

No que tange à relação desses intercambistas com outros elementos e significados do Brasil, as referências foram diversas. Elas iam desde datas importantes do país de origem: “*Sei que o dia da independência jah passou, mas vai uma pequena homenagem tardia. — at New York City Center.*” (legenda de uma foto do Carlos com uma bandeira do Brasil nas costas, Facebook, publicado no dia 12/09/13); carnaval: “*E quando vc acha que perdeu o carnaval pq ta no oriente... A escola de samba de Seoul passa tocando na rua!! Haha (RICARDO, Facebook, publicado no dia 01/03/14); “Ja pode rebaixar a beija-flor por enredo comprado pela rede globo?! Ah, para ne!/ Voltamos para o grupo especial!!!! #viradouro ja nao era sem tempo!!!! / To ouvindo a apuração da série A aqui” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 05/03/14); ou mesmo novela: “Ôi ôi ôi!” (foto de uma placa escrita “Avenida Brasil”) (CARLA, publicação no Facebook no dia 07/09/13); “*Vendo novela brasileira, graças à melhor-amiga-do-universo-que-tem-as-manha-de-fazer-gato-pela-net! \*.\* — watching Amor à Vida with Rosana.*” (RITA, publicação no Facebook no dia 04/10/13).*

Outro elemento que também foi muito comentado por esses estudantes foi a música, quase sempre era relacionada à cantores e músicas brasileiras: “*Ouvir Leoni me dá muuuuita vontade de ir a outro show dele! \*.\*” (CARLA, publicação no Facebook no dia 10/09/13); “Starbucks tocando bossa nova. Adoro!” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 28/09/13); “*Status: matando a saudade do Brasil, ouvindo Gaby Amarantos...*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 30/09/13); “*Vocês acreditam que até hoje estou livre de saber o que e este tal de lepo?!” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 05/03/14).**

Legal vc estar na Argentina e começar a ouvir no vizinho "semente, semente, semente, semente, se nao mente diga a verdade, de que arvore você nasceu?" hahaha. Prefiro isso do que os Michel Telo e Gustavo Lima (e vc

<sup>31</sup> “Eu tenho a quem puxar, não tenho? Aqui é minha mãe de verde! Eu não sou cópia dela?” (Tradução minha)



tcherere tche) da vida q tocam até no ônibus... Rrsr” (CARLA, Facebook, publicado no dia 30/11/13)

Olha, eu juro que tenho tentado conhecer e ouvir um pouco da música portuguesa (e, de fato, existe coisa boa aqui), mas no fim sempre acabo voltando pra música brasileira. É que nada neste mundo se compara com a nossa criatividade, com a nossa diversidade de ritmos, com o nosso balanço - porque, cá entre nós, temos a malemolência, o ziriguidum (e meus amigos italianos nunca vão entender o significado dessas palavras antes de conhecerem pessoalmente o Brasil!). Fora estes argumentos irrefutáveis (sinto muito, mas são! HSAUHSUASH), Novos Baianos é minha trilha sonora favorita pra cozinhar/lavar roupa/arrumar a casa [cantando e dançando] - porque em época de escassez de tempo, fazer várias tarefas de casa ao mesmo tempo é fundamental! Rs” (RITA, Facebook, publicado no dia 07/11/13)

Outras referências que também apareceram foram em relação ao futebol: “*Brasil 2 x Coreia 0*” (RICARDO, foto num jogo do Brasil na Coréia do Sul, publicação no Facebook no dia 12/10/13); “*Eu me lembro quando a Espanha estava barrando brasileiros injustamente nos seus aeroportos. Queridos hermanos, aqui vcs serão sempre bem vindos... Voltem sempre!*” (RICARDO, em referência à eliminação precoce da Espanha na Copa do Mundo. Publicação no Facebook no dia 18/06/14); “*Gente, é mta coxisse pra uma timeline só. O Brasil perdeu na Copa. E daí? Tb queria q tivesse ganhado! Mas não vou ficar aqui politizando a derrota... E sério, 2014 piadas sobre Alemanha nazista? Por causa de uma Copa do Mundo. E continuarei sendo brasileiro com mto orgulho e mto amor. É só isso.*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 08/07/14); “*Agora fica aquela questão:A) Vamos Argentina. América Latina hasta el fin. B) Fora Argentina. Por motivos de... Argentina... né?. C) Só consigo pensar na derrota do Brasil... D) Nenhuma das anteriores.*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 09/07/14).

Também houve manifestações em relação à política: “*E ainda tem gente pondo reportagem da (nao) `VEJA` na minha timeline. Até quando?*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 26/03/14); “*Eu desconfio de quem curte Tv Revolta. Tudo coxinha c catupiri...*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 12/05/14); “*Quem deu permissão para milhões de pessoas na minha timeline ficarem compartilhando tv revolta? Me diz... Quem?*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 15/05/14); e sobre a própria UFJF: “*Absurdo! E nós somos "obrigados" a comer essa comida...*” (link de uma notícia sobre comida estragada no RU da UFJF) (CARLA, Facebook, publicado no dia 02/12/13); “*A conexão da Coréia é tão boa que eu até consegui fazer matrícula no SIGA hahaha*” (RICARDO, publicação no Facebook no dia 30/07/14).

Estas diferentes postagens, sobre diferentes assuntos, mostram que tais intercambistas fazem, frequentemente, relação entre elementos tipicamente brasileiros com suas experiências no exterior, como música e carnaval, mas que também acompanham, mesmo à distância, os acontecimentos em seus países de origem e opinam sobre eles, o que poderiam perfeitamente fazer se também estivessem no Brasil. De qualquer forma, essas referências cumprem o papel de manter os vínculos dessas pessoas com sua terra natal e, ao mesmo tempo, demarcar a distância geográfica que se encontram.

Um uso recorrente das redes sociais por estes intercambistas é a narrativa de novas experiências durante suas estadias no exterior. Essas postagens talvez sejam as que mais claramente pontuam o caráter distintivo e de prestígio que o intercâmbio produz. Tais postagens abarcam diferentes temas, como a ida para o país de destino e as primeiras “aventuras”:

Depois de uma manhã linda de viagem pro Rio; de uma crise de choro e riso (sim, simultâneos) na hora da decolagem do avião; depois do encantamento com a beleza do mundo visto lá de cima das nuvens; de ter tido a péééssima ideia de ir pra pousada de metrô, ao invés de pegar um táxi; de cair dentro do metrô em cima das malas e de um português (super gentil e bonitinho, aliás); de ficar com as mãos vermelhas de tanto puxar as malas pelas ruas estreitas e de pedras de Lisboa e depois subir dois andares de escadas com as mesmas malas; de chorar no telefone com a minha mãe e de ler, emocionada, as mensagens lindas de carinho e torcida dos meus amigos, acho que posso dizer: cheguei. Com dores e suada (além de aqui estar muito mais quente do que eu esperava, acho que nunca fiz tanta musculação forçada na vida, carregando as malas), mas sã, salva e pronta pra desbravar as ruas da Baixa de Lisboa (depois de um banho e de colocar algo no estômago, claro). De início, começo conhecendo e apresentando pra vocês o lindo banheiro de azulejos do meu quarto! Rs. (RITA, Facebook, publicado no dia 10/09/13)

Depois de quase uma semana em Portugal já, um breve relato de como tem sido as coisas aqui: nos dois dias que passei em Lisboa, me dediquei a viver mais e turistar menos. Conheci praças, comi pastéis de Belém, me entupi de massa (a vida é difícil pros vegetarianos às vezes!), andei de bonde, subi no mirante do Arco da Rua Augusta (aliás, fica a dica: nunca vá em mirantes de vestido, principalmente se você não é prevenida como eu, que sempre uso shorts por baixo!), vi o pôr-do-Sol à margem do Tejo, andei por vielas e construções cheias de "pátinas do tempo" e, por fim, quase perdi o trem pra Coimbra. Conheci muitas Marias; um italiano que conhece mais lugares no Brasil do que boa parte de nós, brasileiros; conheci gente gentil e gente estressada; e MUITOS indianos e chineses, que dominam o comércio da Baixa de Lisboa. Acho que não vou me acostumar com coisas como tomar água de torneira e com as bebidas que nunca são estupidamente geladas como no Brasil. Às vezes ainda acho estranho encontrar com pessoas falando com sotaque português...rs. Ontem, depois de muitas ligações, bolhas nos pés, e de muito suor, finalmente conseguimos encontrar um lugar bacana pra morar aqui em Coimbra e que aceitasse a gente (a maioria dos proprietários só querem alugar os quartos por um ano, pros intercambistas da Europa mesmo). Por enquanto, continuo na Pousada da Juventude daqui,

fazendo novos amigos de diversos cantos do mundo, e me divertindo muito ao tentar me comunicar em outras línguas. É lindo estar em contato direto com pessoas com culturas tão diferentes da minha! Depois de alguns dias de muito aperto, correria e preocupações, as coisas começam a melhorar. Tudo é aprendizado aqui. P.S.: Meu MUITO obrigada a todos que estão emanando boas vibrações pra mim aqui, tão fundamentais. Juro que posso sentir todo o amor de vocês, mesmo com um oceano nos separando. (RITA, Facebook, publicado no dia 15/09/13)

As diferenças de temperatura: “*L’Europe connaîtra l’hiver le plus froid depuis 100 ans*”<sup>32</sup> (legenda de um link de uma notícia sobre o frio recorde na Europa) (ADRIANA, Facebook, publicado no dia 23/09/13); “*Automne à Paris 13*” (legenda de fotos de ruas cobertas de folhas) (ADRIANA, Facebook, publicado no dia 22/09/13); “*Aquele momento que sua universidade vira Nárnia! That moment when your university becomes Narnia!*” (legenda de fotos em lugares cheio de neve)” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 12/12/13); “*Guerra e Bonecos de neve haha... The winter is coming...*” (fotos na neve)” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 15/12/13); “*Bora encarar -11C?*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 08/01/14);

Enquanto no rio ta um calor do cão pelo q to vendo no Facebook, aqui de dia ta quentinho e a noite ta beeeem fresquinho... A previsão do tempo do meu celular diz que agora está 9 graus... Cadê esse calor que nao chega??? Fui a uma cidade litorânea no fim de semana e nem pude entrar no mar..(CARLA, Facebook, publicado no dia 13/11/13).

Viagens feitas para diferentes países: “*Arrumando a playlist da viagem para as montanhas nunca dantes vistas do leste...*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 17/09/13); “*A vista de Moscou coberta de neve e simplesmente impagável — at Moscow City.*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 04/01/14); “*#Partiu Tailandia... Going to Thailand... 태국에 가는 길/Of ...at Hongkong International Airport*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 22/05/14).

Nos últimos dias fiz minha primeira viagem pela Europa fora de Portugal e o destino não podia ser mais clichê: a França! Praticamente todo o tempo que estive em Paris tive a sensação de que estava sonhando - daqueles sonhos tão longos, em que acontece tanta coisa, que parece que a gente passou dias inteiros dormindo. Eu pensava: “pronto, acho que essa é a hora em que eu abro os olhos e falo pra mim mesma: 'nossa, que sonho bom!'”. Já aviso que vai ser difícil resumir em palavras essa experiência surreal, mas juro que vou tentar. Pra começar, cheguei no Porto com o pé direito: literalmente falando, meu pé esquerdo agarrou no desnível na hora de descer do trem e caí como um tronco de árvore que foi decepado brutalmente. Caí e não consegui me

---

<sup>32</sup> “A Europa conhecerá o inverno mais frio em 100 anos” (Tradução minha).



Desde o Louvre até outros lugares da cidade já tão conhecidos até por quem nunca esteve lá, relatar esta experiência permite a Rita fazer de sua viagem um momento de prestígio. Sem qualquer preocupação em buscar *paisagens autênticas* (BARROS e RIBEIRO, 1994), visitar Paris é reafirmar o nosso imaginário em torno da Europa e de tudo que aquela cidade significa, simbolicamente, para o brasileiro.

Outros diferentes relatos feitos pelos intercambistas destacam as singularidades que vivenciavam no intercâmbio, como a velocidade da internet na Coreia do Sul: “*A internet da Coreia está duas tecnologias acima do 4G, assim me despeço, boa noite hehe.*” (RICARDO, publicado no Facebook em 01/09/13); “*Nossa que susto, achei que tava baixando o filme a 6kbs/s mas era 6Mbs/s, ufa! #Korea #Naotemcomonaoamar*” (RICARDO, Facebook, publicado no dia 14/09/13); ir na maior montanha-russa do mundo: “*Kind Ka - eu enfrentei a maior montanha-russa do mundo, q corresponde a 40 andares. No entanto, nao sou tao corajoso assim: eu estava de olhos fechados na hora da queda livre. — at Six Flags Great Adventure.* (legenda de uma foto em frente à montanha-russa) (CARLOS, Facebook, publicado no dia 25/09/13); ir numa festa com um falcão: “*No meio da festa... Um falcao. Tailandia. A falcon in the middle of the party... — at Kho Phi Phi, Thailand.*” (foto com um falcão no ombro) (RICARDO, Facebook, publicado no dia 25/05/14); ou mesmo jogar boliche: “*Andre e Regina, vcs sempre me convidavam pro boliche e eu nunca ia. Acabei indo em NY com a galera do Linden da FDU. Por isso, fiz outra homenagem a vc, meu irmão: joguei com vc no peito. PS: As meninas queriam saber quem era na camisa e pediram pra eu traduzir. Todo mundo achou lindo seu presente.*” (foto no boliche) (CARLOS, Facebook, publicado no dia 02/09/13).

Barros e Ribeiro (1994) afirmam que viajar sempre foi marca de distinção e poder. Com a redefinição do espaço-tempo, através de certo encolhimento do mundo, em que as escalas se ampliaram, viajar tanto a trabalho, como a lazer ou estudos, se confundem ainda mais com prestígio e poder. Sendo assim, tão importante quanto viajar é registrar essas viagens, através de relatos, fotos e vídeos, pois “as fotografias e os vídeos de viagem (formas de reprodução das imagens controladas pelo indivíduo e não por agências da sociedade de massas) se constituem, assim, em verdadeiros troféus de comprovação da diferença”. (BARROS e RIBEIRO, 1994, p. 8). Estes sujeitos, portanto, mesmo não produzindo essa distinção de forma consciente e autodeclarada, com esses relatos, fotos e postagens, elementos que marcavam esse “estar fora”, geravam distinção e garantiam algum prestígio por aquela experiência frente às suas redes no Brasil.

Por fim, a última perspectiva aqui analisada é a comparação que estes intercambistas fizeram entre o Brasil e o país para onde foram. Os relatos apontaram diferentes aspectos, como a burocracia brasileira: “*Cansada de tentar resolver questões burocráticas e nao conseguir... Aqui nao é tao diferente no brasil afinal...*” (CARLA, Facebook, publicado no dia 22/08/13).

#### A universidade:

é o que eu falo: a única coisa que se eu pudesse tirar de lá e trazer era a biblioteca. Esse sistema de apoio que a biblioteca dá pros alunos lá, a tutoria era lá, a tutoria em inglês que a gente ia tirar dúvida era lá. Assim, eu vejo isso foi uma segunda casa pra mim. E não existe aqui na federal. E essa questão de comparação que eu vejo que a gente tá lá embaixo é isso: esse apoio que a biblioteca dá, não só do espaço físico para estudar e livro. É de fazer sentir bem, é de fazer você melhorar. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

#### O transporte público:

Você anda a pé pra tudo quanto é lado, então [...] Agora, assim, não vamos dizer, não vou dizer que sinto falta, mas coisas, assim, que eu invejo, o transporte público de lá é maravilhoso, sabe? Isso sim é uma coisa que eu gostaria que tivesse aqui. (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14)

#### As relações público/privado e familiares:

Aqui é uma bagunça, até incomoda. Não tô dizendo que aqui seja melhor não, uma mistura danada, uma interferência familiar danada. Pra você ver, lá. Aqui, você vê: minha mãe casou, morou do lado da minha avó, tudo muito perto. Lá, não, lá é feio se você fizer isso: você morar com os seus pais, é feio, pega mal. Você tem que sair de casa e ir pra longe. Então, você vê, é uma prioridade diferente da gente. A gente faz questão de tá sempre junto. O pastor que eu morei com ele, ele via a família dele, se bobear, duas vezes por ano. E isso é normal, é normal, nada demais. Você vê eu aqui, se eu passar um mês sem ir em casa minha mãe acaba morrendo: já tá fazendo chantagem, tá brigando, tá questionando e lá eles passam se bobear um ano ou mais longe de pai e é aquela coisa, saiu da minha asa. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

E as diferentes formas de compreender a vida e os diferentes projetos de desenvolvimento entre os países:

Deixa eu pensar. Assim, em relação, eu vou falar em relação à cultura, sabe, porque eu acho que na viagem não teve nada, assim, que eu posso falar que, graças a Deus, de negativo, tá? Em relação à cultura, o quê que eu vi: um país que tem um preparo muito maior, assim, então eles são extremamente desenvolvidos em área de tecnologia, que eles tiveram um investimento nessa área imenso né, depois da Guerra e tal, então eles são ponta no mundo

hoje, em tecnologia e isso facilita muito a vida em diversos aspectos, assim. Por outro lado, eles não desenvolveram a área de Humanas deles: eles têm uma mente muito fechada pra tudo, mesmo os debates de Humanas e da área de Política na universidade são muito aquém do que a gente tem aqui no Brasil, tá? Porque a gente sempre priorizou a área de Humanas aqui, nossa História, não de priorização, não houve isso politicamente realmente, mas, assim, o país tem essa veia de área de Humanas, então, a nossa área de Humanas é muito mais desenvolvida que a deles, coisa que a gente não percebe assim. Às vezes, eu leio matérias, assim, falando sobre educação na Coreia e eu percebo que eles não têm noção do que eles estão falando, assim, porque a educação lá é totalmente castrativa, é extremamente violenta, assim, é um processo extremamente violento. Ok, gera seus frutos lá de tecnologia, etc. e tal, mas...

**Leonardo:** Uma educação mais tecnicista?

**Ricardo:** Isso, é, além de totalmente tecnicista, assim, gera altos níveis de suicídio, as crianças, assim, elas estudam dia e noite, é uma coisa doentia. E quando a gente fala alguma coisa positiva em relação a eles, eu percebo que esse lado não tá sendo visto.... (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Ao ponderarem sobre as semelhanças e diferenças entre o Brasil e os outros países, o que está subentendido é a habilidade requerida de conseguir pensar seu próprio país a partir de outros termos. Para além do prestígio gerado pelo intercâmbio, estar em outro país significa conseguir enxergar o próprio Brasil sob outras óticas, podendo, inclusive, evocar o argumento de que já esteve em outro lugar, o que o diferencia em conseguir compreender as dinâmicas tipicamente brasileiras. O intercâmbio, dessa forma, permite com que jovens, munidos de uma utopia cosmopolita, vivenciem novas experiências no exterior, se tornem verdadeiramente um *stranger*, e consigam ressignificar suas relações no Brasil, se diferenciando substancialmente dos que aqui ficaram. Cabe refletir de que forma esta experiência impacta, diretamente, na subjetividade, trajetórias e constituições identitárias destes sujeitos, o que iremos fazer no próximo capítulo.

#### **4 O INTERCÂMBIO E A CONSTITUIÇÃO DE NOVOS SUJEITOS: ALARGAMENTO DO CAMPO DE POSSIBILIDADES, TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES**

As discussões apresentadas no capítulo anterior serviram para que pudéssemos observar, a partir das experiências dos interlocutores desta pesquisa, elementos mais amplos de análise, pensando o intercâmbio a partir de categorias gerais, como juventude, cosmopolitismo, liminaridade e a condição de estrangeiro. Entretanto, nas análises apresentadas não foi possível perceber, de forma clara e sistemática, elementos referentes às trajetórias desses sujeitos. Sendo assim, o presente capítulo pretende articular reflexões antropológicas com os projetos individuais desses atores a partir da experiência de morar fora do Brasil; qual o impacto do intercâmbio no campo de possibilidades desses sujeitos e como essa experiência no exterior afetou suas trajetórias profissionais e construções identitárias.

Para tal, partimos do entendimento de que não há como se pensar as dinâmicas sociais e culturais apenas a partir de macro categorias, como também não é possível renunciar a essas grandes explicações do mundo, focando apenas em perspectivas individuais e desconectadas de significados sociais mais amplos. Nos termos de Velho (1997), uma questão estratégica para a antropologia social é pensar a relação entre o desempenho de papéis pelas pessoas em suas interações e opções cotidianas, num processo criativo ininterrupto, papéis esses acionados através de um conjunto de símbolos com significados compartilhados por esses sujeitos.

Pensar que indivíduos possuem autonomia suficiente para planejarem e projetarem suas vidas, dentro um espectro de possibilidades é reconhecer que estes sujeitos têm poder de escolha. Diferente da concepção antropológica funcionalista, de que os indivíduos se submetem obrigatória e totalmente às estruturas sociais, a perspectiva aqui utilizada parte do pressuposto que os indivíduos – a partir de um longo processo de conformação histórica iniciado ainda na Idade Média, mas com seu auge nos ideais românticos do século XIX – são dotados da capacidade e da possibilidade de fazerem escolhas. Esta é a base e o ponto de partida para se pensar na noção de *projeto*. (VELHO, 1997).

Conforme Velho (2003), o *projeto* é a “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, lidando, no nível individual, com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Nessa perspectiva, há projetos de curto, médio e longo prazo. Os de curto prazo têm objetivos mais imediatos e concretos –



no nosso caso, a viagem do intercâmbio propriamente dita. Já os projetos de médio e longo prazo possuem objetivos mais amplos, como construção de carreiras e projeções idealizadas de futuro. A experiência do intercâmbio, como um todo, pode ser considerada como fazendo parte desse projeto mais amplo, pois afetará sobremaneira os projetos de médio e longo prazo destes sujeitos.

Considerando que a existência de projetos individuais reflete certa ambiguidade, tensionando a relação entre a fragmentação *versus* a totalização, Velho (1997) tenta responder a questão “quem é o sujeito do projeto?”. Mesmo em sociedades pouco complexas<sup>33</sup> os indivíduos encontram margens para se locomover. Para o autor, isso é possível, pois o indivíduo é dotado tanto de uma visão de mundo – um *eidos*, em que a noção de biografia é central –, como também de um estilo de vida – um *ethos*, em que a experiência do agente como individual é foco e referência básica. Desta forma, não há um projeto individual “puro”, sem qualquer referência ao social ou a outras pessoas: os projetos são elaborados e construídos a partir de uma gramática cultural específica, referenciadas em experiências socioculturais. Os projetos, portanto, podem ser verbalizados, ou seja, são potencialmente públicos, pois são capazes de serem reconhecidos pelo coletivo. Logo, ele não é um fenômeno puramente subjetivo, mas formulado dentro de um *campo de possibilidades*, ou seja, um repertório limitado de preocupações, problemas e possibilidades, circunscrito historicamente, tanto em relação à própria ideia de indivíduo como em relação aos temas e prioridades culturalmente existentes. (VELHO, 1997)

Tal situação permite, portanto, que as experiências dos indivíduos, por mais que sejam únicas, possam ser reconhecidas em outras, através de semelhanças e coincidências. No contexto desta investigação, a experiência do intercâmbio, mesmo que seja singular para o indivíduo que a vivencia, é também reconhecida através das experiências de outros intercambistas. Cabe pensarmos como essas experiências modificam diretamente os *campos de possibilidades* destes atores, afetando conseqüentemente seus projetos e trajetórias individuais.

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação a nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular. Por sua vez, a essa consciência da individualidade - fabricada dentro de uma experiência cultural específica – corresponderá uma maior elaboração de um projeto. (VELHO, 1997, p. 35)

---

<sup>33</sup> Entende-se por sociedades complexas aquelas em que possuem uma divisão social do trabalho claramente distinguível em categorias com continuidade histórica, bem como uma heterogeneidade cultural, através da pluralidade de tradições étnicas, religiosas, etc. (VELHO, 1997, p. 14).

Nesses termos, pode-se até pensar que a eficácia de um projeto depende de sua capacidade de apresentar minimamente uma plasticidade simbólica, com a possibilidade de se apoiar em diferentes domínios, com potencial de metamorfose. Os projetos são, além disso, uma expressão simbólica, logo uma dimensão da cultura, sendo, portanto, ligados à organização social e a processos de mudança social. Além disso, pressupõem relações de poder, com dimensão claramente política. “Sua eficácia dependerá do instrumental simbólico que puderem manipular, dos paradigmas a que tiverem associados, da capacidade de contaminação e difusão da linguagem que for utilizada, mais ou menos restritas, mais ou menos universalizante”. (VELHO, 1997, p. 37).

Com vistas a dialogar tal perspectiva com o *lócus* de investigação, cabe destacar alguns dados que refletem os *projetos* de meus interlocutores, para posteriormente pensar como os “campos de possibilidades” permitiram que esses projetos se executassem e como, ao realizar o intercâmbio, há um alargamento desse “campo”, permitindo a formulação de novos “projetos”, em novos termos.

Carlos, como já apresentado no capítulo anterior, afirma trazer desde a infância o sonho de viver um período nos Estados Unidos. Ele, que já possui graduação em Comunicação Social e está em sua segunda graduação, começou a trabalhar logo depois que saiu o resultado do intercâmbio. Trabalhou por quatro meses com o objetivo de juntar mais dinheiro para o período que ia ficar fora, complementando o valor recebido pela bolsa. Ao comentar sobre seu projeto de realizar o intercâmbio, ele diz ter se resguardado não só monetariamente mas também psicologicamente.

Eles falam pra gente na seleção que é uma questão psicológica, que a gente tem que se preparar, preparar a família, porque é um período muito longo e é o que eu tentei buscar, nesse período todo. Trabalhar o meu interior para o que eu vou ver. Eu tô tentando não ter expectativa nenhuma, pra não ficar frustrado, nem nada, assim, com a cabeça aberta, vamo pensar dessa forma, o que eu quero lá, eu não to com espírito de passeador, de viajador, não! Eu quero formação, eu quero vivenciar o período da universidade, fazer o máximo de matérias que eu puder. Como eu tenho a Comunicação, eu vou tentar puxar uma ou duas da Comunicação também, que eu acho importante pra aprimorar, e tô em Nova York, ali perto talvez fazer um curso, uma coisa que eu gosto, de roteiro, alguma coisa de dramaturgia, que também é uma paixão. Então esse período até dezembro, que as aulas vão até 19 de dezembro, é o período da formação, é aquilo que eu vou buscar curso, vou buscar contato, vou buscar crescimento. (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13)

Os projetos, construídos principalmente em cima de expectativas e informações diversas, nem sempre conseguiram se efetivar. Adriana, por exemplo, antes de ir tinha como

objetivo ficar um ano em Paris: *“Acho que pra quem vai fazer intercâmbio, tem gente que fala que seis meses já é pouco, quatro então. Aí eu resolvi ficar um ano, que aí a gente volta ou em maio ou em junho.”* (ADRIANA, entrevista antes da partida, 08/08/13). Adriana tinha esse objetivo pois estudava francês desde a época do colégio. Começou o aprendizado com onze anos e entrou no curso de Letras com o projeto de se tornar professora de francês. Quando saiu vaga para a França no edital da UFJF, resolveu se candidatar com o objetivo de se aprimorar na língua. Ela, porém, ficou apenas seis meses, pois, como já foi apresentado no capítulo anterior, não conseguiu se integrar da forma como queria, além de dificuldades financeiras. Além disso, antes de ir Adriana tinha pretensão de viajar pela Europa: *“o pessoal tá falando da gente fazer um roteiro, que não é pra ficar indo e voltando pra Paris, que é pra deixar tudo pro final, por exemplo, e no final fazer um roteiro, nos países ali perto”* (ADRIANA, entrevista antes da partida, 08/08/13). Porém, o mais longe que ela chegou do centro de Paris foi o Palácio de Versalhes, que fica nos arredores da cidade.

Carla conseguiu alcançar seus objetivos, sendo que seu projeto também era ficar mais fluente no espanhol: *“resolvi fazer intercâmbio pra ter mais contato com o espanhol e consequentemente mais fluência para dar aulas, pois eu faço licenciatura.”* (CARLA, entrevista antes da partida, 07/08/13). Porém, a questão monetária foi um limitador para a escolha do país de destino: *“escolhi Argentina por causa da língua espanhola (a Espanha ficaria muito caro e a outra opção só Argentina). Pra Argentina, havia duas universidades mas a de Rosario só estava aceitando Serviço Social, então restou esta.”* (CARLA, entrevista antes da partida, 07/08/13).

Tiago, que foi para a Itália, apresentou como seu projeto não apenas ficar fluente no italiano, mas viajar e adquirir atributos pessoais impossíveis de se conseguir em Juiz de Fora:

espero conhecer um pouco mais da Itália e da Europa. Espero me tornar mais maduro e mais independente também, porque é a primeira vez que ficarei tanto tempo longe de casa. Espero me tornar fluente no italiano e desenvolver ainda mais o inglês e o francês com outros alunos intercambistas. (TIAGO, entrevista antes da partida, 27/09/13).

Rita, diferentemente dos outros, não tinha pretensão de aprender outra língua, pois estava indo para Portugal. Entretanto, tinha como projeto para seu período no exterior conhecer diferentes países, como França e Itália (pois gosta de arte clássica), e, junto com uma amiga brasileira, planejava morar juntas no exterior e realizar as viagens. Em sua última postagem no Facebook antes da partida, dizia: *“Agora falta bem pouco tempo pra eu amanhecer em um Novo-Velho-Mundo, longe de tudo aquilo que é certeza e perto dos meus*

*sonhos mais distantes. A experiência que vou viver nos próximos meses, com certeza, vai ser determinante na minha vida.*” (RITA, Facebook, publicado no dia 09/09/13).

Essa amiga, que foi uma das principais incentivadoras da viagem de Rita, assim que chegaram a Portugal, se distanciou. Moraram por um breve período juntas, mas logo a amiga resolveu mudar de casa e se afastar de Rita. Elas, que eram amigas de vários anos no Brasil, se tornaram apenas conhecidas em Portugal. Rita acreditava que a ex amiga se distanciou desta forma em Portugal, pois queria aproveitar o período do intercâmbio para novas experiências. Caso ela e Rita mantivessem a amizade, a amiga continuaria com um vínculo muito forte com sua família e sua vida em Juiz de Fora. Dessa forma, Rita acreditava que ela

era de certa forma, o vínculo que ela tinha com a cidade aqui, né, com a família dela, com os amigos dela aqui. Então, pra ela poder fazer o que ela queria, ela tinha que se desvincular, sabe? Eu acho que foi isso que aconteceu, assim, chegou lá, mudou tudo. A vida dela quando ela voltou era outra, sabe? (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14).

Sendo assim, todo o projeto construído no Brasil em conjunto com a amiga teve que ser deixado de lado e novas interações e projetos serem construídos durante o intercâmbio.

Ricardo, que foi para Coreia do Sul, antes de ir afirmou que sua vontade de fazer intercâmbio existia desde o ensino médio, mas que apenas na faculdade é que surgiu como uma possibilidade real. Chegou a tentar a mobilidade através do Ciência sem Fronteiras por duas vezes, mas, como não era de uma área prioritária do programa acabou não sendo selecionado. Ele, junto com outra amiga, se candidatou para o intercâmbio e, combinado com outros dois amigos que já haviam ido anteriormente, ficaram juntos no país estrangeiro. Ele e essa amiga chegaram, inclusive, a conhecer duas coreanas que estavam fazendo intercâmbio em Juiz de Fora. Se contataram pelo Facebook e combinaram um café juntos. Mantiveram contato, sobretudo, através das redes sociais virtuais, antes do intercâmbio, sendo que estas duas coreanas já estudavam o Brasil antes de virem para cá e já falavam o português. Essas interações foram fundamentais para que Ricardo, juntamente com sua amiga, construísse uma projeção do que iriam e do que queriam encontrar na Coreia do Sul.

Conforme relatos já apresentados anteriormente, cabe apontar que nem sempre esses projetos são bem-sucedidos. Adriana, por exemplo, tinha como projeto ficar um ano em Paris e aprender francês. Por problemas financeiros e segregação espacial, não conseguiu alcançar seu objetivo inicial. Carlos, que tinha como pretensão criar uma grande rede de sociabilidade com norte-americanos nos Estados Unidos, acabou limitando sua relação a outros intercambistas. Já Rita, que pretendia viajar por diferentes países europeus, por falta de

dinheiro, acabou visitando apenas dois dos vários países que desejava. Os projetos, desta forma, por mais que orientem as ações dos sujeitos, nem sempre conseguem alcançar seus objetivos.

Esta realidade, negociada constantemente pelos atores sociais, está diretamente relacionada com o campo de possibilidades desses sujeitos. Desta forma, pensar nos projetos desses intercambistas em relação às suas viagens é pensar em suas projeções, perspectivas e nos fins que queriam atingir. Entretanto, para que tais projetos se efetivem, é preciso que o “campo de possibilidades” permita. A hipótese aqui formulada é que o intercâmbio faz com que o campo de possibilidades desses sujeitos alargue expressivamente. Cabe saber de que forma isso ocorre. Para tal, apresentaremos alguns dados que auxiliarão nessa reflexão.

Os intercambistas, antes mesmo de partirem para seus destinos, já configuravam suas jornadas de acordo com o campo de possibilidades que possuíam. Carla, por exemplo, foi para Tandil com o quarto já reservado, pois conseguiu contato com uma senhora na cidade através de uma professora, que já havia estado lá e conhecia esse local de moradia. Tiago, que já havia visitado a Itália em 2012, fez a opção por esse destino para o intercâmbio, pois havia gostado do país e dos italianos, sendo que a principal forma de se preparar para esta viagem foi se dedicar ao estudo da língua italiana. Já Ricardo escolheu Coreia do Sul em virtude de amigos que moravam lá e pelo interesse que possuía pela “cultura” daquele país. Dessa forma, os “campos de possibilidades” destes sujeitos já foram responsáveis, desde o início, em definirem os países que iriam e como iriam. Estes “campos” também tem o papel de ativar diferentes redes sociais, sendo que quanto maior é a abrangência desse campo, maior a probabilidade de articular diferentes redes.

Nessa perspectiva, os aspectos institucionais também são fundamentais para compreender até onde é possível a agência destes sujeitos. Carlos, por exemplo, que já era graduado em Comunicação Social também pela UFJF, disse que, quando cursou sua primeira graduação, a prática do intercâmbio ainda não era comum, sendo raríssimos os estudantes que o faziam. O intercâmbio, àquela época, não existia nem como perspectiva para aqueles alunos: “*Não era uma coisa que a gente visava, não era uma coisa que a gente queria.*” (CARLOS, entrevista antes da partida, 06/08/13). Há, claramente, um processo da *estrutura* forjando a *agência*, pois já agora, na sua turma de Direito, além de Carlos mais três iriam fazer intercâmbio. (GIDDENS, 1989; ELIAS, 1994).

Adriana, que estudou francês desde o ensino básico, queria uma universidade francesa para aprimorar a língua. Entretanto, seu objetivo de ir para uma cidade do interior da França não foi possível de ser atingido porque não havia acordos da UFJF com qualquer universidade

dessas cidades. Logo, ela se viu obrigada a ir pra Paris. Apesar de achar um lugar caro, não teve outra opção. Já Carla, que tinha como pretensão inicial ir para a Espanha, desistiu por questão monetária, pois a bolsa concedida pela UFJF não conseguia custear todos os custos relacionados à viagem. Logo, ela optou pela Argentina, que era mais perto e também tinha o espanhol como língua nativa, que era seu principal objetivo. Ricardo, que disse viajar pouco por falta de dinheiro, afirmou que o intercâmbio era uma boa oportunidade para isso, sendo que, desde o ensino médio tinha essa vontade, mas nunca conseguiria fazer uma viagem internacional sem alguma ajuda financeira, como a bolsa. Rita, que só resolveu fazer intercâmbio por causa da bolsa, teve problemas em sua seleção e só ficou sabendo da aprovação numa data próxima à viagem, o que a impossibilitou de se organizar para conseguir mais dinheiro antes de partir. Planejava encontrar emprego em Portugal para ajudá-la no custeio de sua permanência. Desta forma, os aspectos institucionais da UFJF também são elementos importantes para compreender a margem de agência destes sujeitos, que negociaram seus projetos de diferentes formas com os aparatos institucionais da universidade.

Considerando que viajar é uma prática que requer algumas habilidades, pensar nas experiências regressas destes intercambistas também nos auxilia a compreender como o ato de viajar em si já havia afetado o campo de possibilidades desses atores. Carlos, por exemplo, morou por um mês na Argentina, em 2008, e viajou para algumas cidades brasileiras durante a graduação, para participação em congressos. Mas, mesmo sendo algo que gostava de fazer, não possuía larga experiência em viajar. Já Tiago ia vivenciar sua terceira experiência no exterior. Ele havia morado por um mês no Canadá, para estudar inglês, e por um mês e meio na França, para estudar francês. Porém, mesmo tendo essas experiências regressas, acreditava que o principal desafio seria morar sozinho, ter que fazer sua própria comida, pagar suas próprias contas. Nas suas outras experiências, havia morado com famílias nativas, já viajando para o país estrangeiro com tudo resolvido do Brasil. Esta seria sua primeira vez morando realmente sozinho, em um alojamento estudantil. Ele acreditava, entretanto, que já ter tido essas experiências exteriores, bem como já ter um nível intermediário de italiano, o ajudaria na adaptação no país estrangeiro.

Os campos de possibilidades destes sujeitos, portanto, mesmo antes de ir já diziam muito sobre como vivenciaríamos aquela experiência. Isso, inclusive, afetou o tempo que ficaram no país estrangeiro. Adriana, por exemplo, planejou inicialmente ficar um ano mas acabou ficando apenas seis meses. Além da questão financeira, Adriana também estava recém-casada no Brasil quando viajou, o que também pesou para que ela voltasse antes do tempo previsto. Já Carlos e Ricardo, que planejavam inicialmente ficar seis meses, acabaram

ficando por um ano. Ricardo, que, além da bolsa, contava com apoio financeiro de sua família, acabou pedindo extensão para um ano, bem como Carlos. Segundo ele,

tinha vontade sim, de esticar o máximo, mas foi se tornando claro no final do semestre, no final do semestre que eu vi que eu teria oportunidade de fazer outras matérias que eu queria muito fazer e já tava mais adaptado, então, foi tudo uma articulação, com família, com a universidade aqui, com a universidade lá, pra conseguir essa extensão. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

Além de suas possibilidades a partir de suas trajetórias no Brasil, as diferentes vivências que tiveram morando no país estrangeiro geraram um alargamento substantivo em seus horizontes, ampliando também as possibilidades de ação e reflexão destes sujeitos. Carlos, por exemplo, relatou várias vezes em seu Facebook as diversas experiências que teve na universidade estrangeira. Desde fotos de viagens organizadas pelas universidades, até outras experiências que nunca havia tido antes no Brasil. Uma delas se referia a uma aula que havia presenciado, publicado no dia 26/08/13:

Estou com adrenalina mental por causa da primeira aula na FDU. Que professor coloca mickael jackson antes da aula começar? Sem contar que ela ja tocou em shows da broadway como Wicked. Como assim? Demais. Depois, vc discute várias influencias da sua vida como madonna, taylor swift, anos 70, 80... E tudo regado a vídeos do youtube e setlists. Realmente história da música popular americana tem tudo pra ser inusitado. *Meus padrões estudantis vão subir depois dessa*. (CARLOS, Facebook, publicado no dia 15/08/13, grifo meu)

Outras experiências também relatadas por ele foi jogar um bingo em que os marcadores eram preservativos masculinos (chamava “Condon Bingo”) e tinha que responder perguntas sobre sexo, como também uma experiência numa aula de investigação criminal sobre estupro, em que duas alunas contaram, publicamente, que já haviam sido estupradas, sendo que o professor, segundo ele, soube conduzir muito bem aquela situação, agindo como um “psicólogo” dentro de sala. Relatou, também, uma situação em que um jovem havia entrado armado em um shopping próximo à cidade onde ele estava e havia se matado, e que isso também havia se tornado assunto na aula de justiça criminal. Carlos ressaltava como as aulas tinham relação direta com os acontecimentos cotidianos dos Estados Unidos, diferente de suas aulas no Brasil. Ricardo também destacou, em relação à universidade coreana, a quantidade de professores estrangeiros que havia naquela instituição, que garantia uma formação mais ampla, com reflexões a partir de várias perspectivas.

Outros intercambistas relataram várias experiências que nunca tinham vivenciado no Brasil e que afetaram sobremaneira sua forma de pensar e agir no mundo. Adriana, por exemplo, morou em um bairro de imigrantes em Paris, sendo essa experiência considerada negativa pela estudante. Ao ir para aquela cidade visando se tornar fluente em francês, morou num bairro habitado principalmente por migrantes africanos, onde quase não se ouvia o francês. Longe de praticar a língua nativa, Adriana conviveu, por seis meses, com a realidade dos imigrantes em Paris e com os “conflitos” culturais ali presentes. Já Carla teve problemas sobretudo com a burocracia das instituições argentinas. Relatou atrasos nas documentações dos órgãos argentinos e problemas com a burocracia da universidade. No dia 10/10/13, ela publicou no Facebook: *“Um dos grandes ensinamentos do intercâmbio é ter paciência pra resolver as coisas porque é taaanto pepino que se não tiver paciência você infarta... Tentando tirar os ensinamentos de cada circunstância...”*. Carla também vivenciou outras experiências, como tomar mate, que se tornou algo rotineiro para ela lá, ou mesmo cozinhar, sendo que relatou, no dia 12/12/13, que foi tentar fazer brigadeiro e maionese e ambos os pratos não ficaram no ponto que desejava.

Já Ricardo, antes mesmo de viajar, acreditava que ao morar num país de língua estrangeira, iria não apenas aprender uma novo idioma, mas adquirir outra forma de pensar, pois, segundo ele, *“nós pensamos até onde nossa língua permite, logo absorver completamente outra língua (sobretudo de uma raiz não romana, como a nossa) era adquirir uma nova forma cognitiva.”* Ele afirmava: *“eu acho que vai expandir bastante minhas habilidades, minhas faculdades”* (RICARDO, entrevista antes da partida, 06/08/13). Durante sua estadia no exterior, foram várias as postagens nas redes sociais virtuais relatando diferentes experiências que ele vivenciava, como usar máscara de ar; estar na Coreia em um momento de terremoto ou quando uma tragédia acometeu o país, o já relatado episódio do barco, que matou centenas de crianças; fazer compras de madrugada ou mesmo se tornar um viciado em smartphone, como qualquer coreano – coisa que antes de viajar ele nem se preocupava. A possibilidade de viver com pessoas de diferentes partes do mundo também era algo a ser destacado. No dia 17/04/14, ele publicou no Facebook: *“Ensinar uma palavra em inglês para um norteamericano e para um sulaficano e vencer na vida!!!!”*.

Rita foi uma das intercambistas que relatou, por diversas vezes, suas novas experiências e impressões durante o intercâmbio. Coisas cotidianas, como tomar banho com chuveirinho de mão, ironizar as roupas dos estudantes de Coimbra, dizendo ser semelhante com as do “Harry Potter”, falar sobre os pratos que cozinhou, do uso excessivo da internet em detrimento da televisão, enfatizar o quanto se andava a pé e o tamanho das escadarias da



universidade ou mesmo conhecer novas músicas e novos lugares. Ela enfatizava todas essas novas experiências de forma positivada. Em uma postagem no dia 30/09/13, ela escreveu: “À sério: não tem nada neste mundo que pague a troca cultural que tô vivenciando aqui, e já não tenho dúvidas que essa é a melhor parte do intercâmbio: as pessoas. Hoje a única certeza que tenho é de que, pra mim, só a vida compartilhada vale a pena.”.

Todas essas experiências, enfatizadas de diferentes formas e prismas, demonstram novas possibilidades e percepções de compreender o mundo. Ao narrarem suas vivências, em que afirmam terem se transformado em “outras pessoas”, enfatizam a experiência subjetiva do intercâmbio, que ampliam e modificam seus horizontes e perspectivas de vida. Rita, no dia 21/12/13, publicou no Facebook um relato nesse sentido:

[...] O que sei é que isso que eu tô vivendo, essa experiência, é sem dúvida a mais intensa da minha vida e provavelmente nada se comparará a isso tudo [ainda que algum dia eu pule de pára-quedas do Everest ou que eu nade de biquíni no Ganges. rs] Enquanto historiadora, confesso: tô curiosa pra saber como vou interpretar todos esses fatos no futuro - porque quando a gente tá no olho do furacão não consegue enxergar nada direito, só uma sequência frenética de coisas, lugares, momentos. A fluência, a força e a alternância dos sentimentos aqui também é outra coisa inexplicável...Às vezes eu penso: essa sou eu mesma ou já comecei a enlouquecer? *Auto-descobrimento é a lei aqui*. E agora é pra mim a hora em que eu preciso parar e pensar: eu sou essa, outra, a mesma, ou já esqueci quem sou? Pra viver é preciso, basicamente, de três coisas: coragem, amor e fé [...].

Esta questão do autoconhecimento, do intercâmbio ser um “divisor de águas”, foi algo mencionado por todos os intercambistas entrevistados. Carlos, por exemplo, não conseguiu aproveitar no Brasil nenhuma disciplina que havia cursado nos Estados Unidos. Entretanto, segundo ele: “*O Carlos de antes morreu. O Carlos de agora é um novo!*”. Ele diz que o intercâmbio foi um divisor de águas, pois ele sempre teve a vontade de criar, de escrever, de ser roteirista e essa vontade se tornou clara durante o intercâmbio. Hoje, isso se transformou na prioridade da sua vida. Ele disse que, antes, era uma pessoa muito medrosa, sobretudo no campo profissional, e que o intercâmbio foi fundamental para ele ter essa coragem. Segundo ele, a partir do intercâmbio,

[...] você vê como o mundo, seu mundo é pequeno. Por mais que você seja viajado, tem condição boa, você tem uma noção de universo que não é real – isso amplia a sua cabeça. E você vê um monte de gente de tudo quanto é lugar, cê vê gente com o mesmo problema, mesmo drama que você, você vê que o mundo é muito extenso, muito, muito grande. O positivo é isso: eu acho que o intercâmbio foi mais pessoal que acadêmico. Eu acho que eu cresci como pessoa, cresci como olhar o indivíduo ali, sabe? (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14).

Adriana também reconheceu que foi uma experiência marcante, apesar de ter sido o oposto do que ela esperava. Mesmo não conseguindo se integrar bem em Paris ou ficar amiga de franceses, afirmou que foi uma coisa na vida que ela sempre quis e que cumpriu, que poderá dizer, quando for lecionar francês, que já viveu essa língua, já morou no lugar onde se fala francês.

Já Carla ressaltou que foi uma grande experiência, que viver em outro país, outra cultura, falando outra língua, longe de tudo, fez com que ela crescesse muito individualmente, bem como melhorou substancialmente seu espanhol, além das amizades que fez lá. No dia 11/12/13, nas vésperas de voltar para o Brasil, postou no Facebook:

[...] Pero extrañar a las personas, momentos y lugares significa que yo tuve una experiencia linda, que aproveché lo que pude y que yo me recordaré para toda mi vida. Por eso no extrañaré de forma triste sino alegre por todo lo que viví con ustedes. Todavía faltan unos día para que me vaya y veré la mayoría de ustedes, pero me gustaría agradecer por todos estos momentos y espero no tardar mucho a volver y verlos, o que me visiten en Brasil! Besitos a todos!<sup>34</sup>

Tiago, que desde antes de partir acreditava que o maior desafio seria morar sozinho, afirmou que essa experiência fê-lo amadurecer muito, pois teve que conseguir se virar com a burocracia do país estrangeiro, com suas contas. Ele acrescentou que comparado com os outros intercâmbios que já havia feito, esse foi o mais significativo, pois ele sempre foi muito ligado aos seus pais, sua família, sempre foi bem caseiro, mas, a partir do intercâmbio, ele passou a querer sair mais, a ir pra “balada”, a beber, prática que ele manteve quando retornou ao Brasil.

Rita, que durante todo o intercâmbio manteve o hábito de escrever muito sobre sua experiência, disse que o intercâmbio é como se fosse “a viagem pra dentro e pra fora de si”; sua principal queixa ao retornar foi voltar a morar com a mãe. A independência que havia ganhado lá em Coimbra, de sair à hora que queria de casa, de cuidar das suas próprias coisas, de poder transitar a pé pela cidade, em Juiz de Fora, já não encontrou mais. Viver em Coimbra a impossibilitou de voltar a ter a vida que tinha no Brasil com a mesma harmonia de antes. Para ela, o intercâmbio ampliou ainda mais seus horizontes, fazendo com que ela estivesse mais aberta para novas experiências.

---

<sup>34</sup> “Sentir falta das pessoas, momentos e lugares significa que eu tive uma experiência linda, que aproveitei o que pude e que me recordarei para toda minha vida. Mas não sentirei falta de forma triste, mas feliz por tudo que vivi com vocês. Ainda faltam uns dias para eu ir e ver a maioria de vocês, mas gostaria de agradecer por todos estes momentos e espero não demorar muito a voltar a vê-los, ou que me visitem no Brasil! Beijo a todos!” (Tradução minha).

**Rita:** Eu acho que o intercâmbio é um divisor de águas tão grande que é difícil da gente mensurar, sabe? Porque eu acho que a mudança é tão, é tão grande que a gente acaba... e é um processo ao mesmo tempo, sabe? É um processo que dura só seis meses, mas é tudo muito intenso, assim, eu acho que a gente ainda tá... eu ainda tô muito próxima dessa experiência pra poder mensurar assim, sabe, o quanto isso afetou a minha vida. É fato que mudou muito, assim, a forma de pensar e, não sou só eu que digo, as pessoas à minha volta falam, sabe? “Rita, você mudou muito” e tal, certas coisas, modo de agir, modo de pensar, sabe? Acho que a própria questão da segurança assim, também, sabe? Não sei...

**Leonardo:** Como assim da segurança? Sua segurança? Própria segurança?

**Rita:** É.

**Leonardo:** Uma auto-segurança assim?

**Rita:** Eu acho que, depois do intercâmbio, a gente tem a noção que a gente pode chegar aonde a gente quiser, assim, sabe? Mais ou menos isso, eu não sei explicar. Não sei, eu acho que a gente tem mais firmeza, assim, nas decisões. E, por mais que o que você tá fazendo não dê certo, sabe? Você sabe que você pode pensar numa outra coisa depois e fazer de novo...

**Leonardo:** E foi a primeira vez que você morou fora de casa assim, longe da sua mãe, né?

**Rita:** O máximo que eu tinha ficado longe de casa foram três dias.

**Leonardo:** E isso também pesa, né?

**Rita:** Pesa, pesa muito. A gente percebe tanto que a gente tem que se virar em muitas coisas quanto que a gente depende muito das outras pessoas, né? (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14)

Para ela, não há nada de negativo em um intercâmbio: *“Eu acho que tem negativo pra quem não sabe vivenciar, assim, essa experiência, sabe? Porque eu acho que só agrega, muito, assim, de maturidade, de aprender a respeitar as pessoas melhor”*. (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14). Segundo a estudante, a habilidade de aprender a lidar com o inesperado foi algo que adquiriu e, ao escrever sobre o estranhamento no Brasil após seu retorno, disse que ao voltar

é como se desde então eu tenha a capacidade de me adaptar a qualquer lugar, a vivenciar o que quer que venha pela frente, a tornar todo problema menor do que de fato ele seja. Hoje sou outra mesmo sendo a mesma. No presente momento estou aguardando o tempo me mostrar que ter as raízes no ar é mais divertido do que superficial (RITA, Facebook, publicação no dia 17/02/14).

Por fim, Ricardo, o sexto intercambista acompanhado pela pesquisa, já dizia, antes de partir, que a única certeza que tinha é que quando voltasse não iria ser a mesma pessoa. Para ele,

[...] quando você observa um novo estilo de vida, como as pessoas levam uma outra vida completamente diferente, você começa a arrumar exemplos pra sua própria vida, né? A gente é criado pra estudar, passar no vestibular, sabe? Será que não existe uma outra maneira de viver, sabe? Essa pra mim é a grande

questão, assim, do meu intercâmbio pra Coreia. (RICARDO, entrevista antes da partida, 06/08/13)

E, ao retornar, destacou que uma das coisas que mais lhe afetou durante o intercâmbio foi que, ao vivenciar na Coreia do Sul todo o desenvolvimento tecnológico admirado e mirado como exemplo pelo Brasil, percebeu que lá não há liberdade de expressão, há uma ética do trabalho e da disciplina muito forte, que fez com que ele valorizasse esse lado do Brasil que não existe lá. Além disso, foi também importante em seu intercâmbio conhecer novas formas de vida, como asiáticos que vivem fazendo “mochilão”, vivendo de artesanato, sem uma moradia fixa, que ele passou a ter como uma perspectiva de vida possível.

Esta experiência, podendo ser entendida como um *fenômeno social total* (MAUSS, 2003a), fez com que os intercambistas reconfigurassem todas as dimensões de sua vida. Esse período, por ser vivenciado em sua totalidade e de forma tão intensa, acaba por conferir aos sujeitos um “potencial de metamorfose” (VELHO, 2003) que seria impossível adquirir em outras experiências, pois eles se tornaram capazes de transitar e compreender múltiplas realidades, acionando diferentes códigos de distintos universos simbólicos. Desta forma, a principal queixa de muitos ao retornar é a falta de “liberdade” aqui no Brasil, contrastando com a experiência que tiveram no exterior. Ou seja, a ampliação do horizonte de percepção e potencial ação destes indivíduos foi tão intenso e substancial que os tornam resistentes a estilos de vida que possuíam no Brasil antes de viajar. Sendo assim, há um alargamento substancial da forma de compreensão e entendimento do mundo, exigindo dos intercambistas habilidades e competências para lidar com adversidades, desafios e diferenças não encontradas em suas trajetórias no Brasil. Essa experiência permitiu aos universitários pensarem seus projetos em perspectivas mais amplas e mais complexas. Longe de construir trajetórias lineares, passar por essa situação liminar permite que estes atores redimensionem suas identidades e atuações, sejam elas acadêmicas, profissionais ou pessoais.

#### 4.1 “É META DE VIDA” – PROJETO DE VIDA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NOS INTERCÂMBIOS

Segundo a *teoria do capital humano*, a existência humana é compreendida como um empreendimento pessoal. Os indivíduos, nesses termos, são concebidos como uma empresa, com habilidades a serem incorporadas e valoradas como “investimento”. Desta forma, as escolhas dos indivíduos por diferentes estratégias de formação são compreendidas visando

resultados futuros. (DIAS, 2007; SILVA, 2014). O intercâmbio, em suas várias dimensões, também apresenta essa faceta, de ser tido como uma forma de investimento nas trajetórias profissionais de quem o faz. Dias (2007), por exemplo, em sua dissertação, observou que os jovens latino-americanos, ao realizarem intercâmbio para os Estados Unidos, tinham como perspectiva o investimento em suas carreiras profissionais. Para eles, a juventude era o melhor momento para aquele tipo de investimento, tendo a viagem um sentido pragmático.

Esta perspectiva, mesmo não sendo apontada pelos interlocutores ouvidos pela pesquisa como o principal motivo da viagem, esteve presente em seus projetos e discursos. Pretende-se observar, a partir dos dados coletados, como o intercâmbio afetou as trajetórias profissionais ou mesmo acadêmicas, e as perspectivas relacionadas a emprego e renda desses estudantes.

Carlos, já graduado em Comunicação Social, que foi para o intercâmbio através de seu segundo curso, Direito, mudou radicalmente suas perspectivas profissionais após o intercâmbio. Ele, que ainda em sua primeira graduação fez parte do “Grupo Divulgação”, um grupo de teatro ligado à UFJF, no intercâmbio se voltou totalmente para o teatro e para a dramaturgia. Passou a integrar um grupo de teatro nos Estados Unidos, chegando a atuar inclusive. No dia 22/11/13, ao fazer uma postagem no Facebook contando de sua atuação, disse:

Hoje marquei uma etapa inesperada em minha vida. Não me esquecerei do dia 21 de nov. Realmente os caminhos de Deus são inesperados: tive minha estreia em palcos norte-americanos. [...] Foi muito difícil, apanhei muito da língua inglesa, mas acho que fiz um bom trabalho.

Ao retornar, Carlos tinha como projeto de formação retornar aos Estados Unidos e fazer mestrado em roteiro. Ele pretendia concluir sua graduação em Direito e depois dedicar-se à dramaturgia. Segundo ele, “é meta de vida”. Ele, que antes de viajar tinha o curso de Direito como prioridade, hoje o tem como um curso que enriquece sua escrita, sua bagagem. No entanto, ficou evidente, após o intercâmbio, que a sua paixão é o teatro, são as artes. Dessa forma, o intercâmbio mudou substancialmente seu projeto de vida. Ele relatou que só não ficou direto nos Estados Unidos para fazer esse mestrado por razões específicas, como a obrigatoriedade de retornar depois do intercâmbio, como exigência da UFJF; os custos do mestrado lá, que são pagos e ele não podia arcar; e a responsabilidade em concluir o Direito aqui no Brasil. Já Adriana, que tinha como perspectiva ir para o intercâmbio para se tornar fluente em francês e se tornar uma professora dessa língua no Brasil, ao chegar lá viu que o que ela já havia estudado aqui não a capacitava a falar francês fluentemente, encontrando muitas dificuldades na comunicação com franceses nativos. E, além disso, as dificuldades de

interação com franceses apresentaram-se como limite à sua aquisição de fluência na língua. Dessa forma, ao retornar, disse já estar “*aceitando o fato de dar aula de português*”. Segundo ela,

é difícil você conseguir um lugar pra você dar aula de francês, sabe? E como, assim, eu cheguei, não consegui fazer tudo que eu queria fazer lá, por exemplo, aí eu vou chegar aqui, eu sei que isso talvez não me ajude tanto quanto eu imaginava, eu peguei e falei assim: ‘poxa, então vou partir pro português...’(ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14).

Mesmo não conseguindo tal fluência, ela pretende fazer mestrado em francês na UFRJ, não cogitando fazer pós-graduação na França, dada as dificuldades já apontadas, além da relação com os professores lá, que considerou muito vertical e muito hierarquizada.

Carla, que tinha como objetivo ganhar fluência no espanhol e se tornar professora de espanhol, disse ter ficado satisfeita com o que estudou na Argentina e pretendia fazer pós-graduação na área, no Brasil. O intercâmbio, dessa forma, serviu como um incremento em sua formação.

Já Tiago, que antes de ir tinha um interesse especial por relações internacionais e buscava conciliá-lo com direito internacional, afirmou, ao retornar do intercâmbio, que essa experiência foi fundamental para que ele definitivamente estivesse certo do seu curso. Ao realizar as disciplinas lá, percebeu que seu interesse por relações internacionais cabia perfeitamente na graduação que ele estava fazendo, não havendo mais dúvidas quanto a isso.

Ricardo, antes de ir para a Coreia do Sul, acreditava que a experiência do intercâmbio seria importante para a sua carreira, pois aprender a língua coreana o diferenciaria no mercado de trabalho, considerando, sobretudo, a grande quantidade de empresas coreanas no Brasil. Ao retornar, Ricardo, que tinha como projeto de vida fazer um mestrado, a partir do intercâmbio, começou a pensar em novos projetos de vida, ao conhecer pessoas que ganhavam a vida circulando por diferentes lugares, em distintas ocupações. Ele mantinha seu projeto de fazer a seleção do mestrado, mas mantinha esse novo “estilo de vida” como possibilidade para sua trajetória.

Por fim, Rita, que antes de viajar tinha como perspectiva voltar e fazer mestrado, manteve esse projeto quando retornou, modificando porém o foco de seu interesse. Sempre interessada em história da arte europeia, a partir das disciplinas cursadas no intercâmbio e da experiência em si, voltou com menos vontade de estudar essa área. Em Juiz de Fora, ao ter contato com a disciplina de História da África, optou por enveredar por esse caminho. Além disso, Rita não tem pretensões de se tornar professora universitária. Pretende fazer mestrado como complemento de sua formação e se mudar para o interior, vontade confirmada pelo o

tempo que morou em Coimbra. Dessa forma, o intercâmbio acabou afetando a escolha de seu tema de pesquisa, como também reafirmando o estilo de vida em que quer ter.

Através das diferentes trajetórias apresentadas acima, é evidente que o intercâmbio, por mais que seja interpretado por estes sujeitos como uma experiência com ganhos pessoais, de crescimento individual, acaba tendo o papel de definir e aprimorar suas trajetórias profissionais. Desde a fluência em língua estrangeira até a qualificação em novos temas e áreas, tudo isso conta direta e indiretamente em suas trajetórias, servindo também como um elemento a mais no prestígio e no sucesso dessa experiência. (VELHO, 1997).

#### 4.2 “EU TIVE QUE SAIR DAQUI PRA VER QUE EU SOU BRASILEIRO MESMO” – CONFIGURAÇÕES E REAFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS NO EXTERIOR

Finalizo esse terceiro capítulo com uma discussão acerca da construção de uma “identidade nacional” destes intercambistas no exterior. Longe de buscarmos aqui perceber a questão identitária desses sujeitos como algo estritamente político, de reafirmação de um ser brasileiro ou latino – como ocorreu com a diáspora africana nos Estados Unidos ou mesmo no Brasil (LAIER, 2014) – suas experiências no exterior os obrigaram a enfrentar a questão do “ser brasileiro”. Conforme afirma Ribeiro (1998, p.13) “a inserção em uma segmentação étnica mais ampla, torna os brasileiros um segmento identificado por sua identidade nacional, um rótulo a priori que informa as interações sociais que performam.” Dessa forma, “ser brasileiro” no exterior orienta as interações dos sujeitos e os obriga a refletir acerca dessa construção identitária, que compreendida de forma difusa no Brasil, no exterior acaba por se apresentar de forma clara e sistematizada.

A identidade nacional torna-se, então, ao mesmo tempo, uma verdadeira identidade inter-nacional e a mais importante para as interações diárias no espaço público. Os brasileiros, em situações cosmopolitas, expostos a uma grande variedade de segmentos étnicos, tornam-se ao mesmo tempo mais e menos brasileiros. Enquanto no Brasil, a identidade nacional brasileira é uma abstração que raramente intervém nas interações sociais, afinal de contas ser brasileiro é dado de barato no Brasil, nos EUA é necessário apenas abrir a boca para ser classificado como estrangeiro, alguém de uma terra distante e exótica. (RIBEIRO, 1998, p. 13)

Pensar a ideia de nação ou identidade nacional pressupõe refletir acerca dessa conceituação. A nacionalidade, sendo compreendida como identidade, pressupõe um sistema de representação cultural que signifique e dê sentido a determinadas formas de vida. (HALL,

2011). Desta forma, longe de conseguir reunir empiricamente elementos que comprovem determinada ideia de nação, ela pode ser pensada como uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), produtora de sentidos que fornecem subsídios para configurações identitárias.

Desta forma, ao se dispor a pensar a questão da identidade nacional a partir da experiência destes imigrantes, cabe pensarmos de que forma esses atores operaram e agiram a partir das categorias existentes acerca de “ser brasileiro”. Conforme afirmou Capinha (2000, p. 109) “aquilo que se considera como ‘o outro’, aquilo que é deixado de fora, aquilo que se considera como diferença, é tão importante para o entendimento do processo de identificação quanto aquilo que se inclui para o definir.”

Brum (2014), ao estudar os estudantes brasileiros na Maison du Brésil, nos mostra, por exemplo, que, ao mesmo tempo em que aqueles migrantes negavam algumas representações acerca do Brasil - como a ideia de um país idílico e erotizado, representado naquele estabelecimento pela existência de dois ‘manequins’ de índios na entrada do local –, buscavam outras categorias para se reafirmarem enquanto brasileiros, como pratos típicos (a feijoada) e o futebol. Pensar essas representações acerca do “ser brasileiro” significa se construir a partir de determinada identidade no exterior, capaz de se reconhecer e de gerar reconhecimento nas interações lá estabelecidas. Nos termos de Ribeiro (1998, p.14),

o idioma do contato interétnico localiza-se internamente a um universo que reflete fortemente representações sociais que apresentam as diferenças existentes como se fossem entidades estáveis para tornar ao outro compreensível e, em última instância, controlável. Este universo é construído por muitas agências no decorrer do tempo. [...] Não devemos excluir o fato de que significados atribuídos a imagens de uma certa coletividade podem também operar, nas interações sociais, como um primeiro passo para conversas e entendimentos mais diferenciados.

Cabe refletirmos, portanto, como estas representações apareceram na experiência do intercâmbio dos interlocutores e como foi a agência desses atores, negociando a realidade a partir de tais concepções.

Carlos, que sempre se achou uma pessoa “americanizada”, por causa da frequência com que assistia séries americanas, afirmou: “*Eu tive que sair daqui pra ver que eu sou brasileiro mesmo*” (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14). Para ele, o principal elemento que o fez se “sentir brasileiro” foi a questão do toque e da intimidade de amigos e conhecidos. Conforme ele disse, “*É, aí que eu vejo que eu sou brasileiro mesmo: eu gosto de tocar as pessoas, eu gosto de me envolver com as pessoas. Eu gosto de saber o pessoal, o*



*privado e eles escondem o privado. O privado é só deles...*” (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14). Ele, inclusive, fez questão de reafirmar esse “ser brasileiro” na trajetória profissional que começou a trilhar a partir do intercâmbio. Nos roteiros e textos que passou a escrever, considerava problemático escrever em inglês, pois seu texto não teria a sua “identidade” latina.

Adriana, que teve uma experiência conturbada em Paris, afirmou, ao retornar, que os franceses interagiam com eles a partir de reificações de representações e imaginários sobre o Brasil. Segundo ela,

olha, foi assim, você se sentir ninguém, porque eles não sabem o quê que é Brasil, eles têm uma ideia totalmente diferente do que é ser brasileiro, do que é Brasil. Eles acham até hoje que no Brasil só tem negro, eles acham que a capital do Brasil é Buenos Aires... Ih, a gente ouviu cada coisa, assim, sabe, hilária. E, assim, realmente, eles não sabem nada, então, foi assim, a gente ficava, não sabem que a gente fala português, eles acham que a gente fala espanhol. [...] E foi onde meio que surgiu aquele patriotismo, né? Aquela coisa “eu amo o meu país” mesmo (ADRIANA, entrevista após o retorno, 31/07/14).

Adriana, desta forma, frente à ignorância dos franceses sobre “ser brasileiro”, adotou uma postura defensiva, ressaltando o Brasil com características distintas daquelas reconhecidas no exterior. Ela se queixou inclusive do assédio que muitas meninas brasileiras sofreram lá, pela representação da “mulher fácil brasileira” ou da experiência de uma amiga brasileira que, por ser branca e de olhos claros, foi indagada por uma francesa se ela era realmente brasileira.

Rita afirmou que sua aproximação com portugueses em Portugal foi recheada de cuidados. Segundo ela, por mais que houvessem várias semelhanças entre os dois países, para questões além da língua – ela citou o caso de uma portuguesa que morava na sua república e que os brasileiros diziam que ela era mais brasileira que eles, pois conhecia muito das músicas e dos artistas brasileiros – haviam muitos distanciamentos. A forma de interpretar as frases e gestos – “os portugueses levam tudo muito ao ‘pé da letra’” – por exemplo, gerava diferenças significativas nas interações com os portugueses, o que exigiu dela maior cuidado. Ela acreditava também que havia, por parte dos portugueses, certo distanciamento ao interagirem com brasileiros. Para ela, isso era uma forma de os portugueses se protegerem, pois nós brasileiros temos “as piadinhas, as brincadeiras” em relação a eles. Ela, mesmo não tendo sofrido qualquer agressão ou grosseria, soube de brasileiros que passaram por situações de conflito com portugueses, por causa dessas diferenças.

Para além da questão dessas distinções “culturais”, Rita também afirmou que o intercâmbio serviu para ela ter a certeza de que “lá não é seu lugar”:

Quando eu voltei e cheguei no Rio, você chega naquela rodoviária cheia de gente de Havaianas, tipo, bermuda, aquele calor dos infernos e o pessoal falando alto e reclamando e não sei o quê, sabe? E aí eu me sinto em casa, sabe? Não aquela pomposidade, aquelas pessoas que não se cumprimentam, sabe? Eu não consigo me acostumar com esse tipo de coisa, assim, eu acho, não é que, não são pessoas frias, mas é muito diferente. Pra quem tá acostumado com o calor brasileiro, sabe? Eu não sei, eu acho tudo muito certinho assim, sabe? Eu não gosto dessa coisa certinha... (RITA, entrevista após o retorno, 09/09/14)

Ricardo também foi confrontado, na Coreia do Sul, com as representações cristalizadas em torno do Brasil e de “ser brasileiro”. Entretanto, lá a conotação em torno desta representação era positivada.

Existe muito preconceito, assim, talvez não seja, talvez você não possa dizer que seja um preconceito ruim, talvez, mas que você seja uma pessoa extrovertida. Assim, acho que um preconceito natural, que você tem povos mais extrovertidos e povos mais introvertidos, então você naturalmente vai ser uma pessoa extrovertida, fácil de fazer amizade e tal. Você é recebido muito bem como brasileiro lá. Apesar deles terem preconceito com vários povos, assim, um preconceito mais danoso mesmo, no caso do brasileiro você não tem isso, eles têm isso, por exemplo, com o povo chinês. Não é assim, um preconceito tão danoso quanto a gente pensa, assim, que a gente tem com muitos povos, mesmo dentro do Brasil, igual assim, quando o pessoal do sul fala dos nordestinos. A coisa não é isso, mas eles têm preconceito com chinês porque eles acham que a China é um país sem lei e aí é outra história, [...] Eles acham que nós somos extremamente extrovertidos, eles acham que nós somos totalmente sem pudor, graças, talvez, ao carnaval, e tudo que eles tenham visto a esse respeito. (RICARDO, entrevista após o retorno, 18/11/14)

Carla também viveu uma experiência de “ser brasileira” na Argentina de forma positivada. Segunda ela, na Argentina, ao dizer que se é brasileiro, as pessoas gostam de saber, fazem referência ao Rio, ao Carnaval, sendo que muitos já vieram ao Brasil e os que não vieram tem vontade. Muito pela situação limítrofe dos dois países, o imaginário do Brasil que recheia a Europa não encontra eco nos países vizinhos.

Tiago vivenciou na Europa muito desse ideal em torno da identidade brasileira, porém afirmou que a imagem sobre o Brasil tem mudado, segundo ele, para melhor. Ele conseguiu observar isso ao fazer uma comparação com a primeira vez que esteve na Europa e agora.

Ah, a recepção, a imagem que as pessoas de fora têm do Brasil, a meu ver, é muito positiva, não sei, tem sempre aquele estereótipo de futebol, samba, essas coisas assim, mas em geral, eu me surpreendi cada vez mais, porque, quando eu fui da primeira vez ainda tinha gente que perguntava: “ah, no Brasil fala espanhol?”, essas perguntas assim, meio esdrúxulas. Aí dessa vez que eu fui já tava todo mundo sabendo da Copa do Mundo, todo mundo já sabia um pouco do Brasil: “Ah, Rio de Janeiro, São Paulo, essas coisas assim. Então, eu acho que a imagem do Brasil tem melhorado cada vez - assim, ao meu ver, o que eu percebi, a imagem do Brasil e o conhecimento do Brasil pros estrangeiros tem aumentado. E, em relação a ser brasileiro fora, sei lá, é das melhores experiências que eu tive foi, foi carregando o nome de ser brasileiro mesmo, porque as pessoas foram muito, acho que foram muito simpáticas, tem um estereótipo positivo até do brasileiro, que é divertido e tudo “ah, mas você é brasileiro, veio do Brasil, que legal. (TIAGO, entrevista após o retorno, 24/09/14)

Carlos também disse ter tido essa impressão nos Estados Unidos. Apesar de ser confrontado com as representações tradicionais acerca da identidade brasileira, como sermos um povo “festeiro”, “aberto”, “depravado sexualmente”, “que abraça” – ele mesmo disse que, ao fazer o curso para estrangeiros na primeira semana, conseguia identificar quem era brasileiro, apenas pelo olhar, e afirmou que os americanos estavam atentos e ligados com o que acontecia no Brasil.

Quando eu falava que era brasileiro, eles sempre remetiam a alguma coisa: “ah, o papa visitou vocês”, “visitou”; “ah, é a copa do mundo ou as olimpíadas?”. Eles são muito atentos no que tá acontecendo em geral. Não tem uma coisa “ah, você é brasileiro”, tinha um lado positivo também, eles tão por dentro das coisas que acontecem aqui, dos grandes eventos, claro. (CARLOS, entrevista após o retorno, 01/08/14)

A partir dos apontamentos acima apresentados, fica claro que esses intercambistas, ao saírem do Brasil, passam obrigatoriamente a operar nos termos de uma identidade nacional, recusando ou aceitando as representações externas em torno do que é “ser brasileiro”. Eu também fui confrontado com tais representações quando fiz intercâmbio, em diversas situações, mas uma em específico cabe relatar. Eu e vários outros brasileiros, de diferentes cursos e lugares no Brasil, fazíamos uma disciplina de inglês com uma professora britânica. A professora, com grandes dificuldades em falar português, desde o início teve problemas para dialogar com toda a turma – alguns alunos não tinham conhecimento suficiente de inglês para pedir uma orientação a ela depois da aula, por exemplo. Esses impasses entre nós brasileiros e a professora se deu em diferentes momentos. Desde o uso do livro para a aula – iríamos usar 1/3 do total do livro, mas fomos obrigados a comprá-lo, pois a professora não tolerava a

prática da fotocópia (que custava em torno de 100 reais à época) – até o discurso usado em sala. Qualquer menção a festa, sexo, futebol ou outro tema diretamente relacionado à representação usual sobre o Brasil, a professora se referia diretamente a nós brasileiros, de forma pejorativa. Enquanto alguns de nós preferíamos ficar em silêncio, outros concordavam com ela, reafirmando aquelas características.

Longe de termos todas aquelas características que ela usualmente atribuía à nossa nacionalidade, incorporar o discurso do “ser brasileiro” nos dava um lugar e nos diferenciava de quem não era. Nos moldes de Ribeiro (1998), a experiência migratória internacional consiste, exatamente, na justaposição de duas formas de representar pertencimento. Uma relacionada à experiência prévia do migrante e a outra referente à nova situação. Desta forma, o migrante precisa, em certa medida, reificar mas também ressignificar a identidade nacional brasileira, com vistas a interagir e demarcar seu lugar em terra estrangeira.

Considerando que constituir sua identidade é se posicionar como sujeito (HALL, 2011), os sujeitos obrigatoriamente, ao se deslocar por diferentes contextos, acabam por criar distintas representações para diferentes pertencimentos. Conforme afirma Ribeiro (1998, p. 16), “levado ao paroxismo, o rearranjo radical das formas de representar pertencimento é a base da dinâmica do que pode ser verdadeiramente chamado de identidades transnacionais.”. Talvez o que o intercâmbio possibilite a quem o faz é justamente conseguir ampliar seu campo de possibilidades de tal forma que, ao se ver em contextos e situações distintas, consegue se apropriar daquela gramática cultural e gerar novas formas de pertencimento. A transnacionalidade, ou seja, a capacidade de transitar entre diferentes Estados-nações, dialogando com suas representações e ultrapassando as definições arbitrárias de cidadania (KEARNEY, 1995), talvez seja a principal herança que os intercâmbios deixam na trajetória de quem o faz.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRAJETÓRIAS ESTUDANTIS, DISPUTA DE SABERES E A ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA**

A presente investigação iniciou-se há tempos atrás, quando eu, ainda em intercâmbio, observava como aquela experiência era algo tão significativo tanto para mim como para todos aqueles que conheci em Portugal e na Europa como um todo. Aquela experiência, que era considerada “única” por todos que a vivenciavam, acabava ganhando uma dimensão importante na vida daqueles atores e com enormes repercussões socioculturais. Logo, pensei que podia encontrar ali um objeto de estudo interessante, que ainda era pouco explorado pelas ciências sociais brasileira. Além de ser um rico objeto de investigação, pensar o intercâmbio me permitiria contribuir com uma discussão mais ampla sobre método e relação pesquisador-objeto, assunto tão debatido, mas longe de estar esgotado. O objeto também possibilitaria refletir acerca das disputas geopolíticas no campo da ciência e da configuração do campo acadêmico no mundo contemporâneo. De alguma forma, essas reflexões iniciais nortearam todo o meu trabalho, sendo que, em algumas, consegui me aprofundar melhor, enquanto, em outras, o resultado não foi tão satisfatório. Cabe retomar agora, à guisa de conclusão, alguns dos apontamentos feitos durante o trabalho. Apresentarei tais elementos a partir de dois tópicos, sendo o primeiro em torno da ampliação do potencial de metamorfose a partir da experiência do intercâmbio e, o segundo, em torno da disputa científica e de que forma podemos pensar a antropologia contemporânea, tendo como ponto de partida a presente investigação.

### **5.1 TRAJETÓRIAS DOS INTERCAMBISTAS: ALARGAMENTO DO CAMPO DE POSSIBILIDADES E A AMPLIAÇÃO DO POTENCIAL DE METAMORFOSE**

Os intercâmbios, ao permitir que os sujeitos alarguem significativamente seus campos de possibilidades, se tornam um “divisor-de-águas” na vida dessas pessoas. Ao retornarem para seus países de origem, elas continuam a pensar em escalas amplas e muitas vezes reinventam, localmente, práticas e hábitos globais – muitos criam, em seus países de origem, associações e eventos para interagir com estudantes estrangeiros, compartilhando significados, perspectivas ou mesmo o uso de língua estrangeira, prática que não é possível na

interação em suas redes de relações locais. Nessas oportunidades, como em outras, a experiência do intercâmbio é sempre invocada, ora com nostalgia, ora como elemento diferenciador, ora como possibilidade de outra viagem futura.

Além dos efeitos nas trajetórias individuais de quem os praticam, este tipo de deslocamento também mobiliza uma série de significados políticos, sociais e culturais de tais experiências, que passa pelas construções identitárias, distinções e valorações, bem como implicações políticas e morais. Para além do saber formal e objetivo almejado nas migrações por motivos estudantis, os saberes subjetivos, as experiências vivenciadas por eles durante todo o processo se torna um valor em si mesmo. Morar fora é adquirir novos equipamentos simbólicos que facilitam as representações sociais; cruzar fronteiras que permitem observar e aprender outras formas de vivência; ampliar as experiências com o mundo e adquirir um patrimônio cultural diferenciado, alargando o repertório cultural e linguístico de forma que se torne possível dialogar com um universo intelectual e político mais amplo.

Entretanto, tais processos são vivenciados de diferentes formas. Na Europa Ocidental, por exemplo, há uma valorização de certo *ethos cosmopolita*, através do qual se incentiva seus jovens a conhecerem e vivenciarem diferentes realidades, mantendo uma tradição secular daquele continente de desbravar e conhecer novas realidades e culturas, haja vista essa ênfase através da dimensão do Programa Erasmus dentro da União Europeia, em que também enfatizam o “cultivo da tolerância à diversidade”. Há, porém, outras formas de se pensar esse *ethos*. No continente africano, por exemplo, foram vários os autores que adotaram posicionamentos muito críticos a esses deslocamentos (FANON, 1979), pois incorporar esse *ethos cosmopolita* passava necessariamente por adotar uma visão de mundo e uma corporalidade que negava toda a tradição construída naquele continente, que serviu, por muito tempo, como fonte exploradora para manter e nutrir a cultura ocidental moderna. Dessa forma, os africanos conheceriam uma gramática cultural europeia que colocou em xeque suas práticas, costumes e significados.

O intercâmbio, portanto, ultrapassa a constituição de apenas um *ethos*, ou seja, um estilo de vida, mas acaba por forjar determinada forma de compreender e lidar com as diferentes gramáticas culturais. Esta plasticidade e capacidade de transformação, que Velho (2003) denomina “potencial de metamorfose”, é potencializada e ampliada a partir dessa experiência. Para o autor este potencial pode ser traduzido na capacidade do agente social em mover-se entre diferentes províncias de significado. Esse potencial, porém, está distribuído desigualmente por toda a sociedade e o repertório de papéis sociais não está situado em um único plano, tampouco sua existência está condicionada a essas diferentes realidades.

Velho ressalta, entretanto, que “a noção de metamorfose deve ser usada com o devido cuidado, pois os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsito entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência [...]” (VELHO, 2003, p.27). No caso aqui analisado, estes sujeitos, ao vivenciarem diferentes lugares e experiências, alargaram substancialmente seus campos de possibilidades, como já apresentado acima. Entretanto, seus referenciais e significações identitárias ainda se mantiveram atrelados e vinculados ao seu local de partida.

O trânsito entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente, graças à natureza simbólica da construção social da realidade [...] A metamorfose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. Assim, eles não se esgotam numa dimensão biológico-psicologizante, mas se transformam não por volição, mas porque fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade. (VELHO, 2003, p. 29-30)

É inegável, portanto, que a prática do intercâmbio, a partir das experiências apresentadas durante este trabalho, altera profundamente o potencial de metamorfose daqueles estudantes, sendo que todos afirmaram não serem mais os mesmos após a experiência. Em alguns casos isso fica mais claro, como Carlos, que fez da possibilidade de aprofundar na carreira teatral uma escolha real, ou Ricardo, que se apropriou das tecnologias e as incorporou em sua vida de forma determinante; ou mesmo inaptidão para esse trânsito entre diferentes domínios, como Adriana, que viveu em Paris o contrário do que imaginava viver antes de viajar.

De qualquer forma, fazer intercâmbio obrigou os interlocutores dessa pesquisa a estarem em ambientes estranhos e desafiadores, sendo a elaboração posterior da experiência, em cada trajetória, distinta e singular. Porém, a necessidade de reelaborar a compreensão do mundo e a perspectiva de futuro após a vivência como “estrangeiro” foi algo comum a todos estes que se dispuseram a viver um período de suas vidas em um outro país.

## 5.2 HEGEMONIAS EPISTEMOLÓGICAS, DISPUTAS CIENTÍFICAS E O PAPEL DA ANTROPOLOGIA HOJE

Conforme discutido com mais atenção no quarto capítulo deste trabalho, pensar em deslocamentos estudantis pressupõe identificar o sentido destes fluxos e seus significados. Longe de ser apenas um tipo de migração, o intercâmbio aparece como um mecanismo importante na manutenção de hegemonias epistemológicas e políticas. Porém, há que se considerar também a capacidade dos atores em resistirem, reapropriarem e ressignificarem diferentes perspectivas e horizontes.

A antropologia, há algum tempo, tem feito uma leitura muito crítica acerca de seu passado e de sua origem. Desde as formulações iniciais do evolucionismo, que embasavam políticas imperialistas e eurocêntricas, bem como as famosas etnografias do século XX, que serviram tanto às guerras – como a etnografia de Ruth Benedict no Japão – como ao colonialismo e dominação territorial na África e Ásia – como as diferentes etnografias dos funcionalistas britânicos – a disciplina esteve, por muito tempo, atrelada ao centro político, econômico e epistemológico do ocidente.

Ao discutir o papel e posição da antropologia, que adquiriu este status, sobretudo, pela relação que estabeleceu com seu objeto, acabou-se por discutir o próprio objeto em si. Tornava-se inconcebível a ideia de que era possível acessar uma cultura e explicá-la em sua totalidade, de forma racional e objetiva. Geertz (1989), recuperando a tradição hermenêutica, afirmou que a cultura deveria ser entendida como uma “teia de significados”, cabendo o antropólogo interpretá-la, espiando-a pelas “costas” do nativo. O significado se constitui, sobretudo, a partir da linguagem e ela só pode ser acessada, em sua totalidade, por quem dela faz parte (WITTGENSTEIN, 1999). Logo, cabe ao antropólogo a interpretação.

Para os pós-modernos, a relação antropólogo-nativo, por ser essencialmente assimétrica, pressupõe que o antropólogo se constitui como tal muito mais pela narrativa sobre sua viagem – a autoridade etnográfica do “estar lá” (CLIFFORD, 1998) – do que pela objetividade com que coleta seus dados. Geertz (2005) aponta opinião semelhante ao dizer que os antropólogos “de sucesso” da disciplina se constituem como tal muito mais por suas habilidades de escrita do que pela cientificidade da investigação realizada.

A ideia de alteridade, tão bem demarcada quando a geopolítica da antropologia seguia a geopolítica mundial, dividida em metrópole e colônia ou centro e periferia, havia se tornado um “problema” a ser resolvido. Como definir o “outro” a ser investigado e como garantir o estranhamento necessário para a reflexão antropológica também passou a ser outro desafio. O



“exótico” não estava mais circunscrito a determinado território, geralmente em terras longínquas. Inclusive, essa ideia de relação direta entre determinada cultura e determinado lugar passou a ser passível de questionamento. (GUPTA e FERGUSON, 1992).

Muitos foram os antropólogos que passaram a discutir como se fazer antropologia frente aos novos cenários, dada a “impossibilidade” de acessarmos culturas distintas de forma plena e objetiva. Os pós-modernos, politizando todas as facetas do trabalho antropológico, dizia ser necessário fazer uma antropologia dialógica, em que o nativo falasse por si mesmo, sem qualquer edição textual e literária do antropólogo. Favret-Saada (2005), impossibilitada de acessar o tema da feitiçaria entre seus nativos, deixa “ser afetada”, ultrapassando a “opacidade” dos sujeitos ao se permitir uma experiência em campo com uma “comunicação não verbal, não intencional e involuntária, ao surgimento e ao livre jogo de afetos desprovidos de representação” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 161). Wacquant, ao buscar desvendar o mundo do pugilismo norte-americano, se tornou ele próprio um lutador e passou a cunhar o termo de “participação observante”, invertendo a dualidade da observação participante, pois só depois de ter passado por tudo que um nativo passa é que se é possível objetivar essa experiência e construir o objeto. Em suas palavras “vá, torne-se um indígena, mas volte como um sociólogo!” (WACQUANT, 2008, p. 476).

Marcus (2001), frente à complexidade do mundo contemporâneo, defende a constituição de uma etnografia multi-situada, capaz de conseguir apreender os fenômenos culturais contemporâneos a partir de novas formas de trabalho de campo. Para tal, seria importante eleger seus objetos e segui-los, através de suas redes e fluxos. Objetos, pessoas, metáforas, conflitos entre outras dimensões poderiam ser eleitas como tal para serem acompanhadas.

Geertz (2001), frente ao desafio, para a antropologia contemporânea, de conseguir investigar os “outros” que estão cada vez mais perto de “nós”, afirmou que as fronteiras sociais e culturais estão cada vez mais difusas, sendo que é preciso buscar os elementos que separam os diferentes grupos culturais. Nesse contexto, caberia à antropologia colocar o “nós particulares” entre os “eles particulares”, permitindo que o conhecimento e a vivência dessa diversidade sejam mútuos. Ele defende, porém, que a antropologia continua ainda necessária, pois é através dela que será possível imaginar e tornar visível, com consistência, as diferenças, suas formas e aspectos. Logo, a antropologia é fundamental para que fortaleça nossa capacidade de imaginação para apreender o que está diante de nós, os usos da diversidade e do seu estudo. Longe de defender um cosmopolitismo vazio ou um provincianismo inflexível,

a antropologia tem como papel garantir um diálogo cada vez mais fraterno e produtivo entre grupos e culturas.

Iniciei este trabalho com uma reflexão metodológica acerca do meu objeto e concluí-o novamente com essa discussão. Frente ao meu objeto, fragmentado, marcado por discontinuidades, pertencente a meu meio social, protagonizando um fenômeno que eu tinha vivenciado anos atrás, o desafio de pensar antropologicamente os intercâmbios acadêmicos era gigante. Entretanto, ao focar nos indivíduos que operaram este fenômeno, foi possível observar como os agentes, longe de serem meros atores encenando uma peça já montada, usam de sua agência para ressignificar tais práticas e dar novas dinâmicas para políticas e projetos que já são concebidos com propostas pré-determinadas. Cunha (2009) afirmou que os indivíduos operam concomitantemente em diferentes escalas, sendo cada qual com sua própria organização. Nos seus termos, “um mesmo indivíduo é um membro de uma casa específica na aldeia, é um krahô em relação a outros grupos étnicos vizinhos, é um índio diante do Congresso Nacional [...] e pertence a um povo tradicional na ONU” (CUNHA, 2009, p.371). A relação dialética estabelecida entre estes diferentes níveis gera a dinâmica cultural necessária para a vida em sociedade. Talvez não caiba mais a antropologia hoje buscar “estranhos” em terra natal, mas buscar, nos semelhantes, como estes diferentes níveis operam e são constituídos, compreendendo que, a partir das diferentes facetas de um mesmo fenômeno, é possível descortinar, mesmo que de forma provisória e limitada, as distintas formas de ser e estar no mundo hoje vigentes, deslocando a ideia de alteridade para um lugar bem mais próximo, porém ainda distante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P.M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira** – análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira** – análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. **Public Culture**, v. 2, n. 2, p. 1-24, 1990.

APPIAH, Kwame Anthony. Patriotas Cosmopolitas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13 n. 36, p. 79-94, fev. 1998.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Bertrand Editora, 1994.

BARRETO, Alessandra S; DUTRA, Rogéria C.de A. Quando o campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais. **Antropolítica**, Niterói, v1, n. 32, p.65-85, 2012.

BARROS, Flávia L.; RIBEIRO, Gustavo L. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade na contemporaneidade. **Série Antropologia Vol. 171**, Brasília: DAN/UnB, 1994.

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BERG, Mette Louise. O desafio de encontrar e definir “o terreno”: reflexões em torno de uma investigação entre a diáspora cubana em Madrid. In: In: LIMA, Antónia Pedrosa de; SARRÓ, Ramon. (orgs.). **Terrenos metropolitanos** – Ensaios sobre a produção etnográfica. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **A distinção.** Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRUM, Ceres Karam. **Maison du Brésil** – um território brasileiro em Paris. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

CALVO, Daniel Malet. Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad. **Etnográfica**, v. 1, n.17, p. 31-50, 2013.

CAPINHA, Graça. A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da (s) identidade(s). In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça. **Identities** – estudos de cultura e poder. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe:** postcolonial thought and historical difference. Princeton: Princeton University Press, 2000.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONTEL, Fábio Betioli; LIMA, Manolita Correia. Aspectos da internacionalização do ensino superior: origem e destino dos estudantes estrangeiros no mundo atual. **INTERNEXT** – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 167-193, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Internacionalização da Educação Superior:** nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2009

DIAS, Guilherme Mansur. **Experiências de trabalho temporário nos Estados Unidos:** uma abordagem etnográfica do Okemo. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FRAZER, James. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982 [1890].

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. Os usos da diversidade. In: GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 68 – 85

\_\_\_\_\_. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 85-107.

\_\_\_\_\_. **Obras e vidas**. O antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GELLNER, Ernest. **Linguagem e Solidão**. Uma interpretação do pensamento de Wittgenstein e Malinowski. Lisboa: Edições 70, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.

GUIA do Consórcio das Universidades Federais da Região Sul-Sudeste de Minas Gerais. [S.l.]: UFSJ, 2011.

GUNEW, Sneja. Inflexões subalternas nos cosmopolitismos vernaculares. **Aletria**, v.19, n. 1, p. 20-42, jan/jun. 2009.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Beyond “Culture”: Space, Identity and the Politics of Difference. **Cultural Anthropology**, v.7, n.1, February, p. 6-23, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, v 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1996.

HERRERA, Miguel H.; PASSERINO, Liliana M. Estigma e Ciberespaço: desafios da netnografia como metodologia para pesquisa de redes temáticas na blogosfera. **CINTED - UFRGS**, v. 6, n. 2, 2008.

KEARNEY, M. The Local and the Global: The Anthropology of Globalization and Transnationalism. **Annual Review of Anthropology**, Vol. 24, p. 547-565, 1995.

KOZINETS, R. “The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities”. **J. Mark. Res.**, v. 39, p. 61-72, 2002.

LAIER, Aline Cristina. **Ensino “além mar”**: trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora – MG. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

LIMA, Antónia Pedroso de; SARRÓ, Ramon. Introdução – Já dizia Malinowski: sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica. In: LIMA, Antónia Pedroso de; SARRÓ, Ramon . (orgs.). **Terrenos metropolitanos** – Ensaio sobre a produção etnográfica. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

LIMA, Roberto Kant de. **Antropologia da academia**: quando os índios somos nós. Niterói: EDUFF, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Paulo Civita Editor, 1978 [1922].

\_\_\_\_\_. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997 [1967].

MAPRIL, José. Passageiros de Schengen: a dialética entre fluxo e encerramento no trabalho de campo. In: LIMA, Antónia Pedroso de; SARRÓ, Ramon. (orgs.). **Terrenos metropolitanos** – Ensaio sobre a produção etnográfica. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, v.11, n. 22, p. 111-127, 2001.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo : Cosac Naif, 2003a.

\_\_\_\_\_. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac&Naif, 2003b.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.

NUNES, João Arriscado. Teoria Crítica, cultura e ciência: O(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p.301-344

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAULA, Jéssica Nathália de. O *habitus* cosmopolita: repensando identidades e deslocamentos. In: **Anais do Simpósio de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFU**. Uberlândia, 2012.

PETERS, Gabriel. Configurações e reconfigurações na teoria do *habitus*: um percurso. In: **Anais XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Rio de Janeiro, 2009.

PINA CABRAL, João de. Reflexões finais. In: LIMA, Antónia Pedroso de; SARRÓ, Ramon. (orgs.). **Terrenos metropolitanos – Ensaio sobre a produção etnográfica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

RAPPORT, Nigel. Em louvor do cosmopolita irônico: Nacionalismo, o “judeu errante” e a cidade pós-nacional. **Revista de antropologia**, São Paulo, USP, v. 45 nº 1, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. **Série Antropologia Vol. 235**, Brasília: DAN/UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. Antropologia da globalização. Circulação de pessoas, mercadorias e informações. **Série Antropologia Vol. 435**, Brasília: DAN/UnB, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins; ESCOBAR, Arturo (orgs.). **Antropologias mundiais** – transformações da disciplina em sistemas de poder. Brasília: Editora UNB, 2012

ROJO, Luiz Fernando. Rompendo tabus: a subjetividade erótica no trabalho de campo. **Cadernos de Campo**, n.12, págs. 41-56, 2004.

SAID, Edward W. **Orientalismo** – O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 25-102

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2010.

SILVA, Fabiola Paulino. **Os efeitos de diferentes estratégias de vida sobre o status socioeconômico ocupacional e o rendimento**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: Evaristo Moraes Filho (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 [1898], pp. 182-188.

SOBRINHO, José Dias. Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? **Revista Brasileira de Educação**. no.28 Rio de Janeiro Jan./Apr. p. 164-173, 2005.

STOCKING JR., George W. Afterword: a view from the center. **Ethnos**, v. 47, n. 1-2, p 172-186, 1982.

TENHO ACESSO a tecnologia que não teria no Brasil', diz bolsista do CsF. **G1**, São Paulo, 13/11/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/11/tenho-acesso-tecnologia-que-nao-teria-no-brasil-diz-bolsista-do-csf.html>>. Acesso em: 10/01/15

TILLY, Charles. O acesso desigual ao conhecimento científico. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 47-64, novembro de 2006.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.



VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira – sistemas cognitivos e sistemas de crença. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 31, p. 121-129, outubro 1991.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e Cultura** – notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose** – antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. MetrÓpole, cosmopolitismo, mediação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 15-23, jan./jun. 2010.

WACQUANT, Loïc. O corpo, o gueto e o Estado penal: entrevista com Loïc Wacquant. (2008). **Etnográfica**, v. 12, n.2, p. 455-486, novembro de 2008. Entrevista concedida a Susana Durão.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Origin of the Modern World System**. Nova Iorque: Academic Press, 1974.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Edição Os Pensadores).